

Patrícia Fernanda Gonçalves Martins

Ser Professor.

Iniciação à prática profissional e
docente em História e em Geografia.



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Departamento de Psicologia e Educação

Abril de 2015

Patrícia Fernanda Gonçalves Martins

Ser Professor.

Iniciação à prática profissional e docente em História e em Geografia.

Relatório de Prática Pedagógica apresentado à Universidade Portucalense Infante D. Henrique, para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Marta Abelha

Consultoria científica de História: Professora Doutora Isabel Freitas

Consultoria científica de Geografia: Professor Doutor Bruno Martins

Orientadores de Estágio: Professora Marta Pinto / Professora Elza Mesquita



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Departamento de Psicologia e Educação

Abril de 2015

Agradecimentos

Na elaboração do presente relatório, quero agradecer à Professora Doutora Isabel Freitas, pelo auxílio evidenciado ao longo do ciclo de estudos.

Aos Professores Doutores Bruno Martins e João Santos por todos os esclarecimentos no âmbito da Geografia.

À Professora Doutora Marta Abelha pela sua disponibilidade e conselhos úteis, tanto para o desenvolvimento deste relatório, como para a desejada evolução profissional.

À Professora Doutora Ana Sílvia Albuquerque, enquanto coordenadora do mestrado, pelo trabalho quotidiano em prol dos alunos e do Mestrado.

A todos os meus Professores e colegas do mestrado, com quem pude aprender tanto, em especial aos meus colegas Márcia Carvalhido, Luís Oliveira, Nuno e Cristiana, o André Teixeira pela partilha dos seus conhecimentos, pelo apoio, amizade e as palavras sempre reconfortantes que me ajudaram a trilhar este percurso. À Marlene Rodrigues e à Márcia Carvalhido pela amizade e incentivos constantes.

Continuo a agradecer aos meus Professores, nomeadamente ao Professor Doutor Eusébio André, pelo apoio, incentivo e palavras de motivação neste percurso, à Professora Doutora Cristina Costa Lobo, à Professora Doutora Fátima Braga, ao Professor Doutor Bruno Martins, ao Professor Doutor João Santos, à Professora Doutora Marta Abelha que me acompanharam neste percurso e apoiaram.

Finalmente, entendendo cada vez melhor o papel de todos e a cada um dos meus mestres agradeço as experiências positivas que me proporcionaram.

Quero agradecer à minha família, em especial aos meus pais, Manuel e Júlia Martins, aos meus irmãos Norberto, Sara, Susana Martins. E, em especial, ao Hugo Gomes pelo seu carinho e por estar sempre presente em todos os momentos desta caminhada. Foi um apoio fundamental enquanto catalisador e estabilizador emocional.

Obrigada a todos que, direta ou indiretamente, possibilitaram a efetivação deste meu sonho.

“Ensinar é uma forma de ganhar a vida mas, sobretudo, é uma forma de ganhar a vida dos outros... a função de um professor competente e entusiasta é uma das profissões mais belas que existem. Uma função que dá vida, dá palavra, abre a inteligência, dá liberdade”.

(Lledó, 2000, p.45)”

Resumo

A realização do presente relatório de estágio de Prática Pedagógica no Ensino da História e da Geografia tem como objetivo demonstrar a nossa intervenção educativa, isto é, o nosso desempenho enquanto professora estagiária numa turma da Escola EB 2/3 do Viso, do 8º ano de escolaridade durante o ano letivo de 2012/2013.

Neste sentido, é dado a conhecer todo o contexto em que se desenvolveu a Prática Pedagógica, nomeadamente: a descrição de funções do estudante de Prática Pedagógica, a caracterização e fundamentação das atividades realizadas, participação na vida escolar, reflexão sobre os resultados obtidos e contributos para o nosso desenvolvimento profissional docente.

Realizámos, ainda, um estudo sobre metodologias de ensino na área da História e Geografia.

Durante a Prática Pedagógica assumimos uma postura de reflexão crítica sobre as ações, decisões e posturas que adotámos, pois um professor reflexivo é um profissional que pensa constantemente nas suas práticas, e deve estar aberto à inovação, com vista a uma reconstrução constante dos seus saberes e metodologias.

Procurámos sempre que os alunos fossem e estivessem motivados, isto é, estivessem predispostos a aprender, e a construir o seu próprio conhecimento.

Palavras-chave: Prática Pedagógica, Reflexão, Metodologias de ensino, História e Geografia.

Abstract

The present internship report in Pedagogy Practice in Teaching History and Geography main objective is to demonstrate our education intervention as an intern teacher of an 8th grade class in the Viso EB 2/3 school during the 2012/2013 academic school year.

It explains the context in which the Pedagogy Practice was developed, particularly: the description of the functions of a Pedagogy Practice student, the characterization and grounding of the performed activities, the participation in school life, and a reflection on the obtained results and contributions to our professional development as teachers

A study on the teaching methodologies used in the fields of History and Geography was also accomplished.

During the Pedagogy Practice, we assumed an attitude of critical reflection on the actions, decisions and attitudes that we adopted because a reflective teacher is a professional that thinks constantly in its practices and should be open to innovation with the purpose of a constant reconstruction of its knowledge and methodologies.

We always sought student motivation, namely, their predisposition to lean and building their own knowledge.

Keywords: Pedagogy Practice, Reflection, Teaching Methodologies, History and Geography.

Sumário

Introdução	14
Capítulo 1	
1. Descrição do contexto da Prática Pedagógica	18
1.1 Caracterização da instituição de acolhimento	18
1.2 Descrição das funções do profissional e do seu papel enquanto estudante da Prática Pedagógica na instituição	22
Capítulo 2	
2. Explicitação do plano de Prática Pedagógica em História e em Geografia	29
2.1 Cronogramas de actividades	30
2.2 Caracterização das turmas	34
Capítulo 3	
3. Descrição e fundamentação das atividades de Prática Pedagógica	37
3.1 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História	39
3.2 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia	51
3.3 Participação na escola e relação com a comunidade	61
Capítulo 4	
4. Reflexão crítica fundamentada sobre os resultados obtidos de aprendizagem	66
4.1 Os resultados obtidos na aprendizagem	67
4.1.1 A avaliação sumativa em História	67
4.1.2 A avaliação sumativa em Geografia	72
4.1.3 Estudo – Metodologias no Ensino da História	74
4.1.4 Estudo – Metodologias no Ensino da Geografia	97
4.2 Desenvolvimento profissional docente	121
Conclusões	124
Referências bibliográficas	129
Lista de Anexos	131

Índice de tabelas

Tabela 1 - Aulas observadas em História e Geografia.	33
Tabela 2 - Aulas lecionadas em História e Geografia.	33
Tabela 3 - Participação na escola e relação com a comunidade.	34
Tabela 4 - Reuniões formais do núcleo de estágio.	34
Tabela 5 - Reunião do Conselho de Turma.....	35
Tabela 6 - Reunião de Departamento.	35
Tabela 7 - Cronograma de atividades realizadas na área de Geografia. ...	Error!
Bookmark not defined.	
Tabela 8 - Cronograma de atividades realizadas na área de História	Error!
Bookmark not defined.	

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Resultados das questão 2.2	69
Gráfico 2 - Resultados da questão 2.3.	70
Gráfico 3 - Resultados da questão 5.3.	71
Gráfico 4 - Resultados da questão 6.	71
Gráfico 5 - Resultado da questão 6.3.	73
Gráfico 6 - Distribuição etária dos alunos inquiridos em História	76
Gráfico 7 - Sexo dos inquiridos em História	76
Gráfico 8 - Distribuição etária dos inquiridos pelo ano de escolaridade	77
Gráfico 9 - Agregado familiar dos alunos inquiridos em História	77
Gráfico 10 - Percentagem dos alunos que reprovaram	79
Gráfico 11 - Anos em que os alunos inquiridos em História reprovaram de ano.	79
Gráfico 12 - Frequência de estudo diário dos alunos inquiridos em História....	80
Gráfico 13 - Local de estudo dos alunos inquiridos em História.....	81
Gráfico 14 - Percentagem dos alunos que possuem ajuda no estudo.	81
Gráfico 15 - Auxílio no estudo prestado aos alunos inquiridos em História.....	82
Gráfico 16 - Negativas obtidas pelos alunos inquiridos em História.....	83
Gráfico 17 - Disciplinas com maior número de níveis negativos	83
Gráfico 18 - Número de alunos inquiridos que gostam da disciplina de História	84
Gráfico 19 - Interesses dos alunos inquiridos pela disciplina de História	85
Gráfico 20 - Motivos que os alunos inquiridos pela disciplina de história não gostam da disciplina.....	86
Gráfico 21 - Temas de História que despertam mais interesse.....	87
Gráfico 22 - Atividades de História realizadas nas aulas dos inquiridos	93
Gráfico 23 – Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias.....	93
Gráfico 24 – O professor costuma expor a matéria.....	93
Gráfico 25 – Fazes Portefólio.....	93
Gráfico 26 – O teu professor anota as tuas ideias no quadro.....	94
Gráfico 27 – Resolves Situações- Problema.....	94
Gráfico 28 – Constróis esquemas.....	95
Gráfico 29 – Recebes convidados nas tuas aulas.....	95
Gráfico 30 - Composição do agregado familiar.....	96
Gráfico 31 - Idade dos alunos.....	97
Gráfico 32 - Sexo da amostra.....	98
Gráfico 33 - Escolaridade da amostra.....	98
Gráfico 34 - Composição do agregado familiar.....	99
Gráfico 35 - Percentagem de retenção da amostra.....	100
Gráfico 36 - Ano letivo de retenção.....	100
Gráfico 37 - Estudas Geografia todos os dias.....	101
Gráfico 38 – Qualificação do tempo de estudo em Geografia.....	102

Gráfico 39 - Local de estudo.....	102
Gráfico 40 - Identificação do local de estudo.....	103
Gráfico 41 - caracterização da forma de estudo – Sozinho/ acompanhado...	103
Gráfico 42 - Caracterização dos acompanhantes de estudo.....	103
Gráfico 43 - Caracterização do aproveitamento do ano letivo anterior.....	104
Gráfico 44 - Negativas obtidas pelos alunos inquiridos.....	104
Gráfico 45 - Caracterização das notas de Geografia do ano letivo anterior...	105
Gráfico 46 – Alunos inquiridos que gostam de Geografia.....	106
Gráfico 47- Gosto de Geografia porque valorizo o que acontece a nível local, regional e no mundo.....	106
Gráfico 48 - Não gosto de Geografia porque os temas abordados não são interessantes.....	107
Gráfico 49 - Não gosto de Geografia porque os temas são muito abstratos e pouco úteis.....	107
Gráfico 50 -Não gosto de Geografia porque não gosto de analisar e construir gráficos e mapas.....	107
Gráfico 51 -Não gosto de Geografia porque não gosto de analisar e construir gráficos e mapas.....	108
Gráfico 52 –Já desenhaste e analisaste mapa.....	109
Gráfico 53 –Já desenhaste e analisaste gráficos.....	110
Gráfico 54 – Com que frequência vês e comentas filmes/documentários.....	110
Gráfico 55 – Realizas trabalhos individuais de pesquisa.....	111
Gráfico 56 – Já trabalhaste em grupo.....	112
Gráfico 57 – Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias.....	112
Gráfico 58 – Discute assuntos nas aulas.....	113
Gráfico 59 – Realizas debates.....	113
Gráfico 60 – Já construístes dossiers temáticos.....	114
Gráfico 61 – É habitual fazeres resumos.....	114
Gráfico 62 – Já fizeste visitas de estudo através da Internet.....	115
Gráfico 63 – Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias.....	115
Gráfico 64 – O professor costuma expor a matéria.....	116
Gráfico 65 – Fazes portefólio.....	116
Gráfico 66 – O teu professor anota as tuas ideias no quadro.....	117
Gráfico 67 – O teu professor anota as tuas ideias no quadro.....	117
Gráfico 68 – Já fizeste trabalhos de campo.....	118
Gráfico 69 – Constróis esquemas.....	118
Gráfico 70 – Recebes convidados nas tuas aulas.....	119
Gráfico 71 – Participas em conferências sobre os temas lecionados nas aulas.....	119
Gráfico 72 – O professor usa tecnologias na sala de aula.....	120

Índice de figuras

Figura 1 - Situações-Problema diagnosticados na escola.....	21
Figura 2 - Imagem da cidade do Porto.	64
Figura 3 - Cartaz afixado na escola para publicitar o Colóquio sobre “As alterações Climáticas”	65

Índice de anexos

Anexo 1 - Ata de reunião do núcleo de estágio.....	132132
Anexo 2 - Ata da reunião de preparação das regências de História	13434
Anexo 3 - Plano de aula (Primeira aula de História).....	13535
Anexo 4 - Powerpoint utilizado na primeira aula de História	13939
Anexo 5 - Ficha formativa utilizada na primeira aula de História.....	14443
Anexo 6 - Ata de reunião pós primeira aula de História	14848
Anexo 7 - Ata de reunião pré segunda aula de História	14949
Anexo 8 - Plano de aula (2ª aula de História).....	15050
Anexo 9 - Powerpoint utilizado na segunda aula de história.	15453
Anexo 10 - Ficha formativa utilizada na primeira aula de História.....	15858
Anexo 11 - Atividade de avaliação formativa de História	16161
Anexo 12 - Ata de reunião pós segunda aula observada de História.....	16464
Anexo 13 - Ata de reunião pré primeira aula observada de Geografia.....	16666
Anexo 14 - Plano da primeira e segunda aula de Geografia.....	16767
Anexo 15 - Power Point utilizado na primeira aula de Geografia.	17272
Anexo 16 - Ata da Reunião pré primeira aula observada de Geografia.	17575
Anexo 17 - Ata da Reunião pré segunda aula observada de Geografia. ...	17777
Anexo 18 - Power Point utilizado na segunda aula de Geografia.....	17979
Anexo 19 - Ata da Reunião pós segunda aula observada de Geografia. ...	18082
Anexo 20 - Ficha formativa utilizada na segunda aula de Geografia.	18484
Anexo 21 - Pedido da "Visita de estudo ao centro histórico do Porto - Os Caminhos do Liberalismo".....	18686
Anexo 22 - Guião "Visita de estudo ao centro histórico do Porto - Os Caminhos do Liberalismo".....	19090
Anexo 23 - Fotos da "Visita de estudo ao centro histórico do Porto - Os Caminhos do Liberalismo".....	203
Anexo 24 - Cartaz do Colóquio em Geografia "As alterações Climáticas"	204
Anexo 25 - Fotografias do Colóquio em Geografia "As alterações Climáticas".	205
Anexo 26 - Teste de Avaliação Sumativa de História.....	206
Anexo 27 - Teste de Avaliação Sumativa de Geografia	211
Anexo 28 - Questionário de História aplicado	212
Anexo 29 - Questionário de Geografia aplicado a três turmas.....	217
Anexo 30 – Autorização da divulgação do nome da instituição.....	220

Lista de abreviaturas

EB - Escola Básica

PEA - Projeto Educativo do Agrupamento

TEIP - Território Educativo de Intervenção Prioritária

UPT - Universidade Portucalense

PPT - Power Point

PE – Projeto Educativo

RI – Regulamento Interno

PAA – Plano Anual de Atividades

PEE – Projeto Educativo de Escola

PCE – Projeto Curricular de Escola

PCA – Projeto Curricular de Agrupamento

DREN - Direção Regional de Educação do Norte

Introdução

O presente relatório, intitulado “Ser Professor. Iniciação à prática profissional e docente em História e em Geografia”, refere-se à última etapa do Mestrado em Ensino da História e da Geografia e visa, essencialmente dar a conhecer o trabalho realizado no âmbito da Prática Pedagógica.

Todo este trabalho inclui um conjunto de experiências que nos fez crescer como Professores à luz de uma nova visão acerca do que deve ou do que pode significar ensinar.

São objetivos deste ciclo de estudos, e conforme definido nas normas regulamentares (Portucalense, 2013):

- Adquirir e desenvolver competências no âmbito do desempenho docente na área da História e da Geografia;
- Aprofundar conhecimentos nas áreas científicas de História e de Geografia;
- Adquirir conhecimentos e competências nas áreas das didáticas específicas;
- Iniciar a prática profissional e obter formação em áreas fundamentais para o exercício da docência;
- Conhecer a escola, os seus atores e a comunidade envolvente;
- Aplicar o campo da ética e da deontologia profissional no exercício pessoal do serviço público de educação e ensino;
- Demonstrar capacidades investigativas, de pesquisa e problematização nas áreas de Ensino de História e Geografia;
- Conceber e desenvolver projetos educativos que, sustentados em processos de monitorização e avaliação, contribuam para a eficácia do Ensino de História e Geografia;
- Conceber projetos pedagógicos para integração de tecnologias educativas nas práticas educativas do Ensino de História e Geografia;

- Desenvolver atitudes práticas que permitam fazer do processo de ensino e de aprendizagem um campo de investigação permanente;
- Desenvolver a capacidade de reflexão do professor sobre a prática docente, consciencializando decisões, condutas e dilemas.

Através da prática pedagógica, observámos modelos de professores diferentes, formas de lecionar distintas. Assim, com esta experiência, é possível criar um modelo profissional próprio, o que confirma a grande importância da Prática Pedagógica.

Este relatório descreve o conjunto de atividades desenvolvidas durante o período de Prática Pedagógica em contexto de escola e apresenta alguns instrumentos, metodologias e estratégias utilizadas pela Professora Estagiária com o apoio dos Professores Cooperantes.

O presente relatório encontra-se estruturado em quatro capítulos, a saber:

Com a introdução, onde pretende-se mencionar os pressupostos e expectativas deste relatório e da Prática Pedagógica. No primeiro capítulo, encontramos a descrição da Instituição de acolhimento, a Escola Básica do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico do Viso e a descrição das funções do profissional e o seu papel como estudante de Prática Pedagógica.

No segundo capítulo, são apresentados os planos de Prática Pedagógica, nomeadamente, a apresentação dos cronogramas das atividades e respetiva carga horária. Ainda neste capítulo, são realizados os diagnósticos das necessidades e respetiva caracterização das turmas.

No terceiro capítulo, são descritas e fundamentadas as atividades da Prática Pedagógica, e analisada a participação na escola e relação com a comunidade.

No quarto capítulo é feita uma reflexão crítica sobre os resultados alcançados. São apresentadas as conclusões que pretendem dar uma visão global do trabalho desenvolvido, ao longo da Prática Pedagógica. Ainda neste capítulo, é descrito o estudo sobre metodologias no ensino da História e Geografia e é feita uma reflexão sobre o desempenho profissional da docente. Por último, seguem-se as Referências Bibliográficas e um conjunto de Anexos

com elementos que visam complementar a descrição da Prática Pedagógica desenvolvida.

Enquanto futura Professora, considero que a Prática Pedagógica em contexto de escola trouxe inúmeras aprendizagens, quer a nível pessoal, quer a nível profissional.

Em suma, ambiciona-se que este relatório demonstre a articulação entre os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo dos dois anos do Mestrado e a sua aplicação na prática pedagógica em contexto de sala de aula. Foi a Prática Pedagógica que possibilitou aplicar os conhecimentos, potenciando o desenvolvimento pessoal e profissional da Professora Estagiária.

Capítulo 1

Descrição do contexto de Prática Pedagógica

Capítulo 1 – Descrição do contexto da Prática Pedagógica

1.1 Caracterização da instituição de acolhimento

A Prática Pedagógica em contexto de escola no âmbito do Mestrado em Ensino da História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário foi realizada no ano letivo 2012/2013, na Escola Básica com 2º e 3º ciclos do Viso, a qual pertence ao Agrupamento Vertical de Escolas do Viso, parte integrante da Direção Regional de Educação do Norte (DREN).

Esta escola faz parte da rede de Agrupamentos, Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Uma realidade que existe em Portugal desde 1996 com o objetivo da promoção da igualdade de oportunidades no acesso e no sucesso educativos da população escolar (Costa, Mendes, & Sousa, 2001).

Todos os elementos presentes nesta caracterização reportam-se ao ano letivo de 2012/2013, e foram recolhidos a partir da:

- análise de vários documentos internos do Agrupamento, dos quais se destaca o Projeto Educativo do Agrupamento (PEA), o Regulamento Interno (RI), e o Plano Anual de Atividades (PAA);
- observação direta da escola e do contacto estabelecido com a comunidade escolar, principalmente, com os docentes cooperantes.

De acordo com o PEA, o Agrupamento está inserido na freguesia de Ramalde, que é “uma das maiores freguesias do concelho do Porto”, cujo tipo de habitação é essencialmente social (“existem 12 bairros sociais”) em coexistência com “um crescimento muito significativo de conjunto de residências de muita qualidade e até de luxo” (PEA, 2011, pp.6-7).

Desta forma, verificamos que o Agrupamento Vertical de Escolas do Viso pertence ao concelho do Porto e integra-se na Nomenclatura de Unidades Territoriais (NUT) III do Grande Porto. A escola E.B 2.3 do Viso encontra-se na freguesia de Ramalde do distrito do Porto.

O Agrupamento Vertical de Escolas do Viso é constituído por 6 Jardins-de-Infância, 4 Escolas EB 1 e por 1 EB 2.3, somando 1204 alunos (dados de 2006/2007) na sua maioria originárias dos Bairros do Viso, Campinas e Ramalde do Meio.

A população apresenta baixos níveis escolares, dado que é uma área da cidade que apresenta “graves problemas sociais como a precariedade económica, a desestruturação das relações familiares e a entrada precoce em trajetos pré e delinquência juvenil, para além da toxicodependência” (PEA, 2011, p.7).

Nos últimos anos, e principalmente devido à atual conjuntura, as condições económicas e sociais têm-se agravado. As famílias vivem com uma situação profissional bastante delicada, com a precariedade de vínculo laboral, com um rendimento mensal igual ou inferior ao salário mínimo nacional. Algumas destas famílias dependem também dos subsídios, como o Rendimento de Inserção Social (RSI) que é dado como forma de incentivo aos agregados familiares, para que os filhos continuem a estudar, isto é, não desistam de estudar por não terem condições económicas.

Em síntese, podemos dizer que os aspetos referidos potenciam problemas de absentismo, baixo rendimento escolar, indisciplina e desmotivação, o que leva ou pode levar ao abandono escolar precoce.

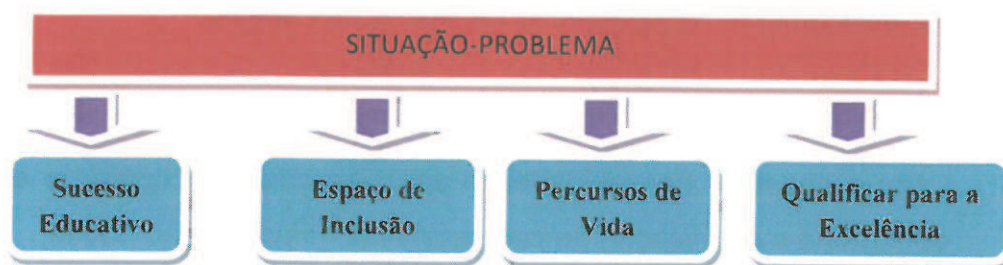
O Projeto Educativo TEIP reflete sobre as problemáticas do agrupamento de escolas e, para as colmatar, desenvolveu quatro eixos de estratégicas ação para serem implementados na comunidade educativa:

- **Eixo Prioritário 1 – Promoção do Sucesso Educativo¹**
- **Eixo Prioritário 2 – Espaço de Inclusão**
- **Eixo Prioritário 3 – Percursos de Vida**
- **Eixo Prioritário 4 – Qualificar para a Excelência**

¹ Na Escola E.B 2.3 do Viso a taxa de insucesso nas provas de aferição de Português e Matemática em 2008/2009 foi de 11% e 20% a Língua Portuguesa e em Matemática é de 17% e 41%. Nos exames do 9ºano foi de 50%.

Nos exames a Matemática 60 % dos alunos, dos 50 % que obtiveram média negativa, obtiveram mais de 40 %. Contribuiu para a percentagem de negativas nas duas disciplinas o número de alunos autopropostos, os quais, obtiveram uma avaliação negativa. P.17

Figura 1 - Situações-Problema diagnosticados na escola



(Fonte: Elaboração própria.)

Ao nível de cada eixo prioritário, o Projeto Educativo TEIP ambiciona fomentar as seguintes mudanças (pp.18-20)

a) Sucesso Educativo

- Integração escolar de todos os alunos;
- Aumentar os níveis de assertividade dos alunos;
- Aumentar os níveis de concentração;
- Aumentar o sucesso educativo;
- Diminuir o absentismo.

Reforçar a importância dos projetos temáticos realizados pelos “Clubes”, que servem de motivação aos alunos e envolvê-los nas atividades da escola;

Oferta de cursos de Educação e Formação que permitem a conclusão da escolaridade obrigatória e qualificação profissional;

- A articulação com os Encarregados de Educação para o aumento da participação parental na vida escolar;

b) Espaço de Inclusão

- Criar uma colaboração com os Professores Titulares/ Diretores de Turma, na construção de respostas às necessidades de ordem psicossocial;
- Incentivar a resolução de situações que impedem ou comprometem a atividade letiva, quer junto dos alunos, quer das suas famílias;
- Dar particular importância às características sócio-culturais deste Agrupamento, para resolver situações de absentismo grave e abandono;

- Promover a qualificação da população que integra este Agrupamento, especificamente os agregados familiares dos alunos;

c) Percursos de Vida²

- Dar resposta à necessidade de alfabetização, conclusão da escolaridade obrigatória e certificação de competências da população adulta;

d) Qualificar para a Excelência

- Desenvolver o nível de eficiência e eficácia dos agentes educativos (Docentes, Não-docentes, Encarregados de Educação e Alunos);
- Criação de uma Equipa de Coordenação do TEIP (Coordenadora do Projeto e Responsáveis dos Eixos Prioritários) e da Equipa de Autoavaliação;
- Promover a reflexão e aperfeiçoamento que permitam a potencialização dos recursos humanos e a gestão eficaz dos recursos materiais;

Em suma, o Projeto Educativo TEIP tem por ambição resolver as várias problemáticas do Agrupamento e para isso tem vários objetivos que são:

- Aumentar o sucesso escolar;
- Aumentar o sucesso nas diferentes ofertas formativas;
- Aumentar os níveis de assiduidade escolar;
- Aumentar os níveis de qualificação da comunidade;
- Criar um clima propício ao desenvolvimento de atitudes assertivas;
- Diversificar a oferta formativa;
- Promover a articulação curricular entre os três ciclos;
- Promover a integração social de diferentes grupos culturais.
- A articulação com os Encarregados de Educação para o aumento da participação parental na vida escolar;
- A inclusão dos adultos nos cursos de alfabetização do Agrupamento;

² Como ofertas formativas a escola tem: curso de jardinagem e espaços verdes, Auxiliares de Ação Educativa, Carpintaria, Azulejaria, Acabamentos Gráficos, Alfabetização, EFAs Escolares, Horticultura e Floricultura, Segurança e Higiene no Trabalho.

- A articulação com a Segurança Social (Equipas do R.S.I) no sentido de promover o cumprimento da área respeitante à Educação, contemplada nos Planos de Inserção da medida do R.S.I;
- A sensibilização da Comunidade Educativa para as especificidades culturais, como potencial a ser valorizado no processo de formação sócioescolar destes alunos.

Assim sendo, no Agrupamento Vertical de Escolas do Viso o “Projecto Educativo TEIP nunca se considerará concluído e fechado não só porque o processo educativo é dinâmico e flexível, como dinâmica e flexível é a sociedade com a qual a escola interage” (p.4).

1.2 Descrição das funções do profissional e do seu papel enquanto estudante da Prática Pedagógica na instituição

Quando falamos de estudante da Prática Pedagógica sabemos *à priori* que estamos a falar de um professor estagiário e que este deve ou deveria cumprir todo o plano de estágio. Este plano é previamente desenhado na Universidade, associado às indicações dos professores cooperantes, mas também deve cumprir a legislação em vigor.

É importante perceber e reconhecer que o estágio mostra-nos claramente as novas funções a desempenhar, a construção de tarefas mais específicas, diretamente relacionadas com a docência, nomeadamente planificar, realizar e avaliar, e com outros papéis mais focados no acompanhamento dos discentes, na dinamização, na colaboração, na assistência e na observação.

De acordo com Hargreaves (2003, p.23) vivemos num tempo de insegurança, mudança acelerada, de rápida evolução científica, diversidade cultural, complexidade tecnológica. As escolas do mundo atual são muito complexas. Ainda como nos diz Hargreaves, espera-se que “os professores construam comunidades de aprendizagem, criem a sociedade do conhecimento e desenvolvam as capacidades que permitem a inovação, a

flexibilidade e o empenhamento na mudança” (2003, p.23).

Os professores ao terem a mente aberta, ao estarem predispostos a refletir vão aceitar diferentes perspectivas, desta forma são curiosos em relação ao ponto de vista dos outros, demonstrando competências para encarar a instabilidade e lidar com as situações de incerteza e risco. Estas características denotam um professor crítico consigo próprio, flexível, aberto à mudança, capaz de analisar e questionar a sua prática, tornando-se num professor produtor de conhecimento.

Como nos diz Nóvoa,

“é fundamental que haja uma articulação da formação inicial, indução e formação em serviço da aprendizagem ao longo de todo o percurso como professor. Assim é necessário que o professor seja reflexivo, investigue, trabalhe em equipa e tenham consciência das culturas colaborativas”. (2011, p.15)

Ainda segundo o autor é essencial “...passar a formação de professores para dentro da profissão” (2011, p.18), isto é, reforçar mecanismos e práticas na formação de professores baseadas numa investigação que tenha como problemática a ação docente e o trabalho escolar. É imprescindível conhecer a realidade das escolas, para que assim consigamos perceber a complexidade do ensino no “terreno”.

Do nosso ponto de vista, consideramos que os professores são personagens muito marcantes na vida dos alunos, isto porque a educação é uma necessidade e um direito de cada cidadão e, conseqüentemente, uma “arma” para a construção de um mundo melhor. O ser professor é o dar e o receber a cada minuto único e irrepetível de cada aula e isso é impossível de aprender na teoria.

Na apreciação das funções enquanto estudante da Prática Pedagógica importa dizer que se conhece, na escola, cenários preenchidos por diferentes atores, os alunos, os assistentes operacionais, os Professores Cooperantes, os outros Professores que, no conjunto, fazem parte do dia-a-dia da escola. Desta forma ficamos com a perfeita noção de que as sociedades modernas exigem por parte de todos os protagonistas ligados ao ensino que realizem um trabalho sério e dedicado.

O Professor é um educador elementar, é importante dizer que “[...] o carácter insubstituível dos Professores, como elementos centrais não só da promoção da aprendizagem, mas também no desenvolvimento de processos de integração que respondam aos desafios da diversidade” (Silva, Braga & Cruz, 2011, p. 8).

Ser professor é um conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a sua especificidade. Assim,

“a profissão docente não se circunscreve a uma área de especialização, mas abrange vários domínios do conhecimento, como o científico e o pedagógico, constituindo-se no «saber educativo» que consiste na mobilização de todos esses saberes em torno de cada situação educativa concreta no sentido da consecução do objetivo definidor da acção profissional – a aprendizagem do aluno”. (Roldão, 2005, p. 63).

Atualmente o papel do Professor é assumir que o Professor tem um papel diferente na condução do processo de ensino e de aprendizagem, sendo que, passa a guiar em vez de apenas fazer. Passa também a questionar e a diferenciar em vez de solucionar. O papel do docente mudou, pois já não é só ensinar no sentido tradicional, ou como se ensinava na escola tradicional, mas sobretudo auxiliar e orientar os alunos na sua aprendizagem. O Professor passa a ser visto como um agente de desenvolvimento curricular, e “docente e aluno deixam de se encontrar em campos diferentes para se assumirem como agentes activos e interdependentes no processo de ensino-aprendizagem orientado para os resultados de aprendizagem”. (Lourenço *et al*, 2007, p. 45).

Neste sentido e de acordo com a ficha de unidade curricular, são objetivos da Prática Pedagógica (Universidade Portucalense, 2013):

- a. Formar a capacidade de reflexão do professor sobre a prática, consciencializando decisões, condutas e dilemas;
- b. Desenvolver a capacidade do professor de tomar decisões fundamentadas e de resolver problemas profissionais;
- c. Conhecer os documentos oficiais da instituição acolhedora da prática pedagógica;

- d. Caracterizar a Instituição acolhedora da prática pedagógica e o público-alvo;
- e. Integrar a equipa de trabalho da instituição acolhedora da prática pedagógica;
- f. Planificar e realizar as atividades de prática pedagógica;
- g. Revelar responsabilidade, empenho e disponibilidade no desenvolvimento das tarefas de prática pedagógica;
- h. Aplicar os conhecimentos e competências obtidos nas unidades curriculares do curso de mestrado;
- i. Desenvolver a capacidade de compreensão e de resolução de problemas em situações novas e não familiares em contextos alargados e multidisciplinares.

As linhas orientadoras da Prática Pedagógica do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de História e Geografia nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade Portucalense, para o ano letivo 2012/2013, contemplam três áreas de formação:

Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem;

Participação na Escola e Relação com a Comunidade;

Desenvolvimento Profissional Docente;

É importante mencionar que cada Professora Estagiária deveria proceder a uma análise dos instrumentos de autonomia da escola, assim como os programas das disciplinas, das planificações de longo e médio prazo e dos manuais adotados para as turmas a lecionar e que foram disponibilizados no início pelos Professores Cooperantes. Neste sentido, realizamos a calendarização das atividades de estágio, sempre com base nas orientações do Regulamento de Estágio.

Conjuntamente, na Universidade Portucalense, auferi cerca de 40 horas de Orientação da Prática Pedagógica e assisti a 30 horas de Seminários de Geografia e a 30 horas de Seminários de História. Posto isto, realizei o meu estágio na Escola EB2/3 do Viso, tendo como duração 120h, 60h no âmbito da História e 60h em Geografia.

No dia seis de março de 2013, o núcleo de estágio foi recebido pelas Professoras Cooperantes: Marta Pinto em História e Professora Elza Mesquita em Geografia.

O contacto com a escola é fundamental, como referi anteriormente. Graças a ele constatei que esta escola tinha e confrontava-se a cada dia com inúmeras dificuldades, resultantes do meio onde está inserida e por inerência, surgiram várias complicações, como a elevada taxa de insucesso escolar, ou o abandono escolar que provoca o aumento da taxa de absentismo.

Na observação das funções como estagiária, é importante dizer que, na escola, conhece-se cenários importantes, preenchidos por diferentes agentes fazem parte do dia-a-dia escolar.

Desta forma, a escola tem de trabalhar na promoção da inclusão, lidar com a heterogeneidade, conseguindo dar uma resposta diferenciada a todos os alunos, mas sem que se perca a noção de grupo, isto é, respeitar ritmos de aprendizagem que são díspares de escola para escola e são díspares dentro da mesma turma, de aluno para aluno.

Uma escola que tem em consideração as diferenças individuais, seja qual for a sua origem. Esta é uma temática que interessa a todos os profissionais em Educação, em particular, aos professores, cuja “matéria-prima” assenta nos alunos e, conseqüentemente, em ministrar uma educação adaptada às suas necessidades.

É indispensável que haja diferenciação, adaptação e individualização curricular segundo as necessidades e particularidades de cada aluno. Assim sendo, a escola/professor deve adotar e adaptar, se assim for o caso, as medidas necessárias, como apoios especializados, para, desta forma, ser capaz de responder a um ensino individualizado. A escola deve acolher de igual forma todos os seus alunos e ter em consideração a especificidade de cada um deles.

Ainda no que diz respeito à diferenciação pedagógica, podemos ainda realçar vantagens evidentes para os alunos, como nos diz Roldão (1999, p.39): adoção de currículos mais flexíveis centrados no aluno; insistência na busca de novas estratégias para combater o insucesso, permitindo atingir os objetivos de acordo com as capacidades. Desta forma, os alunos aumentam a sua autoestima, participação e concentração. Assim, a pedagogia diferenciada

permite aumentar a igualdade na sala de aula, quer de Geografia quer de História, pois

[...] garantir maior equidade social exige que se diferencie o currículo para aproximar todos dos resultados de aprendizagem pretendidos, já que o contrário – manter a igualdade de tratamentos uniformes para públicos diversos – mais não tem feito que acentuar perigosa e injustamente as mais graves assimetrias sociais (Roldão, 1999, p. 39).

Capítulo 2 – Explicitação do plano de Prática Pedagógica em História e em Geografia

Capítulo 2 – Explicitação do plano de Prática Pedagógica em História e em Geografia

[...] então, o ponto irradiador das principais mazelas do ensino, inclusive da crise dos professores perante sua profissão, seria o confronto entre as carências socioeconômicas e culturais trazidas pelos estudantes (e suas famílias) – que não encontram outro meio de dispor da atenção do Estado – e um sistema de ensino organizado tecnocraticamente em torno de uma visão elitista da escola e do processo de aprendizagem

(Esteve, 1992, p.96).

Ao conceber o plano de estágio, o principal desafio que se colocou foi o relacionamento com os alunos. Assim sendo, conhecê-los e compreender como se efetua o seu pensamento foi uma das nossas principais preocupações enquanto Professora Estagiária.

Para Miranda (2002, p. 99), “o ensino já não é considerado um ato intuitivo, um somatório de rotinas ou sequer uma mera vocação”, mesmo que a forma tradicional permaneça. É imprescindível que o Professor adote outros métodos permitindo que os alunos assumam um papel mais ativo. Neste sentido, o método expositivo não deverá ser o único.

O estágio teve a duração de 120 horas de trabalho na escola EB 2/3 do Viso (60 horas destinadas à disciplina de Geografia e 60 horas destinadas à disciplina de História).

Na reunião de apresentação do núcleo de estágio, acertaram-se alguns detalhes importantes que orientaram o funcionamento do estágio pedagógico. Reunimos na sala dos professores, apresentamo-nos, as professoras orientadoras iniciaram a reunião transmitindo às professoras estagiárias a orgânica interna da Escola do Viso. Foram-nos dados os horários das turmas, às quais assisti e lecionei aulas de História e Geografia. As professoras Cooperantes definiram e calendarizaram, aleatoriamente, as turmas a lecionar. Na disciplina de História, a Professora Cooperante decidiu que cada Professora Estagiária tinha a função de lecionar o mesmo nível, ou seja, o oitavo ano. Na disciplina de Geografia a Orientadora decidiu que as estagiárias iriam lecionar o oitavo ano de escolaridade.

O núcleo de estágio comprometeu-se com as Professoras Cooperantes a organizar, dinamizar e a planificar uma visita de estudo ao Centro Histórico do Porto “*Os caminhos do Liberalismo*” e trazer um convidado à escola, o Professor Doutor João Santos, para falar sobre *As Alterações Climática no Alasca*. Nestas atividades, as Professoras Estagiárias detinham o papel de orientar, apoiar e esclarecer todas questões necessárias.

2.1. Cronograma de atividades

As linhas orientadoras da Prática Pedagógica do Mestrado em Ensino de História e Geografia estão de acordo com as normas regulamentares do 2º e 3º ciclo de Estudos em Ensino da História e da Geografia no 3º ciclo do ensino Básico e no Secundário (Portugalense, Normas regulamentares do 2º ciclo de estudos em Ensino da História e Geografia no 3º ciclo do ensino básico e no secundário, 2013) e contemplam as seguintes atividades:

- a. Lecionação de aulas;
- b. Observação de aulas do professor cooperante na escola cooperante;
- c. Observação de aulas dos estudantes do núcleo da Prática Pedagógica da escola cooperante;
- d. Reuniões de pré-observação de aulas;
- e. Reuniões de pós-observação de aulas;
- f. Planificação de aulas lecionadas;
- g. Construção de instrumentos de avaliação;
- h. Correção de instrumentos de avaliação;
- i. Presença em reuniões de Conselho de Turma;
- j. Presença em reuniões de Departamento ou de Grupo Disciplinar;
- k. Colaboração na dinamização do Plano Anual de Atividades;
- l. Análise dos instrumentos reguladores da vida da escola;
- m. Análise dos instrumentos reguladores das aprendizagens (Programas, Metas de Aprendizagem);
- n. Elaboração das atas das reuniões de grupo na escola cooperante de Prática Pedagógica;

- o. Participação noutras reuniões dos estudantes de Prática Pedagógica da mesma escola cooperante, nomeadamente reunião final de auto e heteroavaliação.

A formação e a avaliação da Prática Pedagógica concordaram em três pontos fundamentais, transversais às duas áreas do saber: I – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem; II – Participação na Escola e relação com a Comunidade; III – Desenvolvimento Profissional de acordo com o Regulamento de Estágio da Universidade Portucalense.

As Professoras Estagiárias, em conformidade com a Professora Cooperante, efetivaram uma reunião para avaliar o diagnóstico das necessidades, planificações e o enquadramento das diversas turmas.

Ao longo de todo o processo de Prática Pedagógica, cumpri diferentes tarefas, entre as quais destaco a lecionação de seis aulas de 45 min, (duas de Geografia e quatro de História), a observação de aulas dos professores cooperantes de Geografia e de História, a planificação e participação em atividades, reuniões formais do núcleo de estágio, uma reunião de Conselho de Turma, uma reunião de Direção de Turma.

Tabela 1 - Aulas observadas em História e Geografia.

Aulas observadas					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
História	5/04/13	09.05	6	45min	Aula com o 8ºano
	9/04/13	10.05	6	90min	Aula com o 8ºano
	12/04/13	9.05	6	45min	Aula com o 8ºano
	16/04/13	10.05	6	90min	Aula com o 8ºano
	19/04/13	09.05	6	45min	Aula com o 8ºano
	23/04/13	10.05	6	90min	Aula com o 8ºano
	26/04/13	09.05	6	45min	Aula com o 8ºano
	30/04/13	10.05	6	90min	Aula com o 8ºano
	03/05/13	09.05	6	45min	Aula com o 8ºano
	21/05/13	10.05	6	90min	Aula com o 8ºano
	22/05/13	10.05	6	90min	Aula com o 8ºano
	28/05/13	10.05	6	90min	Aula com o 8ºano
	Geografia	5/04/13	10.50	6	45min
9/04/13		13.30	6	45min	Aula com o 8ºano
12/04/13		10.50	6	90min	Aula com o 8ºano
16/04/13		13.30	6	45min	Aula com o 8ºano
19/04/13		10.50	6	45min	Aula com o 8ºano
23/04/13		13.30	6	45min	Aula com o 8ºano
26/04/13		10.50	6	45min	Aula com o 8ºano
30/04/13		13.30	6	45min	Aula com o 8ºano
03/05/13		10.50	6	45min	Aula com o 8ºano

Tabela 2 - Aulas lecionadas em História e Geografia.

Aulas lecionadas					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
Geografia	16/04/13	13.30h	6	45min	Aula com o 8ºano
	19/04/13	10.50h		45min	Aula com o 8º ano
História	23/04/13	10.05h	6	90min	Aula com o 8ºano
	28/05/13	10.05h		90min	Aula com o 8º ano

Tabela 3 - Participação na escola e relação com a comunidade.

Participação na escola e relação com a comunidade – Atividades					
	Data	Hora	Turma (s)	Duração	Observações
Colóquio “As alterações Climáticas” <i>Doutor João Santos</i>	24 de maio de 2013	15:00h		135min	Realizada na biblioteca da escola/Planificada pelo núcleo de estágio
Visita de Estudo “Ao Porto do Liberalismo”	15 de maio de 2013	14:00h		180min	Realizada na cidade do Porto/Planificada pelo núcleo de estágio
Visita de Estudo	07 de junho de 2013	8:00h		12h	Realizada na cidade de Fafe

Tabela 4 - Reuniões formais do núcleo de estágio.

Reuniões formais do núcleo de estágio					
	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
Reunião de abertura	06.03.2013	11.45	Sala dos professores	2.00h	Apresentação do núcleo de estágio e das estagiárias. Elaboração da calendarização das aulas assistidas e observadas.
Reuniões pré-aulas selecionadas de Geografia	12.04.2013 18.04.2013	12.00 17.00	Sala dos professores	1h30 (cada)	Planificação das aulas assistidas.
Reuniões pós-aulas selecionadas de Geografia	16.04.2013 19.04.2013	17.00h 14.00h	Sala dos professores	1h30 (cada)	Recolha de evidências que permitiram tirar conclusões das aulas observadas.
Reuniões pré-aulas selecionadas de História	19.04.2013 24.05.2013	13.30h 14.00h	Sala dos professores	1h30 (cada)	Planificação das aulas assistidas.
Reuniões pós-aulas selecionadas	24.04.2013 06.05.2013	15.00h 12.00h	Sala dos professores	1h30 (cada)	Recolha de evidências que permitiram tirar

de História					conclusões das aulas observadas.
Reunião Final	13.06.2013	12.00h	Biblioteca	2.00h	Auto e heteroavaliação

Tabela 5 - Reunião do Conselho de Turma.

Conselho de Turma					
Turma	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
8º A	18.03.2013	15:30h	6	2.00h	Convocada pela Diretora de Turma

Tabela 6 - Reunião de Departamento.

Reunião do Departamento das Ciências Sociais e Humanas					
Turma	Data	Hora	Sala	Duração	Observações
8º A	10.05.2013	17:00h	10	1.30h	Convocada pela Coordenadora de Departamento

(Fonte: Elaboração própria)

2.2. Caracterização da turma

A turma é constituída por vinte alunos - 14 raparigas e 6 rapazes.

Integra a turma uma aluna com necessidades educativas especiais de carácter permanente. A aluna beneficia da medida educativa - currículo específico individual, ao abrigo do decreto-lei 3/2008 de 7 de Janeiro, fazendo parte do seu plano curricular as seguintes disciplinas curriculares específicas: atividade aquática, atividades do quotidiano, crescer com o corpo, criar com as mãos, área da comunicação, área do cálculo, descobrir a terra, educação física, educação tecnológica, TIC e trabalhos manuais. Acompanha a turma nas disciplinas de História, Ciências Naturais e Formação Cívica.

A idade dos alunos oscila entre os 12 e os 15 anos, situando-se a média de idades nos 13 anos.

O grupo turma é formado pelos alunos que transitaram, tendo recebido 1 novo elemento retido no ano letivo anterior.

Usufruem de subsídio da Ação Social Escolar.

- Escalão A- 5 alunos
- Escalão B – 6 alunos

No que diz respeito ao percurso escolar:

- Alunos sem retenções – 15
- Alunos com retenções – 4

Retenção por ciclo:

- 1ºciclo – 1 aluno (4º ano)
- 2ºciclo – 0
- 3ºciclo – 2 alunos (7ºano); 1 aluno (8ºano);

Os modos de trabalho pedagógico preferidos são:

- Aulas com materiais áudio/visual;
- Trabalho de grupo, de pares e pesquisa;
- Aulas com interação professor/aluno e aluno/aluno.

Apontam como fatores facilitadores do insucesso escolar:

- Falta de hábitos/métodos de estudo;
- Indisciplina na sala de aula e falta de atenção/ concentração;
- Desinteresse pela disciplina.

Questionados sobre a ocupação dos tempos livres, grande parte manifestou a sua preferência por jogos de computador, ouvir música, atividades desportivas e leitura.

Quanto às expectativas em relação ao futuro, 9 têm como meta o 12º ano e 10 pretendem vir a ingressar no Ensino Superior.

A função de Encarregado de Educação é desempenhada pela mãe, pelo pai e pela Educadora (Técnica de Ação Social). A maioria dos alunos vive num agregado biparental.

Capítulo 3 - Descrição e fundamentação das atividades de estágio, no âmbito das três áreas de formação

Capítulo 3 - Descrição e fundamentação das atividades de estágio, no âmbito das três áreas de formação

Educar é, em todos os momentos, ajudar a desenvolver valores, consolidar convicções, permitir a formulação de critérios, acarinhar opções e estimular a tomada de decisão. O processo educativo tem uma «magia» que não pode reduzir-se a um corpo metodológico assente em receitas mais ou menos abstratas. (Couvaneiro & Reis, 2007, p. 13)

Neste terceiro capítulo, procedemos à descrição e fundamentação das diversas atividades da Prática Pedagógica, em Geografia e em História, e simultaneamente nas três áreas de formação distintas, a saber: organização e gestão da aprendizagem, participação na escola e relação com a comunidade, desenvolvimento profissional docente.

Como nos diz Couvaneiro e Reis (2007) espera-se que a escola seja um local onde se possa sonhar e se possam alimentar esses mesmos sonhos, isto é, que se desenvolvam competências, para que desta forma os sonhos se tornem em realidades sólidas. Com efeito, os valores, conhecimentos e competências ensinados aos educandos irão influenciar o mundo que será criado.

A Prática Pedagógica em contexto de escola tem uma grande importância para o início da carreira de docente, pois permite melhorar as aprendizagens para a futura prática de docente. No decorrer dessa mesma Prática Pedagógica conseguimos abranger conhecimentos fundamentais para podermos realizar o papel de docente corretamente, mas é de igual forma importante para tomarmos consciência de quais são as características elementares para se ser um bom professor.

Com a prática pedagógica, idealizamos vários exemplos de professores, diversas formas de lecionar e ainda diversas turmas com características diferentes.

Segundo Zabalza (2001, p. 45), o professor é um “(...) autêntico agente tradutor e filtrador, a nível de ensino, dos pressupostos e prescrições das planificações realizadas a nível superior, e (...) gestor do desenvolvimento real”. Desta forma, é possível dizer que a planificação é a forma como o professor seleciona, estrutura e organiza o processo de ensino e aprendizagem de determinados conteúdos.

Nas aulas de Geografia e de História, que foram lecionadas pela professora estagiária, utilizou-se uma diversidade de materiais referentes a diferentes conteúdos e competências para “responder” à multiplicidade de necessidades dos alunos. À Professora Estagiária, pela primeira vez a dar aulas, surgiu um turbilhão de sentimentos e medos que levaram a colocar-se várias questões: Que materiais são mais necessários? Estes materiais são adequados a esta turma? E o tempo será suficiente?

Assim desta forma, como nos diz Roldão (1999, p. 28), “... aprender não acontece espontaneamente, e muito menos isoladamente”, de facto ensinar “é fazer alguém aprender”.

A avaliação é uma das componentes do processo de ensino e aprendizagem mais importantes, já que é a esse nível que se veem os resultados do trabalho do professor e dos alunos. Podemos afirmar que é através da avaliação que pode ser feita a análise do processo de ensino e do produto das aprendizagens. Segundo Arends (1995, p. 228) “a avaliação é uma função desempenhada pelo professor com o objetivo de recolher a informação necessária para tomar decisões correctas, e já deve ser claro que as decisões que os professores tomam são importantes para a vida do aluno”.

Por um lado, a avaliação pode ser formativa, é recolhida antes ou durante a instrução e é usada para mostrar aos professores os conhecimentos prévios dos alunos, para que assim consigam produzir apreciações sobre a eficácia das suas aulas. Por outro lado, a avaliação pode ser sumativa, sendo reunida após o ensino, é usada para saber o desempenho dos alunos e determinadas classificações.

É na avaliação que interagem todas as componentes da prática pedagógica. Desde a planificação, à gestão da sala de aula, incluindo aqui a pertinência das estratégias e dos recursos utilizados nas aulas, até à eficácia da comunicação. A avaliação dá-nos respostas e é a resposta em si mesma.

Ela permite em simultâneo ao aluno a capacidade de melhorar e ao professor a capacidade de alterar as suas escolhas. Daí a sua função reguladora. Mas avaliar não é um processo simples, pelo contrário. Neste sentido, Roldão (2008, p. 41) define que “avaliar é um conjunto organizado de processos que visam (1) o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo (2) a verificação da sua consecução”.

3.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História

O estágio em História foi descrito de uma forma sucinta no segundo capítulo deste relatório (cronograma de atividades). No entanto, é necessário fundamentar as razões que nos levaram, enquanto professor às várias decisões tomadas, tomando consciência das três grandes áreas ligadas à atividade letiva, respetivamente a planificação de aulas, à realização e avaliação das aprendizagens adquiridas pelos alunos.

Enquanto professores reflexivos, há necessidade de pensar continuamente sobre a prática. Em seguida atuar em função dessa reflexão constante. Na verdade, é essa constante reflexão sobre cada aula, cada momento, que permite ver o resultado da reflexão sobre a ação.

Quando elaboramos uma aula, existe muito por detrás da mesma para além daquilo que observamos quando esta é dada. No momento em que lecionamos uma aula, esta abarca diversas componentes como a comunicação em sala de aula, a gestão da mesma, os conteúdos referentes à disciplina, a utilização de diferentes recursos e a avaliação de todo o processo de ensino e aprendizagem nessa aula.

Uma das minhas grandes preocupações foi fazer uma boa planificação dos conteúdos para, por um lado, promover as competências específicas da disciplina, e, por outro, alcançar o objetivo de cada aula que é que os alunos aprendam, isto é, que haja aprendizagem. O professor está condicionado pelos conteúdos a leccionar - conteúdos que passam pelo saber, saber fazer e pelo

saber ser/estar - pelo tempo disponível e, claro como referi anteriormente, para fazer com que os alunos aprendam realmente.

Os planos de aula elaborados em História foram realizados segundo o modelo proposto pela Universidade Portucalense (ver anexo 3).

3.1.1. 1ª Aula de História do 8ºano

Planificação

A planificação é o meio para organizar o trabalho, refletir sobre os diversos conteúdos e materiais a lecionar e usar. Tínhamos a noção, adquirida nas aulas de Didática, de que uma planificação deve ser flexível, deve ser um fio orientador que permita ao Professor responder sempre às interrogações dos seus alunos, sendo estes o centro das atenções. Assim, a planificação surge com a finalidade geral de antecipar a atividade letiva

Neste capítulo é importante abordar o Modelo de Mudança Conceptual. Um modelo que enfatiza a importância das concepções alternativas dos alunos e as estabelece como ponto de partida para a aquisição de novas aprendizagens e novos conceitos.

Assim sendo, e visando a melhor compreensão dos pressupostos deste modelo de planificação, importa clarificar o seu conceito central: as concepções alternativas.

Segundo De-Ketelle (1983, p.182), concepções alternativas são sínteses mentais de informações mais ou menos ligadas a uma componente afetiva, que o indivíduo constrói de forma relativamente consciente a partir do que ele próprio é, do que vivenciou e do que condiciona o seu comportamento.

Estas concepções são assim designadas de “alternativas” por representarem, na maioria das vezes, ideias diversas dos conceitos cientificamente aceites (Santos, 1991, p.96).

Para Santos (1991), as concepções alternativas dos diferentes alunos possuem pontos comuns que permitem a sua caracterização, isto é, as concepções alternativas têm um carácter pessoal uma vez que “cada indivíduo interioriza a sua experiência de uma maneira que lhe é própria”, ou seja, a mesma realidade é interpretada de formas diferentes por diferentes indivíduos.

De uma forma progressiva, as concepções alternativas tornam-se estruturadas. Inicialmente estas concepções são mais simples e mais isoladas o que se vai alterando ao longo do tempo de forma espontânea, passando os indivíduos a ter a capacidade de lidar com um maior número de experiências.

As concepções alternativas estão, ainda segundo Santos (1991, p.111), “profundamente ancoradas no espírito do aluno, são particularmente estáveis ao longo do tempo”. São, portanto, esquemas resistentes à mudança. Apesar de, em contexto escolar, os alunos evidenciarem as ideias científicas, não o fazem fora dele, mantendo as anteriores.

Além do apontado anteriormente, “as concepções alternativas têm carácter regressivo”. Isto significa que as concepções alternativas são apenas encobertas pelos novos conceitos e que ao longo do tempo estas ressurgem.

O indivíduo poderá usar concepções distintas para explicar a mesma situação e utilizar a mesma concepção para justificar situações diversas. Assim podemos definir estes esquemas como pouco consistentes.

Muitas vezes, as concepções alternativas encontram-se intimamente relacionadas com conceitos científicos que foram outrora aceites e que foram refutados ou muito modificados ao longo do tempo. Assim, o professor poderá utilizar uma perspetiva histórica da ciência como meio de estimular os alunos a descobrir e ultrapassar as suas concepções alternativas, demonstrando os erros cometidos pelos cientistas no passado.

Assim, este modelo de planificação baseia-se na “divisão de uma unidade didática em subunidades, organizadas em torno de grandes problemas levantados pelo professor e/ou pelos alunos. Tais problemas correspondem a assuntos acerca dos quais se sabe ou presume que os alunos possuem ideias prévias, eventualmente não coincidentes com a perspetiva curricular e que se considera serem eixos potenciais de criação de conflito e promoção de mudança conceptual” (Dourado & Freitas, 1995). Estas ideias serão, portanto, as concepções alternativas.

Assim, a elaboração da primeira aula³ e dos respetivos materiais didáticos foi fundamental para transformar a sala de aula num espaço privilegiado de aprendizagens ativas e enriquecedoras. O plano de aula⁴ foi

³ 23/04/13, com a turma do 8º ano.

⁴ O plano de aula visto pela professora cooperantes e pelas Orientadoras da UPT.

elaborado de acordo com as orientações e o trabalho realizado nas aulas de Didática na UPT, é constituído por diversas partes: o desafio inicial, os objetivos centrais da unidade letiva, um esquema concetual, as ideias prévias e os conceitos novos, as competências a desenvolver, as estratégias, os recursos, a avaliação intercalar, a sequência a dar à unidade letiva, a avaliação final e o sumário. É preciso não esquecer que “[...] um professor sensato sabe que a característica fundamental de um ensino engenhoso é ter um plano que consegue envolver ou «viciar» os alunos no tema em questão” (Tomlinson, 2008, p. 89).

Com a preparação e concretização de um plano deste tipo, o professor pode lecionar aulas com um fio condutor e que representem desafios, quer para ele mesmo, quer para os alunos.

Como nos diz Arends (1995, p.44) a planificação de qualquer tipo de atividade proporciona melhores resultados, que podem mesmo ser resultados inesperados e surpreendentes. É também importante dizer “(...) que o ensino planificado é melhor do que o ensino baseado em acontecimentos e actividades não direccionadas” (Arends, 1995, p.45). Desta forma, podemos dizer que a planificação realizada pelos professores dá orientação aos alunos, mas também aos professores. Isto ajuda os alunos a tornarem-se mais conscientes das metas que estão subjacentes à aprendizagem. O importante é que os alunos aprendam competências e que sejam capazes de pensar e de agir, tanto de uma maneira linear como de forma complexa.

Desta maneira, através de um plano de aula neste formato, o professor consegue responder e perceber cada um desses desafios: os alunos poderão construir aprendizagens significativas e desenvolver competências, que realmente é o pretendido no final.

A sequência das aulas lecionadas insere-se no Tema⁵ G – *O arranque da revolução industrial e o triunfo das revoluções liberais* e na Unidade Didática G2.2 – *A revolução francesa*.

Para esta primeira aula, tinha como principais objetivos: explicar o contexto social e económico no qual surge a Revolução Francesa; identificar as condições económicas, sociais e políticas que conduziram à Revolução

⁵ Manual: História 8 da Porto Editora.

Francesa de 1789; explicar o fim da monarquia absoluta; compreender a reunião dos Estados Gerais e a sua passagem a Assembleia Nacional Constituinte; descrever a tomada da Bastilha; compreender o surgimento da Declaração dos direitos do Homem e do cidadão e a Constituição; identificar os momentos da passagem à Assembleia Legislativa, à Convenção e ao diretório; identificar os girondinos e os jacobinos; e desenvolver e consolidar atitudes facilitadoras de trabalho cooperativo no seio do grupo. (anexo 3 planificação)

Desta forma, planifiquei a minha aula sob duas formas: em primeiro lugar, defini o plano de aula (anexo 3) e os recursos (anexo 4) a utilizar que foram, com a acordada antecedência, enviados à professora cooperante recomendando algumas alterações de forma a simplificar alguns conteúdos no PowerPoint, e algumas recomendações para realizar na ficha de trabalho (anexo 5); em segundo lugar, preparei o espaço, momentos antes de iniciar a aula. Fiz questão de verificar se o computador e o projetor funcionavam corretamente. Se houvesse falha destes e na impossibilidade da sua resolução procederia à lecionação utilizando o quadro para a apresentação dos esquemas conceituais importantes para a compreensão da matéria.

Este modelo de planificação é um modelo dinâmico, aberto, maleável e incompleto, exigindo ao professor um desempenho de planificação em acção, no qual nem tudo se encontra previsto.

Toda a organização e preparação desta aula teve em consideração as recomendações do professor cooperante aquando da reunião de preparação da aula assistida, realizada no dia dezanove de maio, também dos docentes da UPT.

Realização

Atualmente é aceite, pelo Modelo de Mudança Conceptual, a influência das concepções alternativas no processo de aprendizagem e, como tal, fazem parte do quadro das preocupações pedagógicas.

Durante muitos anos, as concepções alternativas dos alunos foram subestimadas e muitas vezes ignoradas. Os primeiros estudos de investigação científica em torno destas concepções foram apenas desenvolvidos a partir dos anos 70 (Santos, 1991).

Assim, e de acordo com uma perspectiva desenvolvimentista de Piaget, o pensamento formal é condição necessária, no entanto, não suficiente, para que os alunos se apropriem dos conceitos. Há também que ter em conta os conhecimentos prévios dos alunos (nível de formação de partida) e as suas concepções alternativas.

Santos (1991, p.178), define três pressupostos essenciais ao Modelo de Mudança Conceptual: a necessidade de partir sempre do que o aluno já sabe; a necessidade de ocorrer mudança conceptual; a necessidade do aluno desempenhar um papel activo nessa mudança, definindo ele próprio o caminho a percorrer entre o conhecido e o novo.

Corroboram também Vecchi, Giordi & Nussbaum citados por Pereira (1992, p.74), dizendo que “é a própria pessoa que constrói o conhecimento”.

Esta mudança conceptual só poderá ocorrer, segundo Dourado & Freitas, (1995), quando se verificam algumas condições no que respeita os conceitos. Os conceitos existentes deverão ser insatisfatórios, ou seja, os alunos deverão enfrentar problemas não resolvidos para depois estarem predispostos para uma mudança nas suas concepções alternativas; O conceito novo deverá ser significativo para o aluno e fazer-lhe sentido, ou seja, deverá ser inteligível; O aluno deverá sentir o novo conceito como mais consistente, deverá ser mais plausível; o novo conceito deverá ser útil permitindo a resposta a mais situações que o anterior.

É ainda de salientar a perspectiva de Giordian & Vecchi (1987), que defendem que a mudança conceptual tem um carácter essencialmente evolutivo, na medida em que ocorre a passagem de uma concepção “falsa” para uma concepção um pouco mais ajustada. Esta passagem faz-se aceitando alguns elementos da concepção antiga enquanto incorpora a nova concepção, não ocorrendo a destruição da primeira.

Assim sendo, resumindo os conceitos expostos até agora e adaptando a lei de Lavoisier, poderemos afirmar que no processo de ensino e aprendizagem “nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”.

O Modelo de Mudança Conceptual visa, como vimos, a participação do aluno na construção do seu conhecimento, nomeadamente a partir da comunicação ao seu professor das suas concepções alternativas.

Este modelo pressupõe que o professor abandone uma postura em que tudo se encontra previsto para passar a ter a necessidade de ter em conta aquilo que o aluno tem como concepção alternativa.

O Modelo de Mudança Conceptual implica um maior esforço por parte do professor (para perceber e transformar as ideias prévias do aluno) mas será também mais motivador tanto para ele como para o aluno na medida em que ocorre uma troca de conhecimentos proveitosa para ambos.

Não foi possível fugir a questões das quais emergiram algumas concepções alternativas, tais como: Como se caracteriza a Revolução Francesa? Dos Estados Gerais ao Diretório?

Iniciei a minha primeira aula um pouco nervosa e este fator poderá ter influenciado negativamente a primeira parte, apesar de a aula ter sido minuciosamente preparada; numa primeira fase senti-me extremamente pressionada em razão de se tratar de uma aula observada e estar a ser avaliada.

Na realização da primeira aula, utilizaram-se diversos recursos: apresentação em PowerPoint (anexo 4), o manual, uma ficha de trabalho (realizada pela Professora Estagiária – anexo 5); a Internet (para a visualização de um pequeno vídeo, motivação); quadro; computador; colunas de som; projetor multimédia, caderno diário. Os métodos utilizados pela Professora Estagiária foram o método de diálogo entre Professor/ Aluno, a exposição e discussão.

Na sala 8, às 9.50h (quinze minutos antes do início da aula), preparei o computador e o projetor multimédia, verifiquei se funcionavam corretamente tal como a internet. Iniciei a aula e abri os ficheiros: apresentações de PowerPoint (anexo 4). Coloquei as fichas formativas para entregar aos alunos e o manual escolar em cima da mesa. Aguardei a entrada dos alunos, a distribuição destas na sala de aula foi feita pela diretora de turma.

Dei “bom-dia” aos alunos, de seguida pedi para estes colocarem um papel em cima das secretárias com os nomes, para assim saber logo de imediato o nome dos alunos se quisesse fazer ou responder a alguma questão destes. De seguida, transmiti o sumário, que era logo o primeiro diapositivo do powerpoint (anexo 4), num segundo momento explorei as ideias prévias, recorrendo à técnica “brainstorming”, com auxílio de uma imagem projetada.

Os alunos reconheceram a bandeira francesa, que era um período de grande descontentamento por parte da população, associaram a guilhotina a este período e referiram os três princípios da revolução “liberdade, igualdade e fraternidade”. As ideias dos alunos foram comentadas e (re) estruturadas.

Num terceiro momento da aula, rapidamente é reduzido o nível de luminosidade da sala, com o intuito de envolver os alunos numa espécie de cinema que a estagiária queria promover. No quadro projeta-se alguns minutos de um excerto de um documentário que mostra o descontentamento da população francesa e um homem, visivelmente agoniado, pousa a sua cabeça numa inquietante guilhotina. Toda a atenção que pretendíamos estava ali disponível ao serviço do ensino e da aprendizagem, tendo sido concretizada através da motivação que o vigor do excerto do documentário produziu.

Num quarto momento foi lançado o desafio: Como se caracteriza a Revolução Francesa, dos Estados Gerais ao Diretório? Partindo desta questão a aula foi lecionada com apoio do powerpoint (anexo 4), os alunos foram passando pequenos esquemas para o caderno e no final, em conjunto, fizemos um esquema conceptual da aula, após o que foi dada uma ficha de trabalho para ser realizada.

Avaliação das aprendizagens

No geral, o plano de aula foi concretizado com sucesso, tal qual estava planeado. Este facto ficou esclarecido na participação dos alunos, pois a maioria destes queria participar, sendo que desde início ficou estipulado que só poderiam participar se colocassem a mão no ar e de forma ordeira. Os resultados das fichas de trabalho serviram de suporte à minha perceção das aprendizagens dos alunos, os resultados das fichas formativas foram bastante positivos já que, em média, a turma obteve 90% na classificação final. É importante referir que os alunos podiam utilizar o manual e o caderno como apoio.

Esta turma apresentava comportamentos em sala de aula muito adequados, no que toca às *aprendizagens cognitivas* foi realizada através da transmissão de conhecimentos científicos. O clima da sala de aula, diretamente relacionado com a *relação pedagógica* e a *disciplina*, desenrolou-se num ambiente de moderada autoridade democrática.

Na globalidade, os alunos na disciplina de História manifestaram um bom aproveitamento. A Professora Estagiária considera que o atual Professor contém novos papéis, transmite diversos comportamentos e deve estar sempre disponível para os atualizar de acordo com as turmas, “[...] conscientemente, ensinamos o que sabemos, inconscientemente, ensinamos quem somos” (Hamachek, 1999, p.209).

3.1.2. 2ª Aula de História do 8ºano

Planificação

Como já foi referido, na planificação elaborada na Prática Pedagógica utilizou-se o Modelo de Mudança Conceptual.

A sequência da segunda aula lecionada insere-se no Tema⁶ G – O arranque da revolução industrial e o triunfo das revoluções liberais e na Unidade Didática G2.3 – A revolução liberal portuguesa.

Para esta segunda aula tinha como principais objetivos: indicar a reação absolutista ao movimento liberal em Portugal; conhecer como se processou a Guerra Civil; reconhecer a importância da Carta Constitucional de 1826; e indicar quais as instituições liberais.

Tal como descrito relativamente à aula anterior, planifiquei a minha aula sob duas formas: em primeiro lugar, defini o plano de aula (anexo 8) e os recursos (anexo 9) a utilizar que foram, com a acordada antecedência, enviados à professora cooperante recomendando algumas alterações de forma a simplificar alguns conteúdos e a utilização de alguns documentos no ppt (anexo 9); em segundo lugar, preparei o espaço, momentos antes de iniciar a aula.

Toda a preparação desta aula, como a anterior, teve em conta os conselhos da professora cooperante realizada na reunião de preparação da aula assistida realizada no dia vinte e quatro de maio de dois mil e treze.

Realização

⁶ Manual: História 8 da Porto Editora.

Ao contrário da anterior aula de História, iniciei esta muito mais à vontade, não apresentando tanto nervosismo como na primeira aula.

Os métodos utilizados pela Professora Estagiária foram o diálogo entre Professor/ Aluno, exposição, debate e problematização dos conteúdos. Os diferentes métodos alternaram-se no decorrer da aula, ao mesmo tempo que se combinaram.

Na sala 8, às 9.55h, preparei o computador e o projetor multimédia, verifiquei se funcionavam corretamente. Iniciei a pen e abri os ficheiros: apresentações de PowerPoint (anexo 9) e o excerto da Série "Dom João no Brasil". Coloquei as fichas formativas para entregar aos alunos e o manual escolar em cima da mesa. Aguardei a entrada dos alunos, previamente já tinha escrito o sumário no quadro.

Num segundo momento da aula, elaborei questões orientadoras para aferir os conhecimentos prévios dos alunos sobre a revolução liberal portuguesa, sendo que no passado dia vinte e dois de mais de dois mil e treze fizemos uma visita de estudo e estivemos em locais relacionados com a matéria. Os alunos participaram ativamente neste momento da aula e no decorrer da aula quando era feita a ponte da aula com a visita conseguiam com facilidade fazer essa relação.

No terceiro momento da aula, como elemento motivador, mostrei o excerto da Série "Dom João no Brasil", para os alunos perceberem a conjuntura política e económica de Portugal. Como nos diz Krapp e Lemos (2002) "a motivação dos alunos, isto é, a sua motivação actual para a aprendizagem, é um factor decisivo na eficácia de uma aula". A motivação dos alunos cumpre um papel essencial, quer no aumento da eficácia do ensino quer na avaliação da qualidade de ensino de um professor. Desta forma, podemos dizer que a capacidade de um professor motivar o maior número de alunos para aprender o que lhes ensina é um elemento fundamental e decisivo.

Num quarto momento foi lançado o desafio: Como se processou a reação absolutista e a guerra civil? De que forma triunfou o liberalismo? Partindo desta questão a aula foi lecionada com apoio do powerpoint (anexo 9), os alunos foram passando pequenos esquemas para o caderno, analisando imagens e no final em conjunto fizemos um esquema conceptual da aula, após o que foi dada uma ficha de trabalho para ser realizada.

Avaliação das aprendizagens

A planificação da aula foi cumprida como planeado, todos os momentos previstos previamente foram contemplados.

No que concerne à avaliação, a Professora Estagiária utilizou dois momentos. Primeiramente, a Professora Estagiária verificou se os alunos apreenderam os conteúdos lecionados através das respostas dadas às questões realizadas no decorrer da aula, na participação, no diálogo (a docente teve sempre o cuidado de frisar os conteúdos e questionar). De um modo geral, as respostas foram satisfatórias, o que revelou que os alunos se encontravam atentos, e sempre com muita vontade de participar na aula.

O comportamento dos alunos na aula revelou-se tranquilo e correto, embora se tivessem registado momentos mais desinquietos, como, por exemplo, quando um dos colegas está a participar. Mas, de um modo geral, não houve problemas de indisciplina: os alunos foram muito participativos na aula e maioritariamente ordeiros na participação.

A docente relevou as intervenções da turma e fez comentários positivos acerca de tudo o que era dito pela turma, corrigindo-os, quando necessário, e explicou alguns conceitos-chave que os discentes registaram no caderno diário.

Como foi referido na aula anterior, o comportamento da turma era apropriado dentro da sala de aula, no que toca às *aprendizagens cognitivas* foi realizada através da transmissão de conhecimentos científicos. O clima da sala de aula, diretamente relacionado com a *relação pedagógica* e a *disciplina*, desenrolou-se num ambiente calmo e motivador.

Os alunos mostraram-se sempre muito curiosos em aprender os novos conteúdos, sempre muito participativos e motivados no desenrolar da aula e na concretização das atividades propostas. Acresce que houve sempre comunicação entre nós e os alunos, a aula não foi só expositiva: os alunos “deram a aula comigo”.

No que diz respeito aos meus comportamentos não-verbais, no início das aulas a professora estagiária apresentava-se um pouco nervosa, pelo facto de estar a ser observada e avaliada, embora tenha conseguido ultrapassar esta dificuldade muito rapidamente. No início da aula, manteve-se mais junto ao

quadro, para que todos os alunos me vissem e ouvissem bem, e, no momento do debate, circulei pela sala, para verificar os registos que os alunos iam fazendo no caderno diário. Para que houvesse um bom clima de aula, a minha conduta pautou-se pelo respeito, atenção e disponibilidade.

Quanto à linguagem, julgo que foi apropriada à idade, sempre com respeito pelo nível etário. Pretendi que os alunos aprendessem de forma significativa para que se envolvessem e apreendessem, de facto, os conteúdos abordados. Assim, as questões foram sendo colocadas de modo a acompanhar a ordem dos acontecimentos para que a abordagem fizesse sentido para os alunos e colocadas alternadamente

3.2. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia

A geografia ocupa hoje uma posição de destaque no grupo das chamadas Ciências da Terra. Durante muitos anos sua aplicação era limitada ao fornecimento de informação de fatos nem sempre importantes. Nos últimos 20 anos, a geografia abandonou esta fase, ingressando na análise e diagnóstico da problemática do desenvolvimento das nações. Os especialistas nas diversas ciências diretamente ligadas aos estudos dos fatos desenvolvidos à epiderme da terra (...) solicitam cada vez mais a contribuição do geógrafo na realização de trabalhos básicos para o estabelecimento de uma estratégia de desenvolvimento. (RODRIGUES, 1972, p.12).

Quando falamos em Didática da Geografia é essencial para a construção do conhecimento da história do ensino bem como das ações docentes, procurar alternativas para melhorar a didática, a metodologia e a aprendizagem. Assim é necessário que o professor pense e relacione a aprendizagem e o conhecimento necessário para fazer com o que aluno apreenda os conteúdos e conceitos importantes no processo educativo.

Pensar na Didática da Geografia é saber organizar os saberes geográficos e articulá-los com os saberes pedagógicos, para que consiga relacioná-los ainda com o saber do professor, o saber do aluno e o saber escolar. As ações realizadas promovem essas inter-relações, para que a perspectiva de ensino e aprendizagem de Geografia seja concretizada.

O papel da Didática da Geografia é promover ações onde os professores vão estruturar e organizar como vão trabalhar em sala de aula, assim realizar uma reflexão sobre os conteúdos e conceitos a serem escolhidos, promover o papel político, social e crítico para auxiliar na compreensão do espaço com quais Santos (1996), Moreira (2007) e outros destacam a importância de conhecer e analisar os conceitos que são pertinentes à discussão da Geografia.

A Geografia Escolar tem como objeto fazer com que o aluno compreenda os fenómenos geográficos espacializados no seu dia-a-dia, para além disto que consiga localizar-se e perceber as transformações que vão ocorrendo. A partir do que foi referido, pensar no currículo é reestruturar o saber, para que a escola possa intervir na construção de um conhecimento em que aluno e professor dialoguem e construam uma relação pedagógica.

De acordo com Castellar & Vilhena (2010, p.10),

“A educação geográfica contribui para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem em diferentes momentos históricos. Isso porque a vida em sociedade é dinâmica, e o espaço geográfico absorve as contradições em relação aos ritmos estabelecidos pelas inovações no campo da informação e da técnica, o que implica, de certa maneira, alterações no comportamento e na cultura da população dos diferentes lugares.”

A geografia contribui para estudos sobre a importância das condições climáticas para o planeamento urbano, o ambiente exterior ainda é muitas vezes ignorado, as quais as regras da Arquitetura tradicional têm vindo a ser substituídas por soluções que valorizam a tecnologia avançada, tornando o Homem cada vez mais dependente dos Recursos Naturais (Alcoforado, 1999).

Vamos explicar o papel da Geografia na questão aplicada aos Incêndios, Riscos naturais, Turismo, Clima Urbano aplicada à geomorfologia.

Na geografia física mais particularmente no que diz respeito à geomorfologia podemos dizer que o estudo da geomorfologia da rede de drenagem atual e quaternários e das formas e depósitos fluviais correspondentes em Portugal tem sido marcado por períodos de maior intensidade na investigação e por outros de quase estagnação científica (Daveau, 1993). Podemos dar exemplo do estudo dos terraços fluviais de idade quaternária foi particularmente intenso nas décadas de 40 a 60.

Podemos observar ainda nos reconhecimentos de H. Lautensach e Orlando Ribeiro em 1932 e 1941 nos rios do Noroeste e, especificamente, no rio Minho onde estes autores pela primeira vez, através de um estudo geomorfológico e sedimentológico aprofundado, propunham a existência de três níveis de depósitos de terraços fluviais, aos quais atribuíram as idades dos três últimos interglaciares; os trabalhos de G. Zbyszewski e H. Breuil nos anos

40, no Tejo, e no rio Mondego por parte de O. Ribeiro e A. Patrício (1943) deram passos importantes para a cronologia do Quaternário em Portugal. Convém, também, não esquecer a grande contribuição de Zbyszewski (1958) sobre a evolução quaternária geral dos vales portugueses.

Independentemente do esforço destes investigadores nas décadas de 40 e 60 do século passado, o estudo de geomorfologia fluvial, sobretudo quando entendido numa perspetiva regional e histórica parece ter sido relegado para segundo plano a partir do final dos anos 60.

Entre a década de 60 e os princípios da década de 80 do século passado existiu uma grande preocupação, entre os geólogos e alguns geomorfólogos portugueses, de entender a Geomorfologia e Sedimentologia dos depósitos pré-quaternários (essencialmente do Terciário) na qual a rede quaternária se inseria posteriormente.

De entre estes estudos destacamos o grande número de trabalhos de G. S. Carvalho (1948, 1950 e 1951) sobre os depósitos detríticos (torrenciais) pliocénicos dos arredores de Coimbra e sobre a geologia do baixo Mondego e a origem dos depósitos Plio36 plistocénicos da orla Meso-Cenozóica ocidental, G. S. Carvalho (1953) sobre os depósitos detríticos e morfologia da região de Aveiro, A. M. Carvalho (1955) sobre a deposição dos depósitos cretácicos das bacias da região entre as bacias do Vouga e Mondego, H. Figueiredo de Carvalho (1962) sobre o estudo geológico da bacia de Mortágua, Soares (1966) sobre as formações pós-Jurássicas da região de Montemor-o-Velho, A. M. Carvalho (1968) e A. M. Carvalho *et al.* (1983) sobre a evolução paleogeográfica da bacia cenozóica do Tejo do Sado onde os autores descrevem a sedimentologia dos depósitos terciários desta bacia.

A partir da década de 70 destacamos ainda os trabalhos de A. M. Carvalho (1972) sobre a caracterização dos depósitos Plio-Plistocénicos da região de Leiria, Brum Ferreira (1978) sobre a geomorfologia dos planaltos e montanhas do Norte da Beira onde o autor aborda a evolução pré-quaternária da rede de drenagem das bacias hidrográficas do Vouga, Mondego e parte do alto Douro e Cabral (1981) sobre os depósitos de superficiais da bacia do Douro. Estes estudos das décadas de 60 a 80 foram de grande importância para o conhecimento da evolução dos vales fluviais.

Por sua vez, a existência de levantamentos geológicos, mais ou menos pormenorizados e rigorosos, sobre grande parte da faixa litoral em que se situam os principais afloramentos de terraços, os novos conhecimentos sobre a tectónica e particularmente sobre a neotectónica de Portugal e a evolução e vulgarização dos métodos de datação absoluta tem vindo a relançar os estudos sobre terraços e outras formas e depósitos fluviais em Portugal.

Em comparação com os trabalhos dos anos 40 e 60 do século passado, nos trabalhos mais recentes parece haver uma reformulação dos métodos de análise e, sobretudo de interpretação dos terraços, passando de um modelo de integração altimétrica (defendido pelos geomorfólogos nos anos 40 e 60) dos terraços baseado nas cotas (ou distância vertical ao rio) a que aparecem os depósitos (ou o topo das superfícies de enchimento) para um modelo mais baseado na interpretação sedimentológica e estratigráfica dos depósitos (Rebelo, 1993).

Alguns dos argumentos apresentados por estes novos estudos contra o método de correlação altimétrica defendido pelos geomorfólogos nos anos 40 e 60 prendem-se, por exemplo, com a variação do número de terraços de rio para rio, que impossibilita a construção de modelos regionais de evolução fluvial; com a variação das cotas entre os diversos rios e entre os rios e o mar; com o facto de que a descida do nível marinho nem sempre implicar escavamento e formação de terraço; com o facto de a vaga de erosão regressiva apenas afetar o sector terminal dos rios, sendo pois necessário procurar outras causas para os terraços mais interiores; e com a interferência da tectónica na deformação dos terraços.

Entre uma miríade de trabalhos desenvolvidos entre a década de 80 do século passado até à atualidade nas mais diversas bacias dos principais rios Portugueses citamos neste parágrafo os trabalhos de Soares *et al.* (1983, 1989, 1992, 1993, 1997, 1998, 2007); Cunha e Soares (1997); Ramos (2000); Ramos e Soares (1998); Marques (1977); Soares (1999); Soares, (2000); Soares; Marques (2002) e Santos (2009) sobre a geomorfologia, sedimentologia e evolução quaternária do vale do sector do baixo rio Mondego.

Falamos ainda os estudos de Araújo (2000, 2002, 2004) sobre a génese, geomorfologia e sedimentologia dos depósitos de terraços marinhos da plataforma litoral da região norte de Portugal. Estes estudos são mencionados

pela excelente contribuição que os mesmos têm dado para a compreensão da evolução eustática do nível do mar em Portugal durante o Quaternário e a sua correlação com os depósitos de terraço fluvial dos sectores terminais dos principais rios portugueses.

Destacamos ainda os estudos em geomorfologia glacial no Alasca de Santos et al. (2010) e Santos e Cunha (2012) onde estes autores descrevem a cronologia holocénica do Colleege Fiord através da datação por c14 e dendrocronologia. Os trabalhos de Santo et.al (2013) contribuíram também através de um estudo sedimentológico preliminar na Serra da Peneda, para uma melhor compreensão da génese das formas glaciares desta serra.

É também importante referir os trabalhos de Luciano Lourenço de (1997, 1998, 2001,2005) sobre os riscos naturais causados por incêndios associados quase sempre ao às mudanças climáticas à escala anual e de décadas. Luciano Lourenço (1995,1996, 2001) através de vários projetos e seminários faz uma sensibilização tanto para a população como para os profissionais, nomeadamente bombeiros voluntários, sobre a ocorrência de riscos de incêndios.

Finalmente realçamos os estudos em riscos naturais de Martins (2009 e 2010) sobre os riscos de ravinamentos na região da depressão de Régua – Chaves – Verín e o efeito das cheias rápidas ocorridas em 2008 no Mindelo, São Vicente (Cabo Verde).

Como nos diz Martins (2009) o Homem interfere na dinâmica do território e na sua evolução. Hoje em dia, os avanços tecnológicos dos métodos de prevenção e restauração, bem como os acréscimos na escala de organização social, tornam possível, embora nem sempre a assegurem, uma ampla diversidade de respostas humanas.

Os riscos naturais resultam da interação entre o Homem e o meio, ocorrendo, na maioria das vezes, quando este penetra em certos ambientes e neles atua, frequentemente sem que a tal o abriguem necessidades da sua própria sobrevivência, e sem a compreensão correta das sensibilidades e limitações ambientais.

Quando falamos em Didática da Geografia é essencial para a construção do conhecimento da história do ensino bem como das ações docentes, procurar alternativas para melhorar a didática, a metodologia e a

aprendizagem. Assim é necessário que o professor pense e relacione a aprendizagem e o conhecimento necessário para fazer com o que aluno apreenda os conteúdos e conceitos importantes no processo educativo.

Pensar na Didática da Geografia é saber organizar os saberes geográficos e articulá-los com os saberes pedagógicos, para que consiga relacioná-los ainda com o saber do professor, o saber do aluno e o saber escolar. As ações realizadas promovem essas inter-relações, para que a perspectiva de ensino e aprendizagem de Geografia seja concretizada.

O papel da Didática da Geografia é promover ações onde os professores vão estruturar e organizar o trabalho em sala de aula, assim realizar uma reflexão sobre os conteúdos e conceitos a serem escolhidos, promover o papel político, social e crítico para auxiliar na compreensão do espaço com quais Santos (1996), Moreira (2007) e outros destacam a importância de conhecer e analisar os conceitos que são pertinentes à discussão da Geografia.

A Geografia Escolar tem como objeto fazer com que o aluno compreenda os fenômenos geográficos espacializados no seu dia-a-dia, para além disto que consiga localizar-se e perceber as transformações que vão ocorrendo. A partir do que foi referido, pensar no currículo é reestruturar o saber, para que a escola possa intervir na construção de um conhecimento em que aluno e professor dialoguem e construam uma relação pedagógica.

De acordo com Castellar & Vilhena (2010, p.10),

“A educação geográfica contribui para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem em diferentes momentos históricos. Isso porque a vida em sociedade é dinâmica, e o espaço geográfico absorve as contradições em relação aos ritmos estabelecidos pelas inovações no campo da informação e da técnica, o que implica, de certa maneira, alterações no comportamento e na cultura da população dos diferentes lugares.”

O ensino de Geografia deve analisar as interações que a sociedade procura e estuda para controlar e modificar a natureza, para articular as ações realizadas no espaço entre diferentes períodos, dado que as contextualizações são essenciais para fazer com que o aluno consiga a relação espacial e a percepção dos lugares.

O percurso feito pela Geografia na direção de se tornar uma ciência teve reflexos também no movimento de institucionalização da Geografia como disciplina escolar. De acordo com Cassab (2009, p.46) só no século XIX, é que a Geografia passou a ser considerada uma disciplina, mas só no século XX começou a adquirir dimensão. É preciso deixar clara a importância do conteúdo geográfico para o entendimento da sociedade e na própria formação do aluno evitando, com isso, que domine a visão da suposta inutilidade do ensino da Geografia.

Como nos diz Monbeig (1956, p.2) "Para uns a geografia é confundida com narrativas de viajantes; um geógrafo é um explorador, a rigor um cartógrafo; traz de suas viagens narrativas agradáveis de ouvir-se, sobretudo se tem a habilidade de ilustrá-las de belas imagens"

Desta forma podemos dizer que o bom ensino de geografia, como qualquer outro ensino, recorre à memória. Portanto é ao professor que cabe encontrar estratégias para que os alunos exercitem a memória dos alunos. Como todas as outras ciências, a Geografia não é uma ciência de factos isolados, possíveis de serem conhecidos por si e em si.

O ensino da Geografia deve proporcionar alternativas para a elaboração de "raciocínios geográficos" na escola, para que assim se simplifique a compreensão dos problemas do mundo atual, sendo que muitos dos quais estão ligados à convivência social. É importante entender que a Terra é o planeta vivo e da vida, estão relacionados, isto é, indivíduo-sociedade-natureza, com tudo o que isso comporta em termos de diversidade, desigualdade, contradição, harmonia.

A Geografia responde a várias questões que o Homem levanta sobre o Meio Físico e Humano, pois esta ajuda-nos a desenvolver o conhecimento dos lugares, das regiões do Mundo, bem como a compreensão dos mapas e na investigação e resolução de problemas. Através do estudo da Geografia, os alunos estabelecem o contacto com diferentes sociedades e culturas num contexto espacial e ajuda-os a perceber de que forma os espaços se relacionam entre si.

O convívio democrático e cidadão, é uma temática fundamental para a Geografia, a vida em sociedade impõe restrições aos membros, as regras de convívio, resultam na gratidão em relação ao outro, pois é um elemento

fundamental de análise da Geografia Crítica. A Geografia escolar alicerçada na Geografia Crítica é capaz de promover o diálogo reflexivo com a realidade, desde que, o professor tenha sempre em consideração o do seu papel como mediador do conhecimento e da importância do espaço geográfico na constituição da identidade e da cidadania.

O professor de Geografia, ao pensar num determinado conteúdo, precisa de estruturar as suas aulas e prepará-las, ao construir métodos de aprendizagem, faz com que o aluno perceba e transponha aquele conhecimento apreendido para seu quotidiano.

3.2.1. 1ª Aula de Geografia do 8º ano

Planificação

A planificação de Geografia foi concebida nos mesmos moldes que a planificação de História, visa e atende todos os pontos, sendo que através da elaboração e execução de um plano deste tipo, que o professor pode lecionar aulas com um fio condutor, consegue responder às questões levantadas pelos alunos e no fundo conseguir o objetivo primordial construir aprendizagens significativas e desenvolver competências.

A preparação da primeira aula de Geografia⁷ e dos respetivos materiais didáticos foram elementares para que a aula privilegiasse a aprendizagem e a interação entre alunos e professora. Assim, aula da professora estagiária insere-se na Unidade⁸ 1 – *A população* e na Unidade Didática 1.13 – *O que é a estrutura etária da população*.

Para esta primeira aula tinha como principais objetivos: Definir o conceito estrutura etária; identificar os três grupos da estrutura etária; definir pirâmide etária; e explicar como se apresentam e constroem.

Como temos vindo a dizer, a planificação da aula foi executada sob duas formas: em primeiro lugar, defini o plano de aula⁹ (anexo 14) e os recursos (anexo 15) a utilizar que foram, com a acordada antecedência, isto é, enviados à professora cooperante para analisar e fazer as alterações que fossem

⁷ 16/04/13, com a turma do 8º ano.

⁸ Manual: Geografia à descoberta, 8º ano, Editora: Santilhana, Constância

⁹ O plano de aula foi o mesmo para as duas aulas, sendo que eram aulas de 45 minutos e fui eu quem as lecionou.

necessárias quer no Power point, quer na ficha de trabalho. Em segundo lugar, preparei a sala de aula.

A planificação é importante tal como a utilização de objetivos, os quais têm consequências tanto para a aprendizagem, como para o comportamento dos alunos na sala de aula. Desta forma, é possível aumentar a motivação do aluno, ajudar a focalizar a aprendizagem do aluno e a diminuir os problemas de gestão da sala de aula.

Realização

A professora estagiária iniciou a primeira aula assistida de Geografia um pouco nervosa, pois foi a primeira aula que lecionou, sendo que o facto de se avaliada é sempre constrangedor e gerador de nervosismos. Mas, momentos depois, sentiu-se à vontade na explicação da matéria e na relação docente alunos.

Assim, na realização da primeira aula foram usados diversos recursos: apresentação em PowerPoint (anexo 15), o manual, uma ficha de trabalho (realizada pela Professora Estagiária – anexo 20); quadro; computador; colunas de som; projetor multimédia, caderno diário. Os métodos utilizados pela Professora Estagiária foram o método de diálogo entre Professor/ Aluno, a exposição e discussão.

Na sala 8, às 13.15h (quinze minutos antes do início da aula), preparei o computador e o projetor multimédia e, tal como referi na realização da aula de História, segui os mesmos passos, verifiquei se funcionavam corretamente tal como a internet. Inseti a *pen* e abri os ficheiros: apresentações de PowerPoint. Coloquei as fichas formativas para entregar aos alunos e o manual escolar em cima da mesa. Aguardei a entrada dos alunos, a distribuição destas na sala de aula foi feita pela diretora de turma.

Dei “boa tarde” aos alunos, de seguida pedi para estes colocarem um papel em cima das secretárias com os nomes, para assim saber logo de imediato o nome dos alunos se quisesse fazer ou responder a alguma questão destes. De seguida, transmiti o sumário e, num segundo momento, explorei as ideias prévias, recorrendo à técnica “brainstorming” e dando pistas sobre a nova matéria. No terceiro momento da aula, coloquei questões, dei pistas e mostrei o power point e a aula foi decorrendo. No momento de explicação de

como se constrói uma pirâmide etária os alunos foram repetindo oralmente os passos e no final disseram oralmente como se construía, os alunos mostraram-se sempre atentos e com vontade de participar. Recorri a imagens de pirâmides etárias e projetei-as, neste momento fui pedindo para me identificarem as classes ocas. No final da aula construimos um esquema conceptual juntos que foi passado para o caderno diário.

Avaliação das aprendizagens

O plano de aula foi cumprido com sucesso, tal como todos os momentos previamente definidos da aula. Os alunos participaram ativamente na aula, estavam atentos, pois quando eram colocadas questões sabiam responder e identificar as respostas.

O comportamento da turma foi adequado dentro da sala de aula.

A aprendizagem no seio da turma deverá ser cooperativa, heterogénea, assente em práticas diversificadas, materiais e recursos diferentes e interessantes, numa tentativa constante de cativar os alunos, incentivando-os a superar as suas dificuldades, sem nunca desistir.

3.2.2. 2ª Aula de Geografia do 8º ano

Planificação

A planificação da segunda aula de Geografia seguiu os mesmos moldes da primeira aula.

Para esta segunda aula tinha como principais objetivos: Relacionar estrutura etária com pirâmides etária; identificar os quatro tipos de pirâmides etárias; distinguir estrutura etária envelhecida, adulta e jovem; perceber o envelhecimento da população em Portugal; e desenvolver e consolidar atitudes facilitadoras de trabalho cooperativo no seio do grupo.

Assim, a planificação da aula foi executada sob duas formas: em primeiro lugar, os recursos e materiais a utilizar que foram previamente analisados pela professora cooperante; em segundo lugar, preparar a sala de aula.

Realização

A fase da realização é fundamental no processo de ensino e aprendizagem, dado que os resultados que os alunos vão obter estão relacionados em grande parte com o que acontece nas aulas e ainda os resultados do que os alunos e professores fizeram nestas.

A professora estagiária deu continuidade à aula anterior, perguntando se os alunos tinham dúvidas sobre a matéria: conseguiu verificar se os alunos tinham dúvidas, pois pediu para dizerem sucintamente o que foi dado na aula anterior.

A professora deu início à matéria nova e projetou imagens pedindo aos alunos que fossem ao quadro, o que dinamizou a aula e os alunos demonstraram que gostaram desse momento da aula.

No final da aula, realizaram um esquema professora/ alunos que foi passado para o caderno e, de seguida, começaram a fazer a ficha de trabalho, que foi terminada em casa.

Avaliação das aprendizagens

A avaliação das aprendizagens foi formativa. A Professora primeiramente verificou se os alunos apreenderam os conteúdos lecionados através das respostas dadas nos exercícios no decorrer da aula (participação). Num segundo momento, incidiu sobre a realização da ficha de trabalho na aula, a restante ficha foi terminada em casa.

A Professora Estagiária considera que atingiu os objetivos centrais da unidade letiva, assim como as competências a desenvolver descritas no plano de aula. A avaliação positiva das aprendizagens foi comprovativa do sucesso atingido.

3.3. Participação na escola e relação com a comunidade

Para se compreender a nossa participação na escola, neste subcapítulo procedeu-se à descrição das atividades da Professora Estagiária na relação escola-comunidade.

Para a Professora Estagiária, os alunos aprendem além das paredes da sala de aula e, neste sentido, devem participar e relacionar-se com as atividades do meio escolar, que estimulam a sua autonomia, a personalidade e a responsabilidade.

A participação na escola em estudo assumiu particular evidência na preparação da “Visita de estudo ao centro histórico do Porto - Os Caminhos do Liberalismo”, que decorreu no dia 15 de maio de 2013 e no Colóquio “As alterações Climáticas” com a participação do *Professor Doutor João Santos* no dia 24 de maio de 2013.

Na elaboração e realização da visita de estudo, foi necessário ter em atenção alguns elementos fundamentais, como os objetivos e os temas e competências a serem trabalhadas e desenvolvidas nesta atividade em específico. Já no que toca à parte burocrática da mesma, foram cumpridos todos procedimentos, no início da prática pedagógica, a autorização dada pelo Conselho Pedagógico, para a realização desta saída de estudo, as autorizações dos pais e a realização de um guião da visita de estudo (anexo XX).

A visita de estudo ao centro histórico do Porto, realizou-se no dia 15 de maio, entre as 15h e 18h. As Professoras estagiárias acompanhadas pelas professoras cooperantes encontraram-se com os alunos por volta das 15h no portão da escola para darem início à visita. A atividade “os Caminhos do Liberalismo” tinha como principais objetivos a serem atingidos pelos alunos:

- Observar, descrever e interpretar o meio urbano da cidade do Porto, no espaço, tempo, concretamente;
- Ler e interpretar mapa e fotografias das zonas da cidade a visitar;
- Identificar fases do Liberalismo;
- Observar, *in loco*, os locais relacionados com o liberalismo;
- Identificar património histórico e cultural local;
- Desenvolver competências de socialização fora do espaço escola e sala de aula, com os professores e com os colegas.



Figura 2 - Imagem da cidade do Porto¹⁰.

A visita de estudo teve também como objetivo consolidar os conhecimentos adquiridos na disciplina de Geografia em relação à temática da cartografia, o tipo de plantas das cidades e a estrutura etária da População do Porto. Relativamente à disciplina de História visava fortalecer conhecimentos sobre as Invasões Francesas em Portugal e sobre o liberalismo em Portugal. E igualmente perceber a importância da cidade do Porto. Assim, esta atividade teve o intuito de contribuir para que os alunos adquirissem, consolidassem e aplicassem conhecimentos do domínio histórico-cultural (ver anexo 23).

Organização de um Colóquio “As alterações Climáticas”


No dia 24 de maio de 2013, entre as 15h00 e as 17.15h teve lugar na Biblioteca da E.B 2.3 do Viso um Colóquio sobre “*As alterações Climáticas*” organizado pelas alunas estagiárias de História e Geografia, no âmbito do Estágio Pedagógico do 2.º Ano de Mestrado do Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, e dinamizado pelo Professor Doutor João Santos, Professor da Universidade Portucalense (ver anexo 25).

¹⁰ Imagem retirada da Internet.

NATIONAL GEOGRAPHIC

As Alterações Climáticas no Alasca

Convidado: Professor Doutor João Santos




O Alasca é o local do mundo onde são mais visíveis as alterações climáticas.

Local: Biblioteca Escola do Viso

Data: 24 de Maio de 2013
Hora: 15.00h

Contámos contigo!!



❖ Promotores-Núcleos de Estágio Universidade Portucalense: Ana Loureiro, Lígia Eiras, Mária Carvalhido e Patrícia Martins
❖ Docentes titulares: Dr. Elza Mesquita e Dr. Marta Pinto

Figura 3 - Cartaz afixado na escola para publicitar o Colóquio sobre “As alterações Climáticas”

Capítulo 4 - Reflexão crítica fundamentada sobre os resultados obtidos de aprendizagem

Capítulo 4 - Reflexão crítica fundamentada sobre os resultados obtidos de aprendizagem

4.1 Os resultados obtidos na aprendizagem

A avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar soluções. Havendo sempre, no processo de ensino-aprendizagem, um caminho a seguir entre um ponto de partida e um ponto de chegada, naturalmente que é necessário verificar se o trajecto está a decorrer em direcção à meta, se alguns pararam por não saber o caminho ou por terem enveredado por um desvio errado.

(Ribeiro, 1993, p. 75)

A avaliação está “presente em todos os domínios da actividade humana de modo formal ou informal”, sendo indissociável de qualquer empreendimento, organização ou mesmo na nossa vida no dia-a-dia” (Rodrigues, 1999, p.18). Após a organização e gestão do ensino e aprendizagem, passou-se à tarefa seguinte que foi, naturalmente, a avaliação dos resultados obtidos nas áreas de Geografia e de História.

4.1. 1 Avaliação sumativa em História

Tenho perfeita consciência da importância da avaliação sumativa, uma vez que é esta avaliação que tem como objetivo ajuizar o progresso efetuado pelo aluno no final de uma determinada unidade curricular, com o intuito de aferir resultados já recolhidos por avaliações anteriores (diagnóstica e/ou formativa) e fornecer informações que permitam aperfeiçoar o processo de ensino.

A este respeito, Fernandes (2005, p.73) refere que “... a avaliação sumativa é utilizada pelos professores para atribuir classificações, para seleccionar e para, em última análise, certificar os seus alunos”.

Ainda no que diz respeito à avaliação, é esta que nos dá as respostas se a aprendizagem está a ser concretizada, pois possibilita ao aluno a capacidade

de progredir e no caso do professor dá a capacidade de reorientar a sua ação, daí a sua função reguladora. Mas avaliar não é um processo simples, pelo contrário. Neste sentido, Roldão define que “avaliar é um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução”. (Roldão, 2004, p. 41)

Ainda no que diz respeito à avaliação, sabemos que esta vai ser realizada para verificar se a aprendizagem está a ser concretizada e a que nível é que de aprendizagem os alunos estão. A avaliação é realizada com mais frequência após as atividades sujeitas à obtenção de uma técnica, após as atividades de intervenção personalizada, após o desenvolvimento de uma unidade didática ou após um período letivo. É geralmente representada por uma nota que pretende indicar o nível global de cada aluno.

Os meus objetivos nas aulas de História foi a aproximação entre aluno-docente e promover a autoconfiança dos alunos, de forma a motivar para aprendizagem da História.

A citação que se segue ilustra a minha escolha de estratégia no ensino da História:

(...) aprendizagem significativa e construção de conhecimento e um modelo de ensino que parte de pré-conceitos e ideias prévias dos alunos, que dispõe de mapas conceptuais com os conceitos essenciais de um conteúdo, proporcionando organizadores prévios de modo a provocar o conflito cognitivo que significa, mais do que descobrir, reconstruir. O papel do professor torna-se mais importante pois tem que ser agora o planificador de actividades que facilitem a construção de significados, seleccionando os conteúdos e actividades mais adequadas, entre as quais estão a exposição. A recepção e a investigação (...) (Alves, 2001, p. 7).

Durante a minha prática pedagógica incidi especial atenção à avaliação sumativa, e apesar dos testes terem sido aplicados pela professora cooperante, contribuí em parte para a sua elaboração, dado que o objetivo da sua aplicação era aferir os resultados dos alunos sobre a aula que lecionei.

Sendo que lecionei duas matérias diferentes, foram igualmente aplicados dois testes diferentes, que continham questões elaboradas pela professora estagiária. O primeiro teste insere-se no Tema¹¹ G – *O arranque da revolução industrial e o triunfo das revoluções liberais* e na Unidade Didática G2.2 – *A revolução francesa*.

As questões que elaborei foram:

2.2. Enumera os grupos sociais que faziam parte dos Estados Gerais.

2.3. Descreve o que aconteceu nos Estados Gerais.

A questão 2.2 foi cotada por 9 valores em 100%, a média de resultados obtidos foi de 6,9 valores. Salienta-se que 12 alunos tiveram a cotação máxima, 3 alunos obtiveram 3 valores, 6 alunos 3 valores e 2 alunos obtiveram 0 valores.



Gráfico 1 - Resultados da questão 2.2

Fonte: Elaboração própria.

No que concerne à questão 2.3, esta foi cotada por 10 valores em 100%, a média de resultados obtidos foi de 6 valores. É importante dizer que dois alunos conseguiram a cotação máxima e que dois alunos obtiveram zero valores porque não responderam à questão.

¹¹ Manual: História 8 da Porto Editora.



Gráfico 2 - Resultados da questão 2.3.

Fonte: Elaboração própria.

O segundo teste insere-se no Tema¹² G – *O arranque da revolução industrial e o triunfo das revoluções liberais* e na Unidade Didática G2.3 – *A revolução liberal portuguesa*.

As questões que foram escolhidas para implementar no segundo teste foram:

5.3. Enumera as 2 facções presentes na guerra civil de 1832–1834, bem como, os líderes de cada facção.

6. Identifica a cidade cercada pelas forças absolutistas durante a guerra civil 1832-1834.

A questão 5.3 foi cotada por 6 valores em 100%, a média de resultados obtidos foi de 4,5 valores. Salienta-se que 12 alunos tiveram a cotação máxima e 7 alunos obtiveram 0 valores porque não responderam à questão.

¹² Manual: História 8 da Porto Editora.



Gráfico 3 - Resultados da questão 5.3.

Fonte: Elaboração própria.

Por sua vez na questão 6 tinha a cotação de 3 valores em 100% e a média de resultados obtidos foi 1,9 valores. É importante referir que 12 alunos tiveram a cotação máxima, ao passo que 7 alunos obtiveram 0 valores.



Gráfico 4 - Resultados da questão 6.

Fonte: Elaboração própria.

A média das questões é positiva, pelo que concluo que o *feedback* dado durante as minhas duas aulas, a interação existente, o cumprimento da planificação, a utilização dos recursos se revelaram adequados.

A avaliação sumativa permitiu à professora estagiária perceber que os objetivos foram cumpridos, embora não tenha sido na sua totalidade, pois nem todos os alunos responderam corretamente. Como nos diz Ribeiro (1993, p.90) diz "(...) uma classificação, seja em que momento for dada, deve refletir uma apreciação global do trabalho do aluno, que não se baseia só em provas de avaliação de conhecimentos mas em todo o processo de interação que teve lugar entre professor e alunos..."

4.1.2 Avaliação sumativa em Geografia

Os meus objetivos nas aulas de Geografia foram a aproximação do relacionamento aluno-docente e tornar o aluno cada vez mais ativo e mais interessado pelo conhecimento geográfico, como se pode averiguar na minha preparação das aulas. Neste sentido,

o ensino de Geografia no ensino fundamental, tanto no campo, quanto na cidade precisa ir mais além da troca de materiais e manuais didático-pedagógicos. É preciso obter informações que permitam compreender as crianças nos aspetos relativos à educação na cidade e no campo e, principalmente, sobre o seu desenvolvimento cognitivo, psicológico, percepção do espaço e padrão de linguagem. (Lima & Vlach, 2002, p. 44)

Tal como na disciplina de História, em Geografia os testes foram aplicados pela Professora Cooperante, auxiliei na sua elaboração pois na sua aplicação o objetivo era apreciar os resultados dos alunos sobre a aula que lectionei.

A avaliação sumativa pretende avaliar o progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, isto é, averiguar os resultados das avaliações para que assim se verifique se o processo de ensino foi concretizado.

O teste insere-se na Unidade¹³ 1 – *A população*. A questão que foi escolhida para implementar no teste foi:

¹³ Manual: Geografia à descoberta, 8ºano, Editora: Santilhana, Constância

6.3 Classifica as pirâmides A e B quanto à sua forma. Justifica a resposta.

A questão 6.3 foi cotada em 8 valores e a média de resultados obtidos foi de 4 valores, sendo que houve uma aluna que não realizou o teste. No entanto só 2 alunos conseguiram a cotação máxima e 5 alunos obtiveram 0 valores.

Resultados da questão 6.3

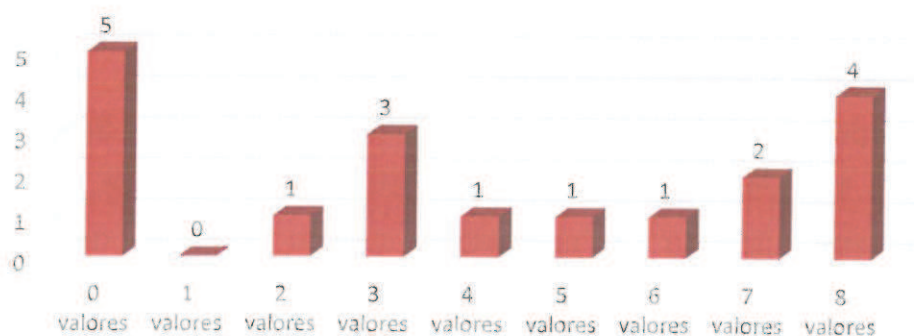


Gráfico 5 - Resultado da questão 6.3.

Fonte: Elaboração própria.

Após uma análise estatística, o resultado médio obtido pelos alunos foi positivo.

Segundo (Ribeiro, 1993, p. 89) “ A avaliação sumativa corresponde, pois, a um balanço final, a uma visão de conjunto relativamente a um todo sobre que, até aí, só haviam sido feitos juízos parcelares.”

4.1.3 Investigação realizada no âmbito das metodologias no ensino da Geografia e História

“... a aprendizagem constitui uma mudança de comportamento resultante da experiência. Trata-se de uma mudança de comportamento ou de conduta que assume várias características.” (Fonseca,2008, p.164)”.

Neste ponto vamos incidir, essencialmente, a nossa atenção numa vertente investigativa, mais concretamente na análise e reflexão de dados obtidos através de um questionário aplicados aos alunos do 7º e 8º ano de escolaridade da Escola EB 2/3 do Viso.

De acordo com Quivy e Campenhoudt (1998), citados por Silva (2006, p. 116), o uso de questionários “(...)é um método de recolha de dados muito frequentemente utilizado e adequado, quando este é destinado ao conhecimento de opiniões, atitudes e práticas de uma dada população.”

Uma equipa de investigadores do anterior Departamento Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense construiu um questionário que foi, posteriormente, alvo de análise e debate com os estudantes do Mestrado em Ensino de História e da Geografia (3ºciclo do ensino básico e secundário) e que tinha como principais objetivos de investigação:

- i) Averiguar quais as metodologias de ensino que os alunos afirmam que o professor de História e o professor de Geografia mais utilizam em contexto de sala de aula;
- ii) Identificar os temas de História e os de Geografia preferidos pelos alunos;
- iii) Aferir se os alunos gostam ou não das disciplinas de História e Geografia e quais as razões subjacentes a esse gosto ou não;
- iv) Identificar, segundo a opinião dos alunos, quais as tecnologias de informação e comunicação mais utilizadas pelos professores em contexto de sala de aula.

O questionário (ver anexo 28) foi administrado a turmas do 7º e 8º anos de escolaridade dos professores cooperantes e encontra-se organizado em duas partes, nomeadamente: a primeira relativa a uma caracterização pessoal do aluno respondente e uma segunda parte sobre opções metodológicas no âmbito do ensino das disciplinas de História e Geografia.

As questões elaboradas tiveram por base a caracterização pessoal do aluno respondente e opções metodológicas no ensino das disciplinas de História e da Geografia. Assim o primeiro grupo de perguntas baseou-se em características pessoais dos respondentes, tais como, Idade, sexo, percurso escolar e composição do agregado familiar.

No que respeita às questões da segunda parte do questionário as mesmas versavam sobre: os temas da disciplina que despertam maior e menor interesse aos alunos, a utilização de tecnologias de informação na sala de aula, bem como a opinião dos alunos sobre quais as metodologias de ensino mais utilizadas pelos professores em contexto de sala de aula nas disciplinas de História e Geografia.

Depois de concluído o questionário, aplicamo-lo através de uma técnica de amostragem não probabilística causal por conveniência a um conjunto de alunos. Apesar do método de amostragem utilizado ter sido por conveniência consideramos que este método não limitou nem colocou em causa a validade dos resultados na medida em que não houve qualquer tipo de influência sobre os respondentes. De seguida procedeu-se à recolha de dados e ao tratamento e análise dos mesmos.

4.1.3 Estudo – Metodologia no Ensino da História

O presente estudo foi realizado em 41 indivíduos de três turmas, duas de 8º ano e uma de 7º ano da escola EB 2/3 do Viso, com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos O questionário em questão era constituído por dois grandes grupos:

- I. Caracterização Pessoal: onde os inquiridos responderam a questões relativamente aos seus dados biográficos e ao seu percurso escolar;

- II. Opções Metodológicas no Ensino da Disciplina História: onde os inquiridos responderam questões relativamente à sua opinião e perceção sobre a disciplina e sobre o modo que esta é lecionada.

Caracterização da amostra

A amostra é constituída por 37 alunos, 23 são do sexo feminino (62%) enquanto 14 são do sexo masculino (38%).



Gráfico 6 - Distribuição etária dos alunos inquiridos em História.



Gráfico 7 - Sexo dos inquiridos em História.

Como podemos observar no gráfico 6, idade dos inquiridos varia entre 11 e os 17 anos de idade, os inquiridos frequentam apenas dois de escolaridade: o 7º ano, que comporta 41% dos inquiridos (ou seja 15 alunos) e o 8º ano que é frequentado por 59% dos inquiridos (22 alunos).

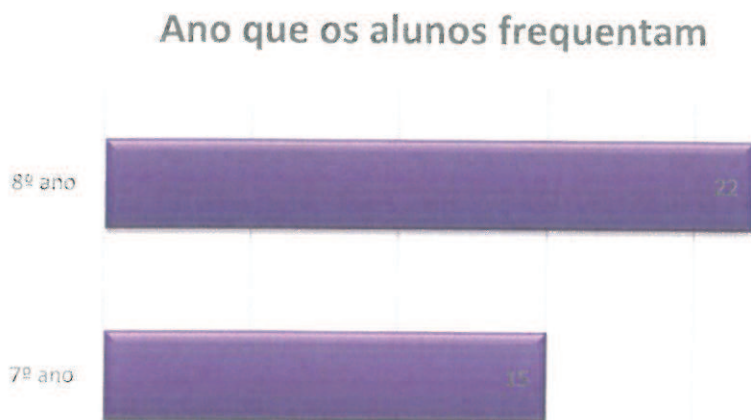


Gráfico 8 – Ano que os inquiridos frequentam.

Composição do agregado familiar

Relativamente ao agregado familiar, a generalidade dos alunos vive com o pai e a mãe e irmão(s) (17 alunos) e 12 dos alunos vivem com o pai e a mãe, como se pode verificar no gráfico 9.

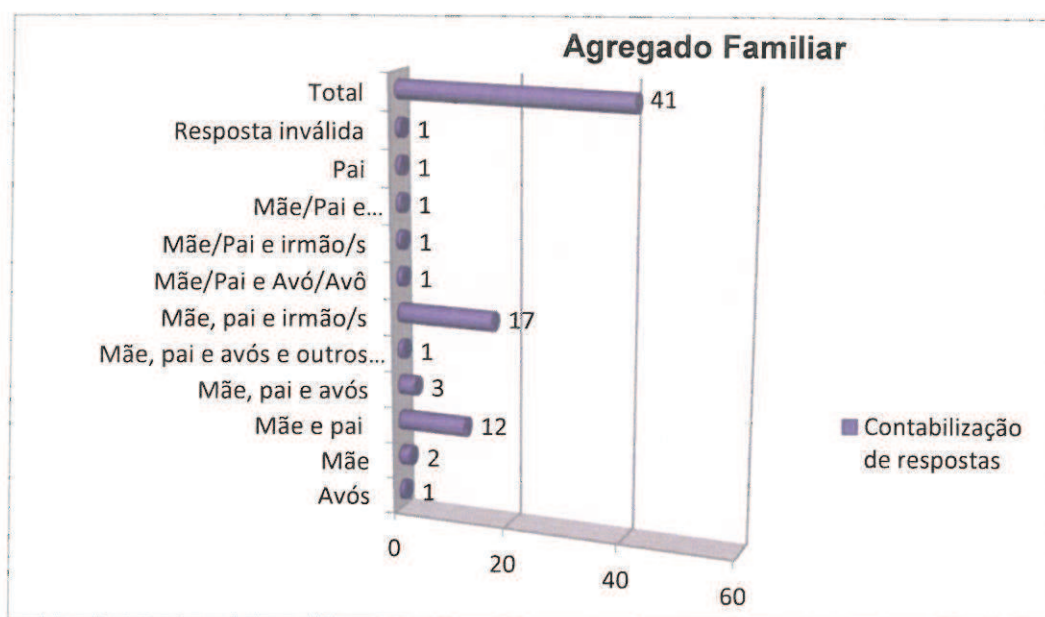


Gráfico 9 - Agregado familiar dos alunos inquiridos em História.

Segundo Hill & Craft (2003), quer seja na escola, quer em casa, o envolvimento parental está associado a melhorias no comportamento escolar, melhorias nas competências sociais e académicas. A relação entre a família e escola é muito importante no desenvolvimento educacional e intelectual do aluno, é fundamental que a escola e os pais estejam em sintonia.

Caracterização do Percurso Escolar:

No que concerne à variável retenção, Landsheere (1992) diz-nos que o insucesso escolar define-se como um conceito teórico que integra uma situação em que não se atingiu um objetivo educativo. A noção de insucesso não é independente do próprio conceito de aprendizagem e dos objetivos a ele vinculados.

De acordo com Benavente e colaboradores (Benavente & Correia, 1980; Benavente, Formosinho & Fernandes, 1998) o insucesso escolar tem um carácter massivo, constante, precoce, seletivo e cumulativo. Atinge percentagens elevadas, estende-se a todos os graus de ensino, aparece intensamente nos primeiros anos de escolaridade, concentra-se nas classes mais desfavorecidas e qualquer repetição aumenta a probabilidade de voltar a ocorrer uma segunda retenção.

De acordo com o gráfico 10, podemos concluir que dos 37 alunos inquiridos 30 nunca reprovaram de ano (81%). Apenas 7 dos alunos reprovaram (19%). Dos 7 alunos, 1 reprovou no 6º e no 7º ano, outro apenas no 7ºano, outro aluno no 2º e 7º anos, um no 2º, 7º e 8º, outro no 4º ano, um no 5º ano e por fim um aluno que reprovou no 6º e 8ºanos de escolaridade.

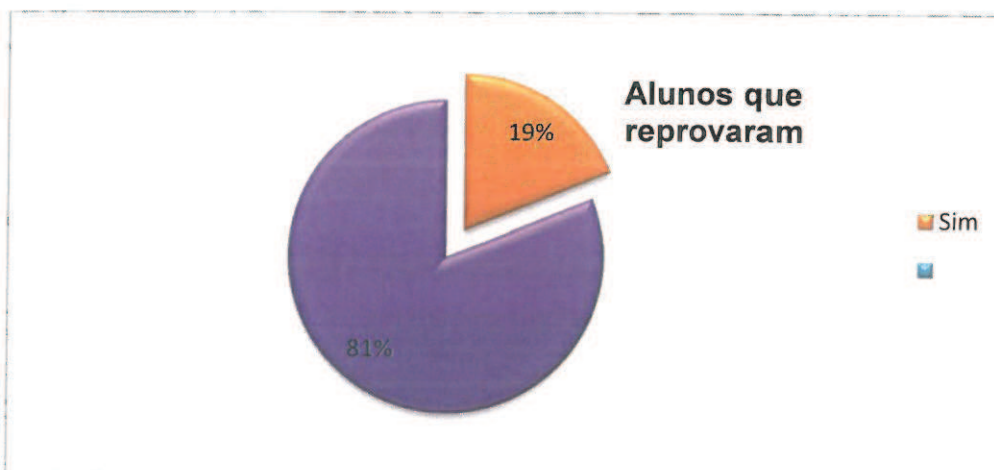


Gráfico 10 - Percentagem dos alunos que reprovaram.



Gráfico 11 - Anos em que os alunos inquiridos em História reprovaram de ano.

Frequência, local de estudo e auxílio no estudo

A aprendizagem e muitos dos problemas desta derivam da ausência de estudo e de estratégias de estudo inapropriadas. Assim, para análise da frequência de estudo dos alunos que compõem a amostra, elaborou-se o gráfico seguinte (gráfico 12).

Hoje em dia, deparamo-nos com um aumento do número dos centros de estudos, isto porque, cada vez mais, os pais procuram explicações para os seus filhos, como forma de combater os maus resultados. Com o auxílio das

explicações os alunos são capazes de ter mais sucesso na escola, têm um estudo acompanhado, retiram dúvidas que por vezes têm.



Gráfico 12 - Frequência de estudo diário dos alunos inquiridos em História

Quanto à pergunta “Estudas História todos os dias?” apenas 3 alunos (8%) responderam afirmativamente em oposição aos 34 alunos (92%) que responderam não. Quando questionados relativamente ao tempo que estudam os 3 alunos que responderam sim à pergunta anterior disseram: um disse que estuda 15-20 minutos por dia, outro 30 minutos e o último disse que estudava entre 2 a 4 horas porque é obrigada no ATL (Atividades de Tempos Livres).

Quanto ao local do estudo a partir da análise do gráfico 13, podemos observar que a maior parte dos alunos estuda em casa (78% - 29 alunos), seja na sala, cozinha, quarto ou escritório, enquanto os restantes 22 % (8 alunos) estudam por exemplo em centros de estudos e ATL's.



Gráfico 13 - Local de estudo dos alunos inquiridos em História

Quando perguntado se alguém os ajuda a estudar 54% responderam que não e 46% responderam que sim.



Gráfico 14 - Percentagem dos alunos que possuem ajuda no estudo.

Os principais ajudantes dos alunos são os pais, irmãos e professores dos centros de estudo. Como nos diz Savater (1997, p.71)

“a autoridade na família deveria servir para ajudar a crescer os membros mais jovens, “se os pais não ajudarem os filhos, por meio da autoridade amorosa, a

crecerem e a preparem-se para ser adultos, serão as instituições publicas que se verão obrigadas a impor-lhes o principio da realidade, não por meio do afecto, mas da força”.

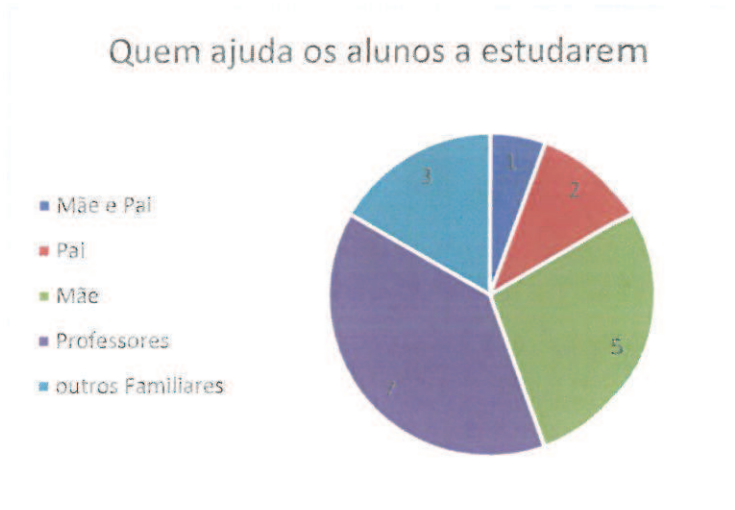


Gráfico 15 - Auxílio no estudo prestado aos alunos inquiridos em História

Aproveitamento Escolar

De acordo com Eurydice, o insucesso escolar é definido como “a incapacidade que o aluno revela de atingir os objetivos globais definidos para cada ciclo de estudos” (1995, p. 47). Podemos dizer que o insucesso manifesta-se pela obtenção de uma nota negativa a cada disciplina no final de cada ano letivo.

Com o objetivo de percebermos o nível de (in)sucesso escolar dos alunos da disciplina de História, inquiridos no presente estudo, procedemos à elaboração e análise do gráfico abaixo (Gráfico 16). Em termos das notas, mais de metade (51%) tiraram negativas no ano anterior.



Gráfico 16 - Negativas obtidas pelos alunos inquiridos em História

As disciplinas com o maior número de negativas foram: Matemática, História, Inglês, Português, Ciências da Terra e da Vida e Físico-química. Quando questionados se tiraram boas notas no ano passado 62% responderam que sim enquanto 38% responderam não.

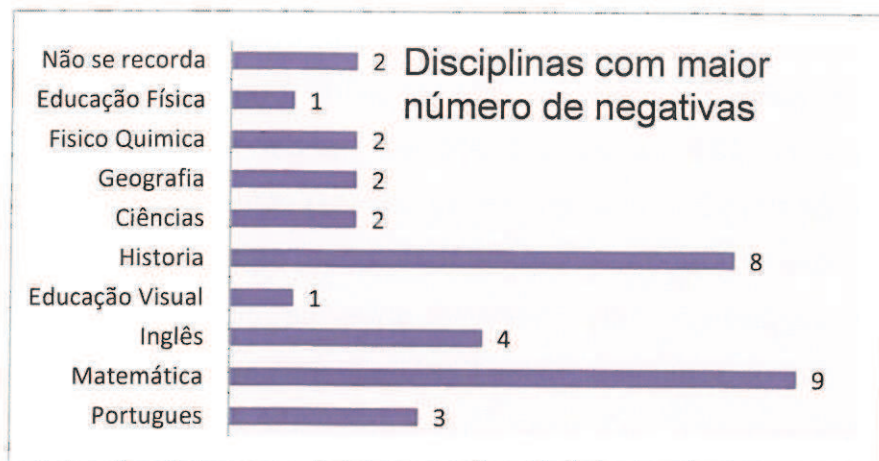


Gráfico 17 - Disciplinas com maior índice de negativas.

Interesse pela disciplina de História

Quando analisamos a pergunta “Gostas de História?”, verificamos que 62% dos inquiridos (23 alunos) responderam afirmativamente, enquanto 38% (14 alunos) responderam de forma negativa a esta questão afirmando que não gostam da disciplina de História.

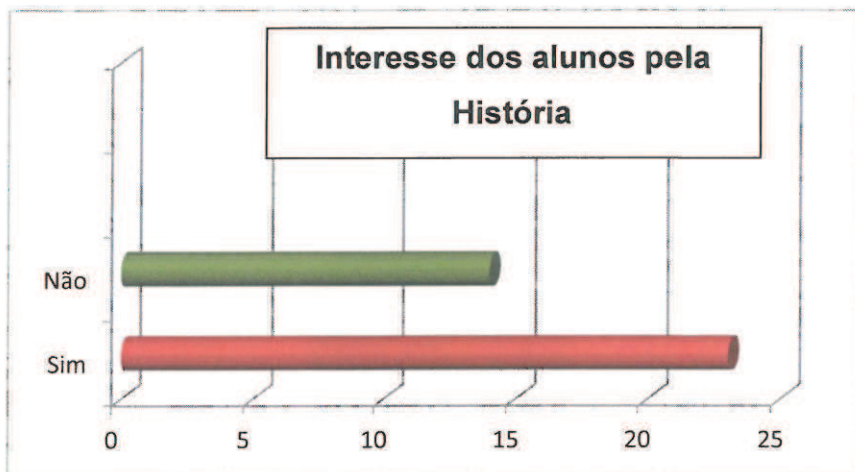


Gráfico 18 - Número de alunos inquiridos que gostam da disciplina de História

As razões apontadas pelos alunos para gostarem de História foram, por ordem decrescente de preferência, as seguintes: 16% (14 alunos) referiram o *gosto de conhecer o quotidiano dos Homens da História*; 15% (13 alunos) apontaram a *melhor compreensão da presença de alguns monumentos na nossa região*; 15% (13 alunos) indicam a *valorização do que aconteceu no passado* como motivo para gostarem da disciplina em causa. De seguida 13% (12 alunos) *descobrem temas de interesse atual na história* e outros 13% (12 alunos) *conseguem encontrar semelhanças com o que se passou no passado com o que se passa no presente*. 12% (11 alunos) *gostam das batalhas e das suas descrições*; 10% (9 alunos) afirmam *gostar de conhecer homens e mulheres importantes* e por fim 6% (5 alunos) referem que *gostam de ler documentos antigos*. Ainda no segmento do gosto pela disciplina de História os temas que despertam mais interesse entre os inquiridos, por ordem de preferência, são os seguintes: 16% (13 alunos) indicam os *Descobrimientos*, de seguida aparecem com 13% cada (correspondente a 11 alunos cada) a *Pré-história e Arqueologia* e o *Renascimento*. O *Liberalismo* e a *Revolução Industrial* aparecem como sendo os temas seguintes com mais preferência com 12 % cada (10 alunos). 11% (9 alunos) consideram a *Idade Média* como sendo um tema interessante; 9% (7 alunos) referem a *Civilização Greco-romana*; 7% (6 alunos) indicam as *Sociedades Recolectoras*; 5% (4 alunos) referem Temas de *Arte* como sendo temas de interesse e por fim 1 aluno indicou outro tema de interesse, não especificando.

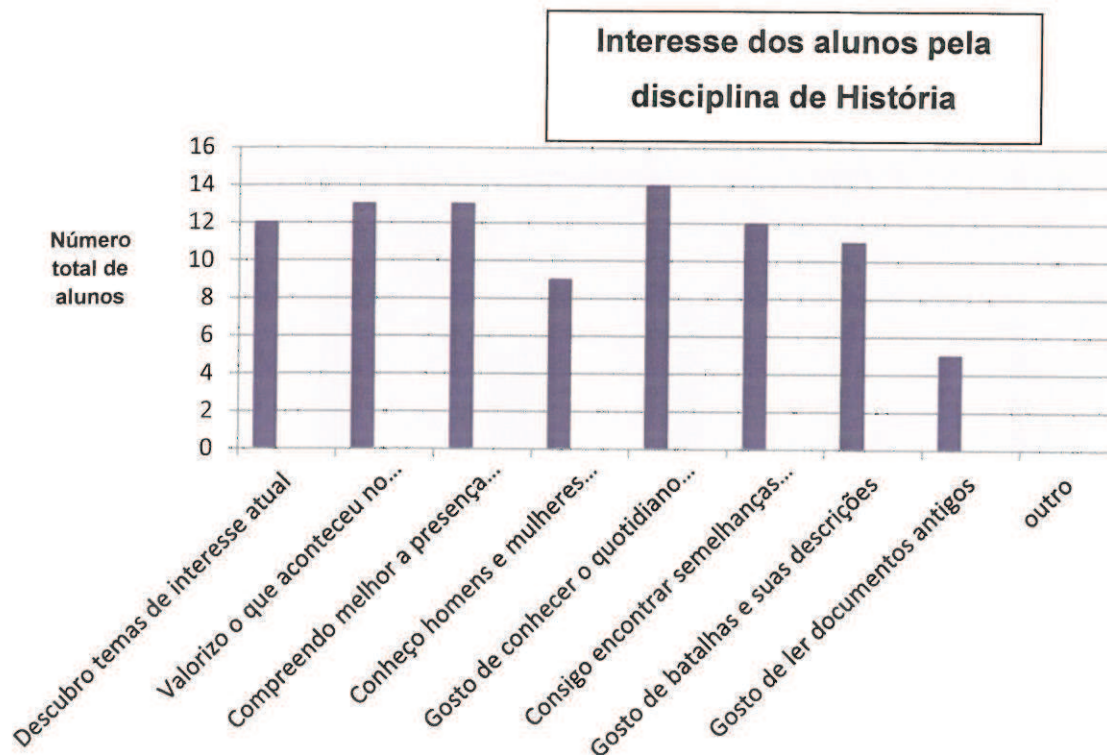


Gráfico 19 - Interesses dos alunos inquiridos pela disciplina de História

Por sua vez temos os alunos que indicaram não gostar de História. As razões apontadas para tal fato foram: 21% (18 alunos) referem que *esta disciplina exige muita memorização*, daí não gostarem dela; 20% (17 alunos) afirmam *não gostar de ler documentos antigos*; 12% (10 alunos) *não gostam de ouvir falar em batalhas e nas suas descrições*; 11% dos alunos (9 alunos) indicam *não valorizar o passado*; outros 11% (9 alunos) *não encontram interesse nos temas abordados* e outros 11% (9 alunos) consideram os *temas muito teóricos e pouco úteis*. 8 % (7 alunos) *não encontram semelhanças entre o passado com o que se passa no presente*. Por fim 4% dos inquiridos (3 alunos) afirmam *não terem interesse em conhecer o cotidiano dos Homens da História*, enquanto outros 4% (3 alunos) referem outros motivos para não gostarem da disciplina mas não especificam.

Motivos pelos quais não gostam da História

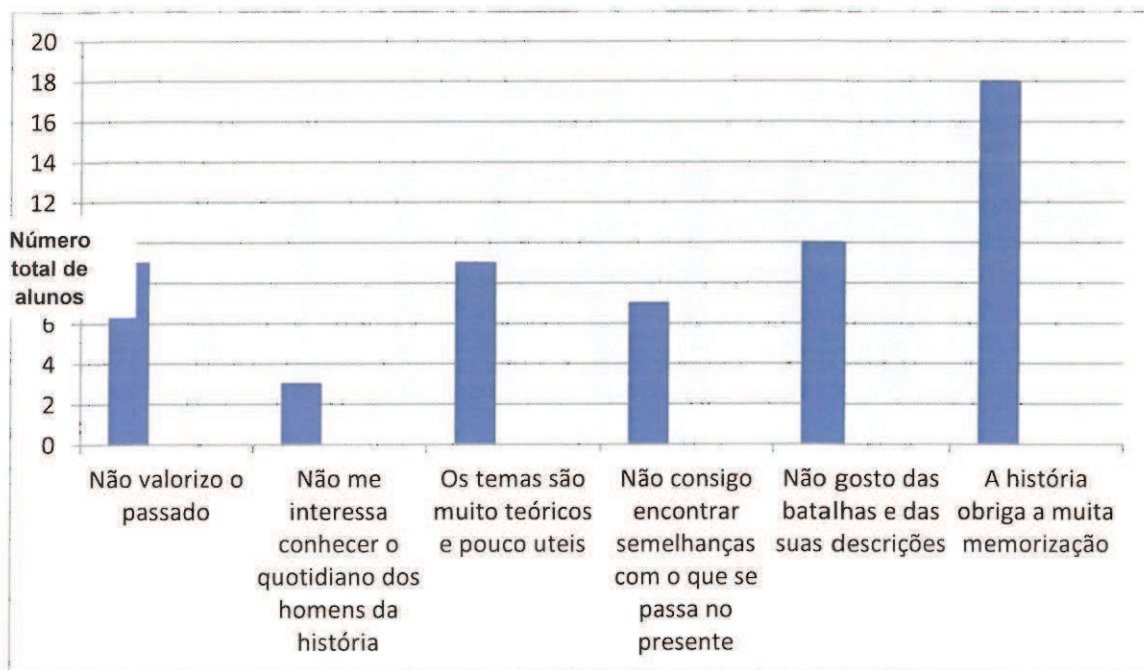


Gráfico 20 - Motivos que os alunos inquiridos pela disciplina de história não gostam da disciplina

No que diz respeito aos temas que despertam menos interesse para estes alunos são os seguintes: 15% (18 alunos) indicam as *Sociedades Recolectoras* como sendo o tema menos interessante, assim como outros 15% (18 alunos) consideram o *Renascimento* o tema menos interessante. De seguida 13% (16 alunos) consideram a *Pré-História* e a *Arqueologia* o tema menos interessante; 11% (14 alunos) referem o *Liberalismo*; a *Civilização Greco-Romana*, *Temas de Arte* e a *Revolução Industrial* são os temas menos interessantes para 10% (12 alunos) para cada tema; 9% (11 alunos) indicam a *Idade Média*; 7% (8 alunos) os *Descobrimientos* e por fim 2 alunos indicaram outros temas como sendo os menos interessantes, não especificando.

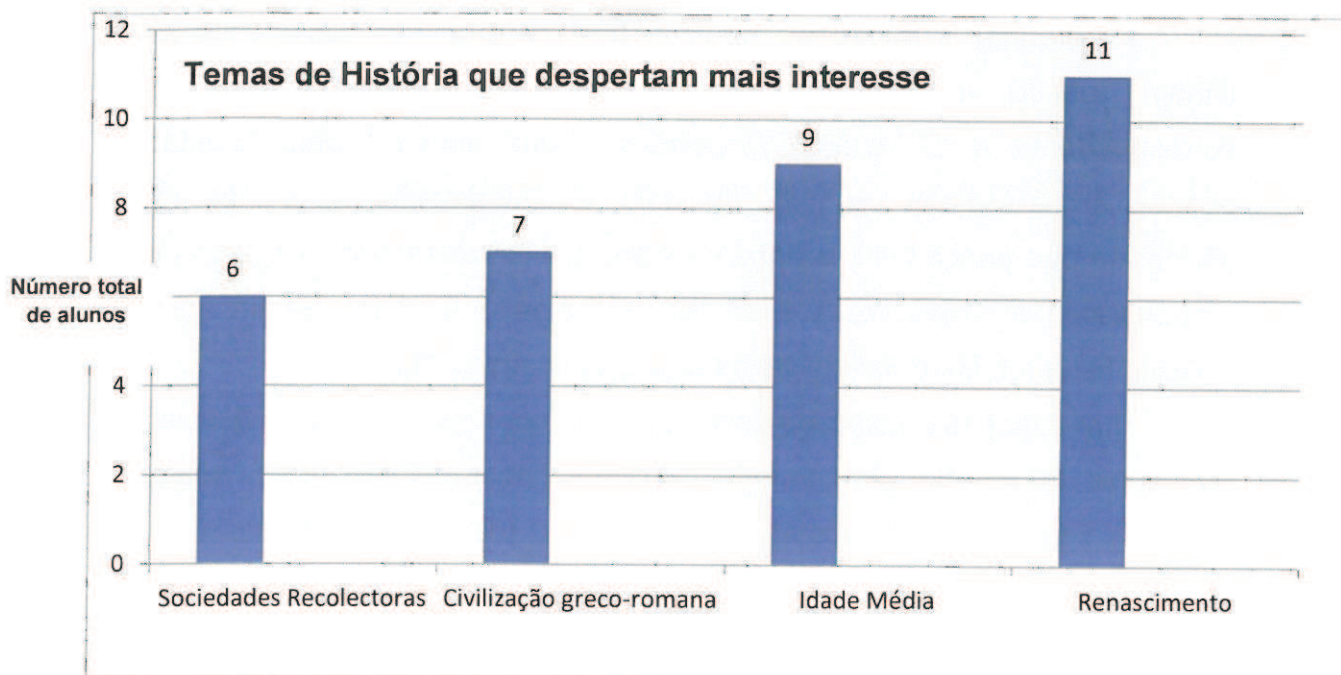


Gráfico 21 - Temas de História que despertam mais interesse.

Nesta parte do questionário foram colocadas perguntas com base nas suas aulas de História e nos métodos utilizados pelo Professor de cada um dos inquiridos. Aqui foi pretendido saber se as atitudes e metodologias usadas pelo docente, aferidas pelo questionário, contribuem para o sucesso da aprendizagem e do ensino da História.

Relativamente à primeira questão, prendeu-se com o desenho e análise de mapas. Aferiu-se que esta atividade nunca é feita em 35 % dos casos, ou seja, 13 alunos dos questionados nunca desenharam nem analisaram mapas históricos nas aulas. Já 10 alunos (27%) referem realizar esta atividade algumas vezes nas aulas e 7 alunos (19%) referem realizar poucas vezes a análise e desenho de mapas. Outros 7 alunos (19%) indicam fazer a análise e desenho de mapas históricos, muitas vezes nas aulas. O facto da maior percentagem, ser a percentagem dos alunos que nas aulas nunca analisam ou desenharam mapas é no mínimo preocupante já que estes instrumentos didáticos representam e sintetizam informações históricas, económicas, políticas e físicas dos diferentes locais do mundo, ajudando assim a compreensão do mesmo.

A pergunta seguinte do questionário, foi inquirido aos alunos se já tinham tocado em objetos arqueológicos. Cerca de metade (46%, correspondente a 17 alunos) responderam que nunca tinham tocado em objetos arqueológicos na sala de aula. Seguidamente 12 alunos (32%) afirmaram que poucas vezes tinham tocado nestes artefactos, 5 alunos (14%) responderam algumas vezes e por fim 3 alunos (8%) responderam que nas aulas já tinham tocado muitas vezes em objetos arqueológicos.

Outra questão colocada teve que ver com os recursos audiovisuais: “Com que frequência vês/comentas filmes e documentários?”. As respostas foram as seguintes: 38% dos alunos (14 alunos) responderam algumas vezes; já 32% (12 alunos) responderam poucas vezes, 16% (6 alunos) responderam muitas vezes e por fim 14% (5 alunos) responderam que nunca viam ou comentavam filmes e documentários. Podemos constatar com os resultados que, a utilização das novas tecnologias nas salas de aula, como suporte para a transmissão de conhecimento aos alunos, é algo que está muito em voga nos dias de hoje.

Seguidamente perguntou-se, se “Realizas trabalhos individuais de pesquisa?”, as respostas obtidas foram: 30 % dos inquiridos (11 alunos) responderam que realizam poucas vezes trabalhos individuais de pesquisa; 27% (10 alunos) responderam que realizam muitas vezes; 24% (9 alunos) afirmaram que realizam algumas vezes, finalmente 19% (7 alunos) referiram nunca realizarem trabalhos individuais de pesquisa. Analisando as respostas dadas, os professores de História apostam no requerimento de trabalhos individuais de pesquisa por parte dos alunos para que estes, por um lado, incrementem o seu processo de aprendizagem, e por outro lado desenvolvam a sua autonomia na construção da aprendizagem. É dever do professor orientar os alunos no seu trabalho individual de pesquisa disponibilizando informações sobre o que devem e como devem pesquisar, lançando também pistas da bibliografia existente.

Na pergunta seguinte, referente à análise de documentos históricos na sala de aula, as respostas foram: 13 dos inquiridos (35%) responderam que a análise de documentos é feita algumas vezes; 11 alunos (30%) referiram fazer a análise poucas vezes; 10 alunos (27%) afirmam fazer muitas vezes enquanto

que 3 alunos (8%) afirmam nunca fazer análise de documentos nas aulas de História.

Relativamente à questão, análise e elaboração de tabelas cronológicas/cronologias nas aulas, as respostas foram as seguintes: 38% (14 alunos) afirmam que são poucas as vezes em que elaboram ou analisam tabelas cronológicas. Já 30% (11 alunos) dizem nunca fazer este tipo de trabalho; 19% (9 alunos) afirmam fazê-lo muitas vezes e por fim 14% (5 alunos) referem fazer esta atividade algumas vezes. Numa disciplina como a História, em que se estuda o Homem e a sua ação no tempo e espaço, a elaboração e análise deste tipo de material é importantíssimo para que se entenda o desenrolar dos acontecimentos históricos, por isso é de admirar que a maior parte dos alunos afirme que poucas vezes ou mesmo nunca o faz. A História utiliza a cronologia e as tabelas cronológicas para organizar as narrativas que constrói, daí a pertinência de levar a cabo estas atividades nas aulas de História.

Na pergunta “Já trabalhaste em grupo” as respostas obtidas foram: 43% (16 alunos) afirmam trabalhar poucas vezes em grupo; 27% (10 alunos) referem trabalhar algumas vezes; 19% (7 alunos) nunca trabalharam em grupo e 11% (4 alunos) afirmam trabalhar muitas vezes em grupo.

A questão que se segue, tem a ver com a interpretação de imagens e fotografias nas aulas de História. Diz-se que uma imagem vale mais que mil palavras, mas será que tal se traduz na sala da aula? Para esta questão as respostas foram as seguintes: 35% dos inquiridos (13 alunos) admitem fazer a interpretação de imagens e fotografias históricas algumas vezes, 30% (11 alunos) fazem-no muitas vezes; 27% (10 alunos) poucas vezes e por fim 8% (8 alunos) admitem não o fazer nas aulas de História. Os resultados obtidos, não são de admirar já que as imagens e as fotografias estão presentes nos manuais pretendendo ilustrar a narrativa onde estas se inserem. As fotografias são essências para os alunos, pois conseguem ter uma melhor percepção do espaço e do acontecimento que está a ser representado.

Na questão seguinte, tem a ver com representações teatrais de acontecimentos históricos. Os resultados aferidos foram: a maioria dos alunos, 27 alunos (73%) responderam que nunca costuma fazer dramatizações; 5 (14%) dizem fazer poucas vezes; 3 (8%) fazem muitas vezes e apenas 2 (5%)

responderam algumas vezes. O teatro pode ser um instrumento valioso, pois o aluno ao estar envolvido na actividade, vai assimilar e compreender melhor os conteúdos.

Na questão, “É habitual veres imagens/objetos antigos?”, as respostas obtidas foram as seguintes: poucas vezes: 49% (18 alunos); algumas vezes e muitas vezes: 22% cada (8 alunos) e nenhuma vez 8% (3 alunos).

As duas questões seguintes dizem respeito à discussão e à realização de debates sobre assuntos históricos. Relativamente à discussão de assuntos na aula as respostas foram as seguintes: 30% (11 alunos) referem discutir assuntos poucas vezes na sala de aula; 27%(10alunos) dizem discutir algumas vezes; 27% (10 alunos) muitas vezes e 16% (6 alunos) afirmam nunca discutir assuntos na aula de História. Estes resultados podem estar enviesados devido ao conceito de discussão que pode ter sido encarado no sentido literal e negativo e não no sentido de debate proactivo, essencial para o processo de ensino/aprendizagem. O que nos leva à questão seguinte referente à realização de debates. As respostas foram as seguintes: 49% (18 alunos) dizem nunca realizarem debates na sala de aulas; 24%(9 alunos) dizem fazê-lo poucas vezes; 16% (6 alunos) algumas vezes e 11% (4 alunos) muitas vezes.

Na questão seguinte, “Já descreveste a vida de personalidades?”, sendo estas personalidades figuras de relevo da História Nacional e Internacional as respostas foram: 43% (16 alunos) admitem nunca ter feito esta actividade na aula de História; 38% (14 alunos) só o fizeram poucas vezes; 11% (4 alunos) já o fizeram muitas vezes e por fim 8% (3 alunos) dizem só o ter feito algumas vezes. Esta prática de ensino deveria ser mais usada nas aulas já que para o aluno fazer a descrição da vida de uma personalidade histórica implica que este faça um trabalho de pesquisa.

A pergunta seguinte diz respeito à interdisciplinaridade, ou seja, se os alunos já fizeram algum trabalho com professores de outras disciplinas, tendo um tema em comum. As respostas a esta questão foram as seguintes: 49% (20 alunos) dizem nunca ter feito trabalhos de carácter interdisciplinar; 29% (12 alunos) dizem ter feito poucas vezes; 15% cada (6 alunos) dizem ter feito algumas vezes e 7% (3 alunos) muitas vezes trabalhos com professores de outras disciplinas.

Seguidamente perguntou-se, “Já elaboraste e analisaste gráficos?” as respostas foram as seguintes: 38% (14 alunos) afirmam que fizeram estas atividades poucas vezes; 35% (13 alunos) referem que nunca elaboraram ou analisaram gráficos; 16% (6 alunos) referem-no fazer algumas vezes e por fim 11% (4 alunos) afirmam que fazem e analisam gráficos muitas vezes nas aulas de História. Os gráficos na História tem muita importância e geralmente acompanham o livro de texto de forma a explicar melhor os fenómenos que se pretendem estudar. Os gráficos podem representar uma situação histórica num dado período de tempo, resumindo assim a informação ou podem representar a evolução referindo a situação em cada período cronológico.

De seguida, questionou-se aos inquiridos se estes costumavam construir dossiers temáticos. Um dossier temático é uma forma de arquivar diversos documentos de um mesmo tema, facilitando assim a consulta sobre esse tema. Os alunos responderam a esta questão da seguinte forma: mais de metade dos alunos (54% - 20 alunos) afirmam que nunca construiu um dossier temático; 27% (10 alunos) referiram tê-lo feito poucas vezes; 11% (4 alunos) dizem ter feito algumas vezes e por fim 8% (3 alunos) dizem tê-lo feito muitas vezes. Tendo em conta estes resultados e a definição de dossier temático, deve-se referir que este método deve ser mais utilizado visto ser uma ferramenta pedagógica muito útil que pode ser usada nas aulas, em trabalhos de grupo ou trabalhos individuais, para trabalhos interdisciplinares, entre outras importantes utilizações.

A pergunta seguinte diz respeito à construção de um dicionário de conceitos/glossário nas aulas de História. As respostas para a pergunta “Já construístes um dicionário de conceitos/glossário?” foram: 49% (18 alunos) responderam que nunca construíram esta ferramenta pedagógica; 27% (10 alunos) afirmaram fazê-lo poucas vezes; 14% (5 alunos) responderam muitas vezes e por fim 11% (4 alunos) responderam algumas vezes. Um glossário ou dicionário de conceitos é uma lista em ordem alfabética com o objetivo de explicar o significado de conceitos de um determinado tema. Sendo a História uma disciplina rica em conceitos e fenómenos, a construção de um dicionário de conceitos/glossário é extremamente útil para os alunos que sempre que se deparam com um conceito em que o seu significado não está bem esclarecido

podem aceder a esse dicionário/glossário e assim esclarecer a dúvida surgida de forma a fazer uma acomodação mais correta dos ensinamentos.

À pergunta “É habitual fazeres resumos?” as respostas foram: 43% (16 alunos) responderam que fazem resumos muitas vezes para estudar História; 24% (9 alunos) dizem fazer resumos poucas vezes; 19% (7 alunos) dizem fazê-lo algumas vezes e por fim 14% (5 alunos) dizem nunca fazerem resumos para estudarem História. Como se pode ver por estes resultados fazer resumos ainda é uma das técnicas mais utilizadas pelos alunos para estudarem. Fazer resumos é uma grande ajuda pois permite ao aluno em primeiro lugar, fazer uma síntese da matéria dada, sendo assim mais fácil aceder ao conteúdo e em segundo lugar facilita a memorização da matéria.

A pergunta seguinte diz respeito às visitas de estudo na internet, ou seja, as chamadas excursões virtuais. 46% (17 alunos) dizem nunca terem feito uma visita de estudo na internet; 30% (11 alunos) fizeram poucas vezes; 14% (5 alunos) dizem ter feito este tipo de visitas muitas vezes e por fim 11% (4 alunos) dizem ter feito algumas vezes. Este recurso, como se pode ver pelas respostas dadas, ainda é um recurso pouco utilizado, mas que se espera, nesta era de informação e tecnologia ser cada vez utilizado.



Gráfico 22 - Atividades de História realizadas nas aulas dos inquiridos

Relativamente à questão, utilização das tecnologias para elaborar trabalhos, as respostas foram as seguintes: 32% (12 alunos) dizem usar poucas vezes; 30% (11 alunos) usam muitas vezes as TIC na elaboração de trabalhos; 24% (9 alunos) usam algumas vezes e por fim 14% (5 alunos) dizem nunca usar as tecnologias para a elaboração de trabalhos. Apesar da percentagem maior se referir a “poucas vezes” a diferença para “muitas vezes” é mínima, revelando a cada vez maior utilização das TIC como recurso educacional.



A pergunta seguinte foi “O professor costuma expor a matéria?”. As respostas foram: 41% (15 alunos) muitas vezes; 27% (10 alunos) poucas vezes; 22% (8 alunos) responderam, algumas vezes e 11% (4 alunos) nunca.



Gráfico 24 – O professor costuma expor a matéria.

As respostas à pergunta “fazes portefólio?” foram as seguintes: Mais de metade dos inquiridos 57% (21 alunos) disseram nunca terem feito o portefólio para a disciplina de História; 19% (7 alunos) dizem ter feito poucas vezes; 14% (5 alunos) muitas vezes e por fim 11% (4 alunos) dizem algumas vezes. Este instrumento de avaliação deve ser mais utilizado pelos professores pois como foi dito anteriormente permite a que estes tenham uma visão do desenvolvimento e evolução do aluno e do seu processo de aprendizagem.



Gráfico 25 – Fazes Portefólio.

A pergunta seguinte questiona se o professor aponta as ideias dos alunos no quadro. As respostas foram as seguintes: 32% (12 alunos) poucas vezes; 30% (11 alunos) nunca; 24% (9 alunos) algumas vezes e apenas 14% (5 alunos) admitem que o professor faz isso muitas vezes.



Gráfico 26 – O teu professor anota as tuas ideias no quadro.

Quanto à questão seguinte “Resolves situações-problema?” os resultados foram: 35% (13 alunos) poucas vezes; 32% (12 alunos) nunca resolvem situações-problemas e por fim 16% tanto para algumas vezes e para muitas vezes correspondentes a 6 alunos.



Gráfico 27 – Resolves Situações- Problema.

À pergunta “constróis esquemas?” as respostas foram as seguintes: 11 alunos (30%) responderam nunca; 10 alunos (27%) responderam poucas vezes; 9 alunos (24%) dizem algumas vezes e por fim 7 alunos (19%)

responderam muitas vezes. Esta questão relaciona-se com a questão dos resumos. Fazer esquemas e resumos facilita imenso a vida ao aluno já que em primeiro lugar permite fazer uma síntese da matéria dada, sendo assim mais fácil aceder ao conteúdo e em segundo lugar facilita a memorização da matéria.



Gráfico 28 – Constróis esquemas.

Na pergunta seguinte referente a se os alunos recebem ou não convidados nas aulas de História, as respostas obtidas foram: 41% (15 alunos) nunca receberam convidados nas suas aulas, 35% (13 alunos) dizem ter recebido poucas vezes; 16% (6 alunos) receberam algumas vezes e 8% (3 alunos) receberam muitas vezes.



Gráfico 29 – Recebes convidados nas tuas aulas.

A pergunta seguinte, pretende saber se os alunos costumam participar em congressos sobre temas relacionados com História, tendo os alunos respondido o seguinte: 49% (18 alunos) dizem nunca terem participado em conferências ou colóquios; 30% (11 alunos) dizem ter participado poucas vezes; 11% (4 alunos) dizem algumas vezes e por fim 11% (4 alunos) dizem muitas vezes.



Gráfico 30 - Composição do agregado familiar.

Quando questionados se o professor utiliza TIC nas aulas a esmagadora maioria (97%) dos alunos afirmaram que este usa, havendo só um aluno que disse que não usa. O recurso mais utilizado é o PowerPoint (49%), seguido da Internet (37%), Quiz (5%), Outros não especificados (5%), Prezi (1%) e Webquest (1%).

4.1.4 Estudo – Metodologia no Ensino da Geografia

O presente estudo foi realizado em 41 indivíduos de três turmas, duas de 8º ano e uma de 7º ano da escola EB 2/3 do Viso, com idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos. O questionário em questão é constituído por dois grandes grupos:

- I. Caracterização Pessoal: onde os inquiridos responderam a questões relativamente aos seus dados biográficos e ao seu percurso escolar;
- II. Opções Metodológicas no Ensino da Disciplina Geografia: onde os inquiridos responderam questões relativamente à sua opinião e perceção sobre a disciplina e sobre o modo que esta é lecionada.

Caracterização da amostra

O presente estudo foi realizado em 41 indivíduos de três turmas, duas de 8º ano e uma de 7º ano da escola EB 2/3 do Viso, com idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos, tal como se pode observar no gráfico 8.

Como se pode observar no gráfico 9, a maioria dos indivíduos é do sexo feminino, sendo que a média de idades entre os dois sexos é de 13 anos.

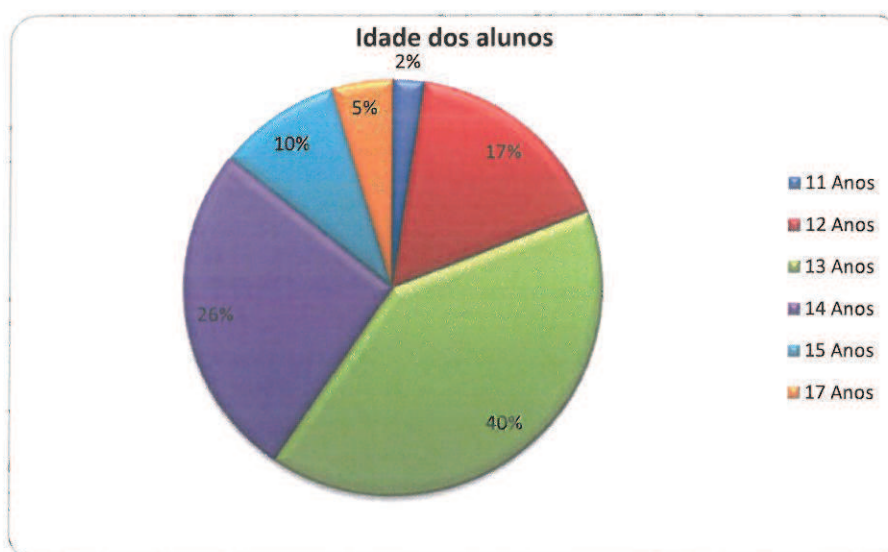


Gráfico 31 - Idade dos alunos.

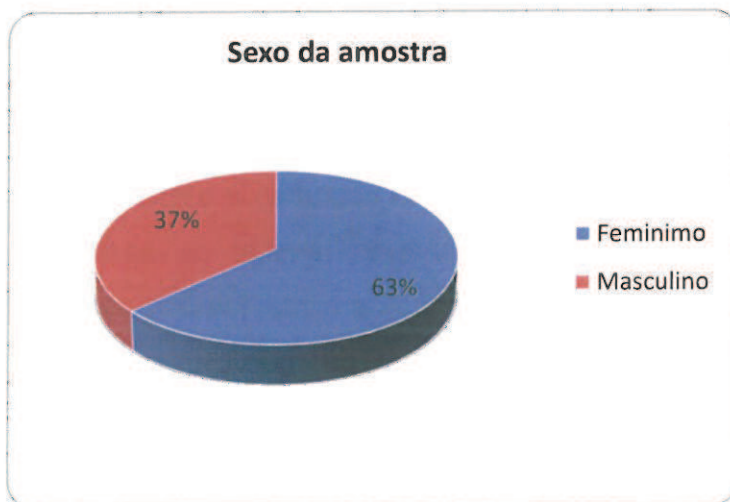


Gráfico 32 - Sexo da amostra.

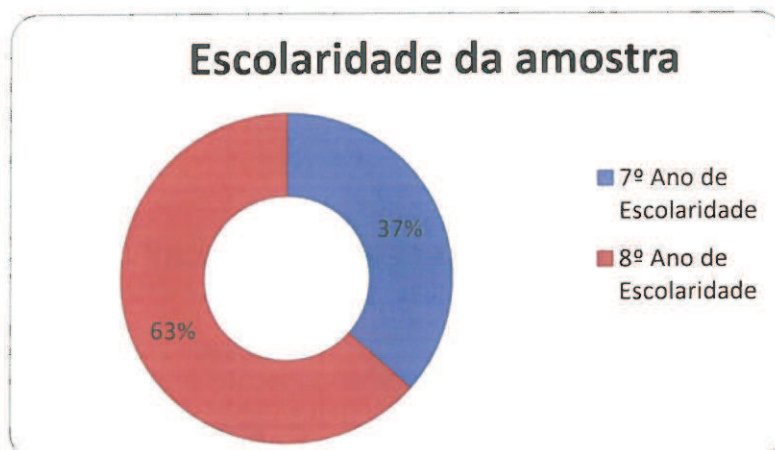


Gráfico 33 - Escolaridade da amostra.

Composição do agregado familiar

No que diz respeito ao agregado familiar, hoje em dia, verificamos uma realidade um pouco diferente que há umas décadas, isto é, temos diferentes tipos de família. Basta olhar para a nossa sociedade e constatamos que na maioria dos casos deixamos de ter o predomínio do modelo de família tradicional, ou seja, observamos o aumento do número de famílias

monoparentais, famílias recompostas, de uniões de facto, tendo-se vindo a verificar também uma diminuição do número de filhos por família¹⁴.

A relação entre a família e escola, apesar de serem duas instituições de extrema importância no desenvolvimento educacional do aluno, as duas têm um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e afetivo do aluno. Como nos diz Savater (1997, p.64) “em contexto familiar as aprendizagens são diferentes do contexto familiar, isto porque o clima familiar está recheado de afetividade e as barreiras existentes entre os membros são ténues. Já no ensino as lições são objetivas e estruturadas”.

Tal como se pode observar no gráfico 34, a maioria dos agregados familiares é constituído pelos pais e irmãos, 50% e por apenas os pais 21%, 15% é constituído pelos pais e avós e uma pequena percentagem vive com família monoparental ou com os avós e um dos alunos está institucionalizado.

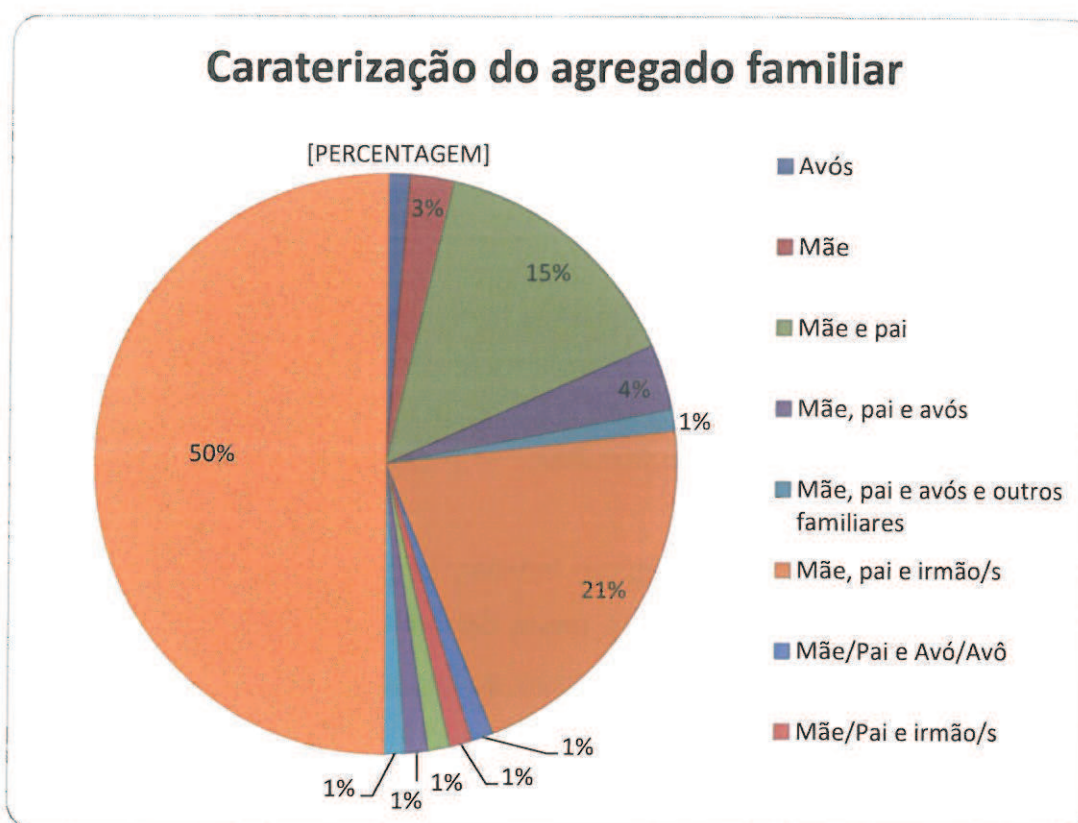


Gráfico 34 - Composição do agregado familiar.

¹⁴ <http://www.janela-aberta-familia.org/pt/content/familias-monoparentais-os-jovens-comunicacao-e-autonomia>

Caracterização do Percurso Escolar:

De acordo com os dados apresentados no Gráfico 12, 83% dos alunos nunca ficaram retidos. Dos 17% que já ficaram retidos, a maioria ficou retida no 7º ano de escolaridade.

Desta forma, utilizando a percentagem de retenção para classificar o insucesso escolar, concluímos que nestas três turmas a taxa de insucesso escola que é moderada.

Podemos relacionar o facto de estes alunos apresentarem uma taxa de insucesso escolar moderada com a instituição de ensino em si, pois está inserida num contexto com elevadas carências sociais.



Gráfico 35 - Percentagem de retenção da amostra.

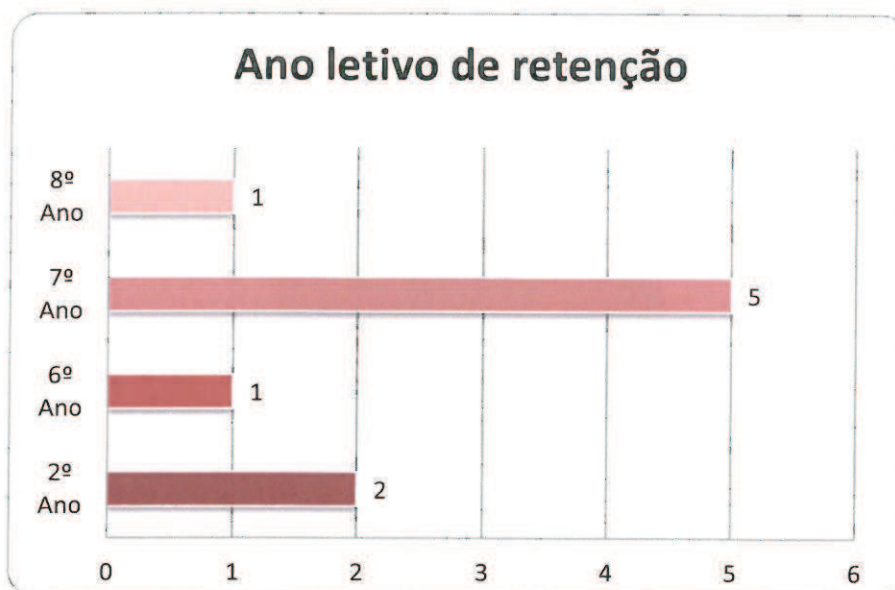


Gráfico 36 - Ano letivo de retenção.

Frequência, local de estudo e auxílio no estudo

É importante dizer que muitos dos problemas existentes na aprendizagem decorrem da falta de estratégias e também por falta de estudo. O estudo diário é essencial para motivar o aluno a estudar um pouco todos os dias, para que desta forma a gestão do tempo seja adequada e eficaz.

O mais correto é estudar todos os dias para que desta forma os bons resultados sejam atingidos, assim conseguem realizar um valioso trabalho de fixação dos conteúdos e de esclarecimento de dúvidas. Depois de cada aula se o aluno deve rever a matéria lecionada e fazer os exercícios propostos pelo docente.

Os alunos devem promover um estudo diário, mas não nos podemos esquecer que estes devem associar o estudo aos compromissos sociais, como brincar, praticar desporto, estar com os amigos, assim “... na medida em que o sujeito tem as horas de estudo, ele começa a perceber que seu rendimento aumenta e assim, começa a se tornar um aluno mais participativo, mais consciente de suas possibilidades. Como consequência, a possibilidade de evasão escolar diminui.” Piazzzi (2009, p. 78).

À pergunta “Estudas Geografia todos os dias?” apenas 3 alunos (7%) responderam afirmativamente em oposição aos 38 alunos (98%) que responderam não. Quando questionados quanto tempo é que estudam os 3 alunos que responderam sim a pergunta anterior disseram: um deles disse que estuda 2 horas por dia, outro 30 minutos e o ultimo disse que estudava entre 2 a 4 horas porque é obrigada.

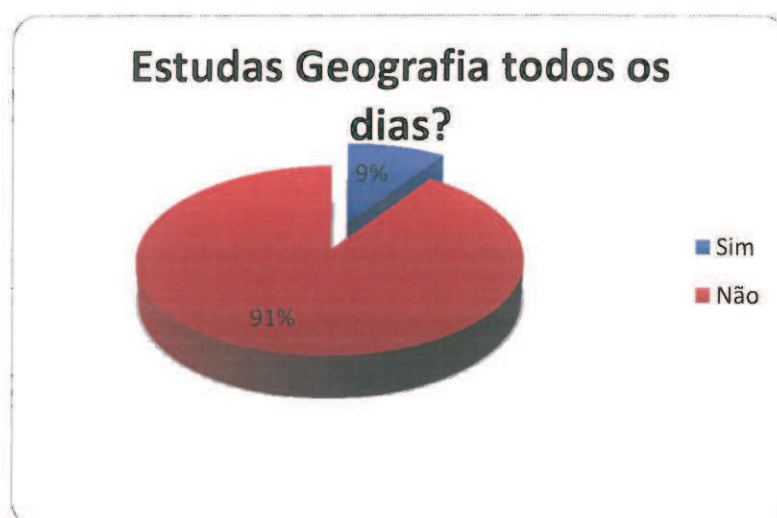


Gráfico 37 - Estudos Geografia todos os dias.



Gráfico 38 – Qualificação do tempo de estudo em Geografia.

Quanto ao local do estudo a maior parte estuda em casa (83% - 34 alunos), sejam na sala, cozinha, quarto ou escritório, enquanto que os restantes 17 % (7 alunos) estudam por exemplo em centros de estudos e ATL's. Quando perguntados se alguém os ajuda a estudar 54% responderam que não e 46% responderam que sim. Os principais adjuvantes dos alunos são os pais, irmãos e professores dos centros de estudo.



Gráfico 39 - Local de estudo.



Gráfico 40 - Identificação do local de estudo.

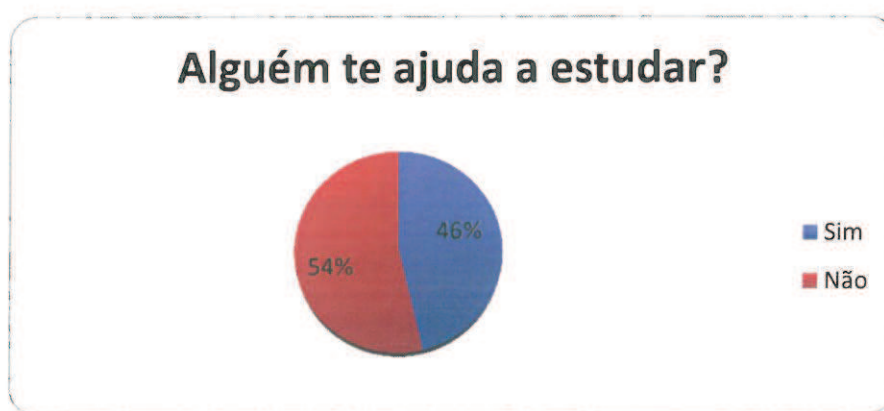


Gráfico 41 - caracterização da forma de estudo – Sozinho/ acompanhado.

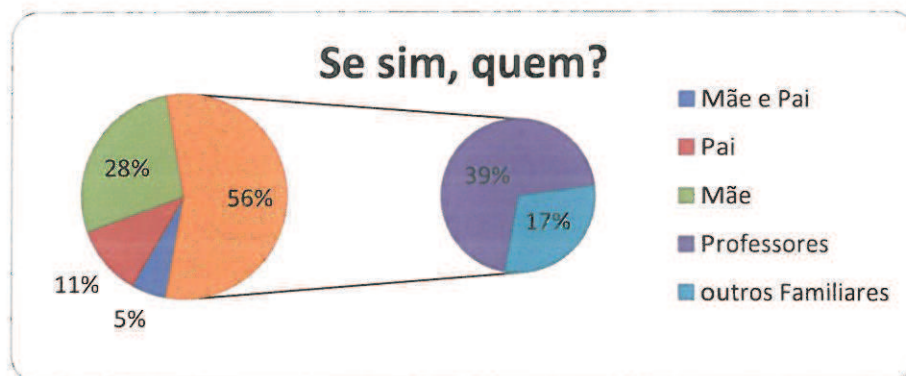


Gráfico 42 - Caracterização dos acompanhantes de estudo.

Aproveitamento Escolar

Como já foi referido, o insucesso escolar é definido como a incapacidade que o aluno revela de atingir os objetivos globais definidos para cada ciclo de estudos. Este insucesso é peculiarmente expressado pela obtenção de uma nota negativa a cada disciplina no final do ano letivo. É importante referir que a

par do insucesso escolar também existem muitos casos de alunos que têm notas acima da média.

Com o objetivo de perceber o nível de (in)sucesso escolar dos alunos inquiridos da disciplina de Geografia em termos das notas, mais de metade (51%) tiraram negativas no ano anterior. As disciplinas com o maior número de negativas foram: Matemática, História, Inglês, Português, Ciências da Terra e da Vida e Físico-química como podemos observar no gráfico 21. Após a análise do gráfico 22, quando questionados se tirara boas notas no ano passado 59% responderam que sim enquanto 41% responderam não.

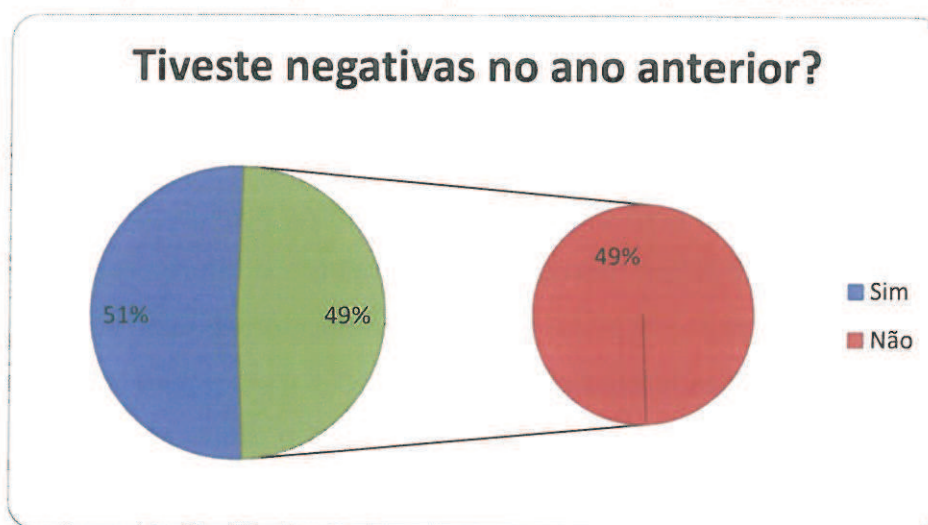


Gráfico 43 - Caracterização do aproveitamento do ano letivo anterior



Gráfico 44 - Negativas obtidas pelos alunos inquiridos

Tiveste notas muito boas no ano anterior?



Gráfico 45 - Caracterização das notas de Geografia do ano letivo anterior

Interesse pela disciplina de Geografia

A Geografia é uma disciplina importante não só na escola como no dia-a-dia, isto porque nos permite analisar e interpretar mapas, perceber as questões relacionadas com o nosso planeta, como a evolução da população e como esta está distribuída; perceber os elementos e fatores que influenciam o clima; a relação tempo e espaço; entender a importância dos recursos naturais, entre outros conteúdos fundamentais.

Segundo Castrogiovanni “a Geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenómenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento” (1999, p.58).

Os inquiridos para responderem á questão “Motivos pelo qual gostam da disciplina de Geografia” tinham que ordenar por ordem de importância os motivos”, sendo que o número 1 indicava o motivo que tinha mais importância e o 4 o que tinha menos importância. Assim os alunos revelaram que o motivo pelo qual gosta de Geografia é porque este lhes permite descobrir temas de interesse atual, 38%. Em segundo lugar na ordem de preferência os alunos colocaram que gostam da Geografia porque esta lhes permite conhecer melhor o espaço físico e natural, 31%, em terceiro lugar os indivíduos afirmaram gostar de Geografia, porque podem compreender melhor a relação entre o Homem e o Meio, 30%, por fim os alunos gostam de Geografia, pois através dela valorizam o que acontece a nível local, regional e mundial, 21%.

Para de entendermos os motivos que despertam o interesse/desinteresse dos alunos pela disciplina de Geografia elaboraram-se os gráficos 23, 24, 25 e 26.



Gráfico 46 – Alunos inquiridos que gostam de Geografia.

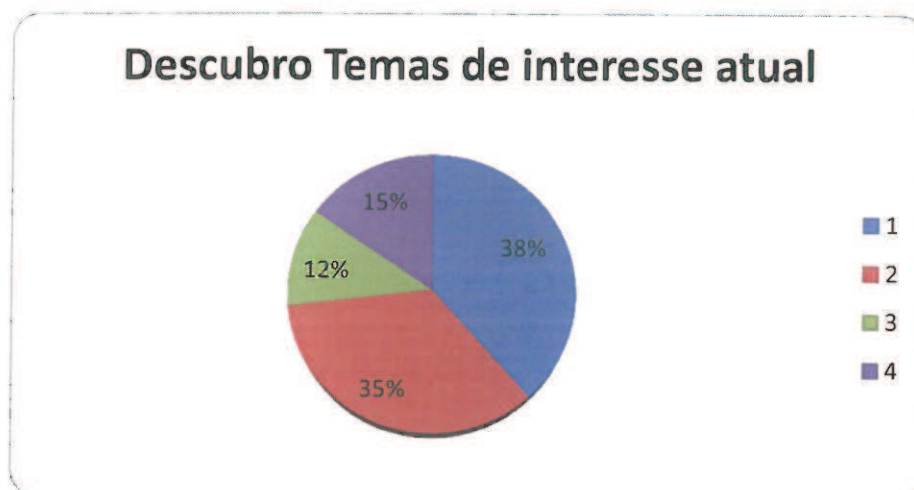


Gráfico 47- Gosto de Geografia porque valorizo o que acontece a nível local, regional e no mundo.

De acordo com a análise dos gráficos que se seguem, os alunos demonstram não gostar de Geografia porque esta implica conhecimentos, 31% (gráfico 24), de seguida os alunos dizem que não gostam da disciplina porque os temas não são interessantes, 25% (gráfico 26). O terceiro Motivo apontado pelos inquiridos é o facto de não gostarem de construir de analisar e construir mapas e gráficos, 20% (gráfico 28), por fim, os alunos referem que não gostam da Geografia porque os temas são muito abstratos e pouco úteis 17% (gráfico 27).

Valorizo o que acontece a nível local, regional e no mundo

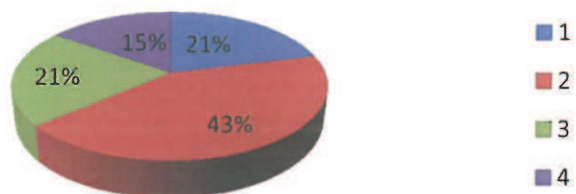


Gráfico 48 - Não gosto de Geografia porque os temas abordados não são interessantes.

Conheço melhor o espaço físico e natural

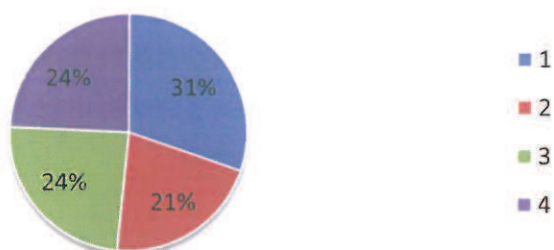


Gráfico 49 - Não gosto de Geografia porque os temas são muito abstratos e pouco úteis.

Os temas abordados não são interessantes

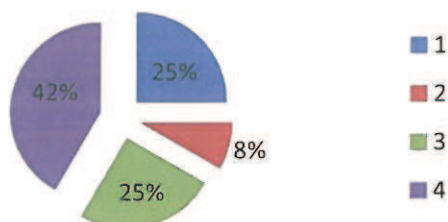


Gráfico 50 - Não gosto de Geografia porque não gosto de analisar e construir gráficos e mapas.

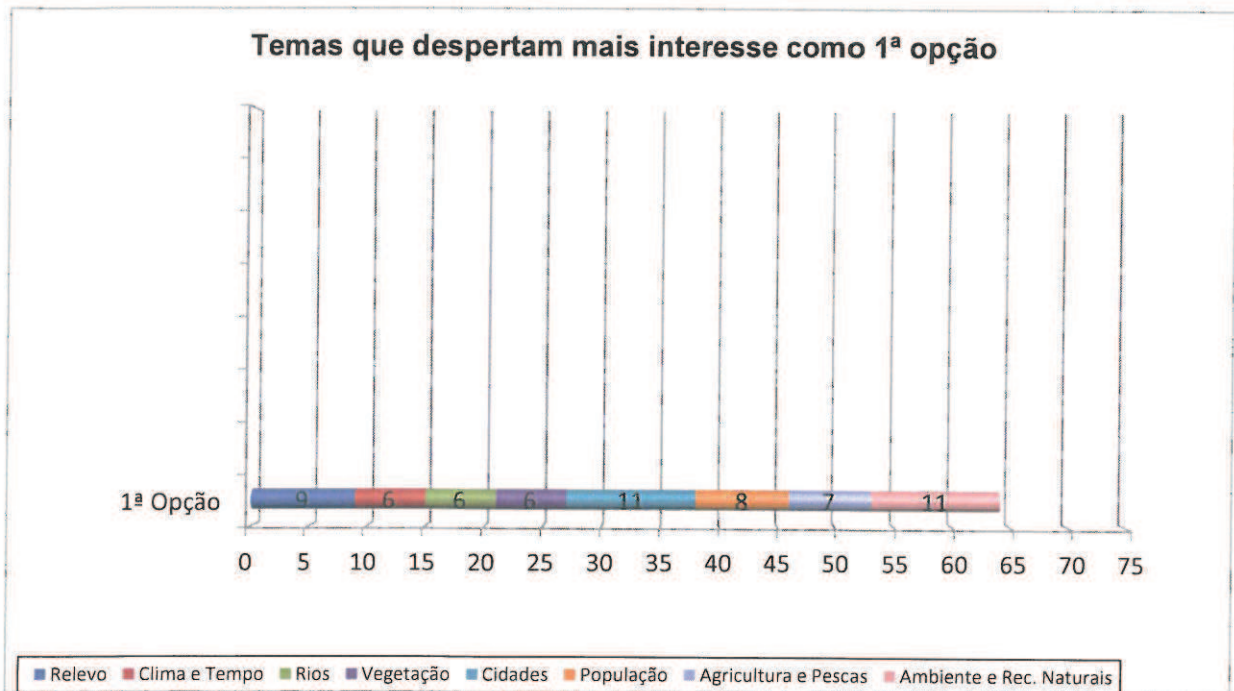


Gráfico 51 - Não gosto de Geografia porque não gosto de analisar e construir gráficos e mapas.

Os alunos que indicaram não gostar de Geografia. As razões apontadas para tal fato foram 42% (15 alunos) não consideram os temas lecionados interessantes; 36% (13 alunos) indicam que os temas são muito abstratos e pouco uteis; 33% (12 alunos) dizem que o fato da disciplina de Geografia ter alguma Matemática é motivo para não gostarem da disciplina e por fim 31% (11 alunos) não gostam de analisar e construir gráficos e mapas. Os temas que despertam menos interesse para estes alunos são os seguintes: o Relevo 15% (6 alunos); Cidades 12% (5 alunos); o Ambiente e Recursos Naturais 12% (5 alunos); Rios 12% (5 alunos); Vegetação 10% (4 alunos); População 10% (4 alunos); Clima e Estado do Tempo 7% (3 alunos) e por fim Agricultura e Pesca 7% (3 alunos).

Opções Metodológicas no Ensino da Disciplina Geografia:

Nesta parte do questionário os inquiridos responderam questões relativamente à sua opinião e percepção sobre a disciplina e sobre o modo que esta é lecionada. É importante que os professores encontrem estratégias facilitadoras da aprendizagem, isto é, que os professores utilizem metodologias que proporcionem o sucesso da aprendizagem e o bom desempenho dos alunos.

A primeira questão refere-se ao desenho e análise de mapas. Esta atividade é feita poucas vezes por 34% (14 alunos) dos inquiridos; muitas vezes por 29% (12 alunos); 24% (10 alunos) dizem-no fazer algumas vezes e por fim 12% (5 alunos) dizem nunca terem desenhado ou analisado mapas nas aulas de Geografia.

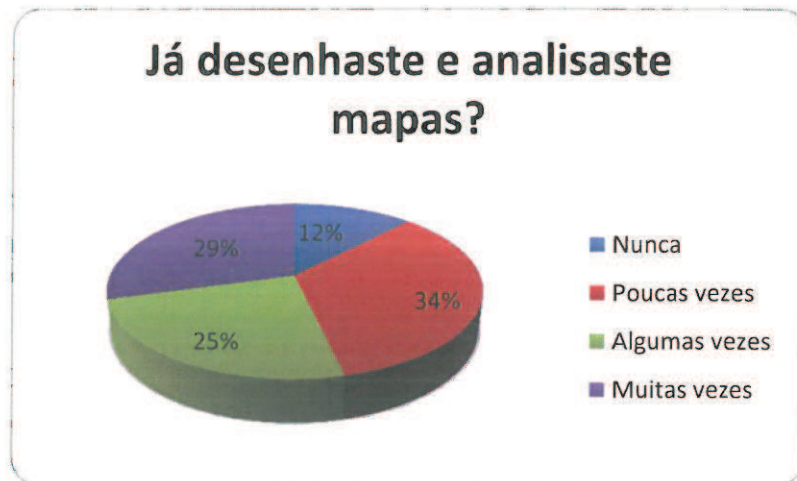


Gráfico 52 - Já desenhaste e analisaste mapa.

O uso dos mapas na escola em geral e particularmente na disciplina de Geografia abrangem principalmente os temas especificados no programa da disciplina, e estão presentes nos livros, nos documentários audiovisuais e artigos diversos disponíveis para consulta na internet (Ludwig *et al.* 2013).

À pergunta “Já desenhaste e analisaste gráficos?” as respostas foram as seguintes: 34% (14 alunos) afirmam que fizeram estas atividades poucas vezes; 32% (13 alunos) referem que elaboram ou analisam gráficos muitas vezes; 27% (13 alunos) referem-no fazer algumas vezes e por fim 7% (3 alunos) afirmam que nunca fazem e analisam gráficos nas aulas de Geografia.



Gráfico 53 –Já desenhaste e analisaste gráficos.

Na disciplina de Geografia, os gráficos têm grande importância, pois normalmente, nos manuais vêm a acompanhar o texto para que os fenómenos sejam explicados de uma forma mais clara, e os alunos tenham percepção do que está a ser explicado. Os gráficos também são fundamentais na análise estatística, isto é dão-nos e organizam informações muito importantes.

No que toca à questão dos recursos audiovisuais: “Com que frequência vês/comentas filmes e documentários?”. As respostas foram as seguintes: 32% dos alunos (13 alunos) responderam que nunca visualizam filmes ou documentários nas aulas de geografia; outros 32% (13 alunos) responderam poucas vezes, 24% (10 alunos) responderam algumas vezes e por fim 12% (5 alunos) responderam que viam ou comentavam filmes e documentários muitas vezes.

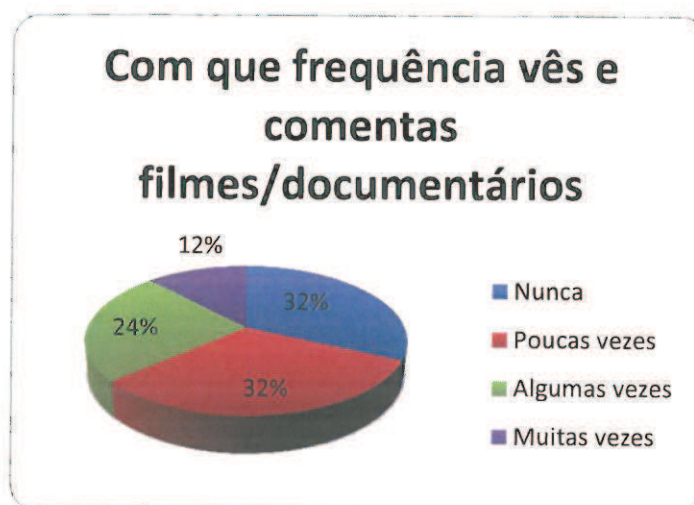


Gráfico 54 – Com que frequência vês e comentas filmes/documentários.

À pergunta “Realizas trabalhos individuais de pesquisa” as respostas obtidas foram: 34 % dos inquiridos (14 alunos) responderam que realizam poucas vezes trabalhos individuais de pesquisa; 34% (14 alunos) responderam que realizam algumas vezes; 22% (9 alunos) afirmaram que nunca realizam e por fim 10% (4 alunos) referiram realizarem trabalhos individuais de pesquisa muitas vezes. Dado às respostas dos inquiridos os professores de Geografia deveriam mandar realizar mais trabalhos de pesquisa individual, assim os alunos desenvolvem autonomia na construção da aprendizagem. Ser esquecer, que o professor deve orientar o trabalho de pesquisa, e dar a informação necessária para apoiar essa mesma pesquisa.



Gráfico 55 – Realizas trabalhos individuais de pesquisa.

Na pergunta “Já trabalhaste em grupo” as respostas obtidas foram: 32% (13alunos) afirmam trabalhar poucas vezes em grupo; 32% (13 alunos) referem trabalhar algumas vezes; 22% (9 alunos) nunca trabalharam em grupo e 15% (6 alunos) afirmam trabalhar muitas vezes em grupo. Os trabalhos de grupos são fundamentais, pois assim os alunos aprendem a interagir com os colegas de turma, na escola e na vida.

Já trabalhaste em grupo?

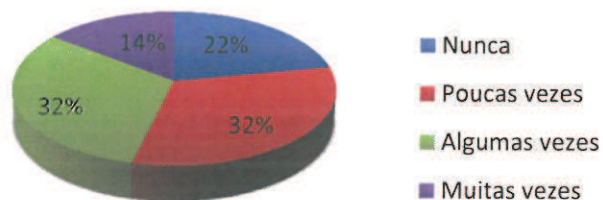


Gráfico 56 – Já trabalhaste em grupo.

A pergunta seguinte diz respeito à interpretação de mapas, imagens e fotografias nas aulas de Geografia. Para esta questão as respostas foram as seguintes: 39% (16 alunos) fazem-no muitas vezes; 32% dos inquiridos (13 alunos) admitem fazer a interpretação de mapas, imagens e fotografias poucas vezes, 24% (10 alunos) fazem-no algumas vezes; e por fim 5% (2 alunos) admitem não o fazer de todo nas aulas de Geografia.

Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc?

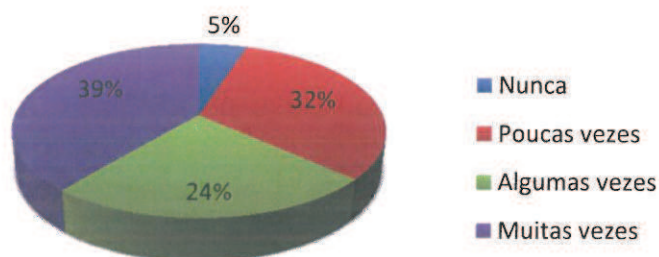


Gráfico 57 – Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias.

As duas questões seguintes dizem respeito à discussão e à realização de debates sobre assuntos relacionados com a Geografia. Relativamente à discussão de assuntos na aula as respostas foram as seguintes: 41% (17

alunos) dizem discutir muitas vezes assuntos na sala de aula; 27% (11 alunos) referem discutir assuntos algumas vezes na sala de aula; 22% (9 alunos) dizem discutir poucas vezes; 10% (4 alunos) afirmam nunca discutir assuntos na aula de Geografia.

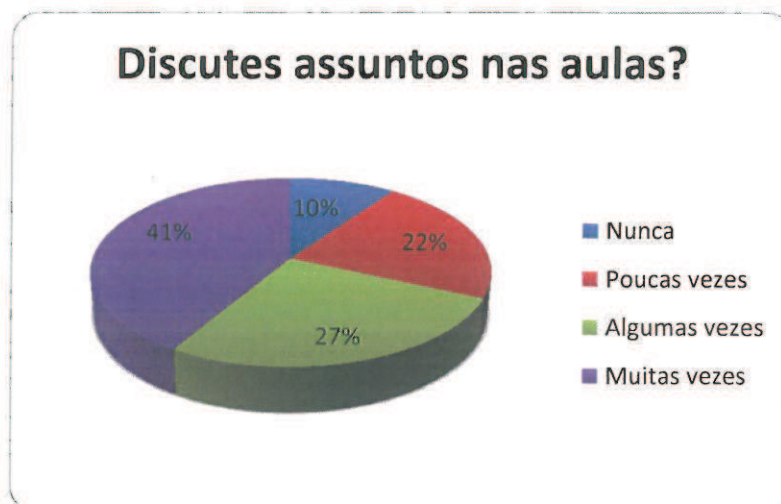


Gráfico 58 – Discute assuntos nas aulas.

A questão anterior pode e deve ser relacionada com a questão seguinte referente à realização de debates. As respostas foram as seguintes: 56% (23 alunos) dizem nunca realizarem debates na sala de aulas; 29% (12 alunos) dizem fazê-lo poucas vezes; 12% (5 alunos) muitas vezes e 2% (1 aluno) diz fazer algumas vezes.



Gráfico 59 – Realizas debates.

A pergunta seguinte diz respeito à interdisciplinaridade. As respostas a esta questão foram as seguintes: 41% (15 alunos) dizem nunca ter feito trabalhos de carácter interdisciplinar; 32% (12 alunos) dizem ter feito poucas

vezes e 14% cada (5 alunos) dizem ter feito algumas vezes e muitas vezes trabalhos com professores de outras disciplinas.

De seguida, questionou-se aos inquiridos se estes costumavam construir dossiers temáticos. Os alunos responderam a esta questão da seguinte forma: mais de metade dos alunos (71% - 29 alunos) afirmam que nunca construíram um dossier temático; 20% (8 alunos) referiram tê-lo feito poucas vezes; 5% (2 alunos) dizem ter feito algumas vezes e por fim 5% (2 alunos) dizem tê-lo feito muitas vezes.

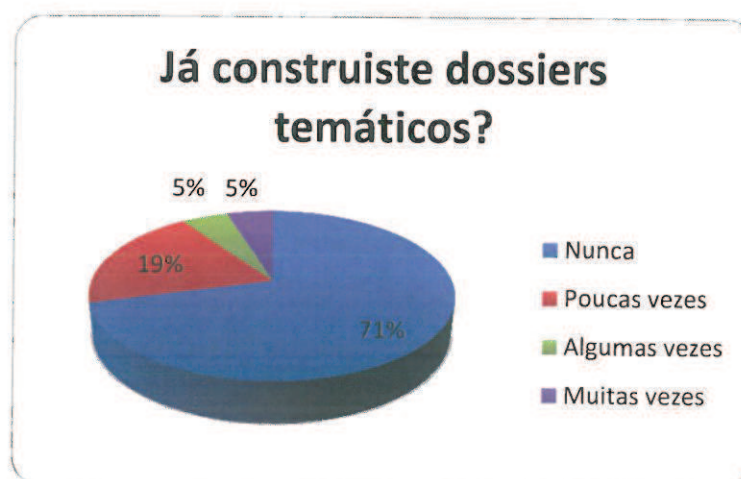


Gráfico 60 – Já construiste dossiers temáticos.

À pergunta “É habitual fazeres resumos?” as respostas foram: 34% (14 alunos) responderam que fazem resumos poucas vezes para estudar Geografia; 29% (12 alunos) dizem fazer resumos muitas vezes; 22% (9 alunos) dizem fazê-lo algumas vezes e por fim 15% (6 alunos) dizem nunca fazerem resumos para estudarem Geografia.

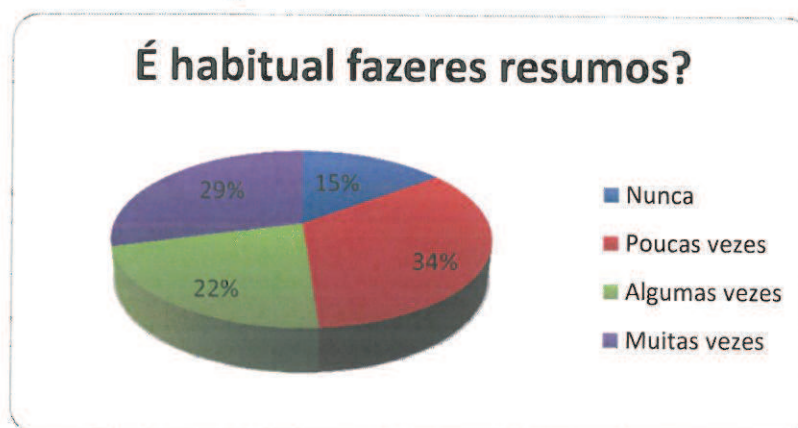


Gráfico 61 – É habitual fazeres resumos.

A pergunta seguinte diz respeito às visitas de estudo na internet, as respostas foram as seguintes: 44% (18 alunos) dizem nunca terem feito uma visita de estudo na internet; 32% (13 alunos) fizeram poucas vezes; 17% (7 alunos) dizem ter feito este tipo de visitas algumas vezes e por fim 7% (3 alunos) dizem ter feito muitas vezes.

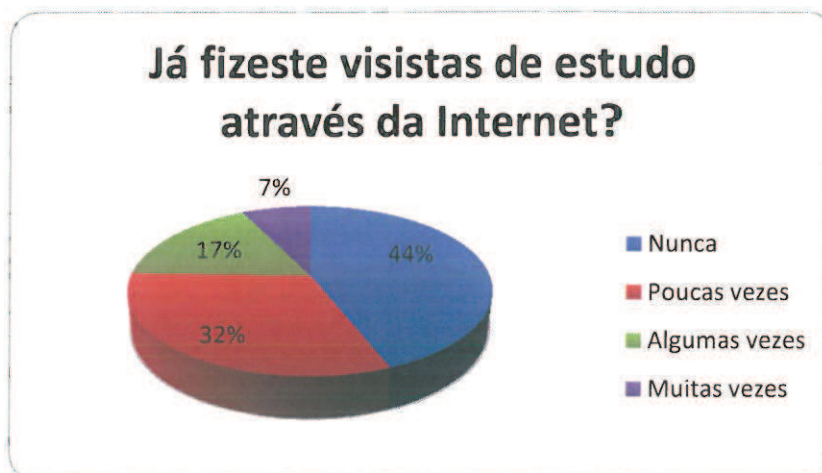


Gráfico 62 – Já fizeste visitas de estudo através da Internet.

À pergunta “Utilizas as tecnologias para elaborar trabalhos?”, as respostas foram as seguintes: 27% (11 alunos) dizem nunca usar; 24% (10 alunos) usam muitas vezes as TIC na elaboração de trabalhos; 24% (10 alunos) usam algumas vezes e por fim 24% (10 alunos) dizem usar poucas vezes as tecnologias para a elaboração de trabalhos.



Gráfico 63 – Já elaboraste trabalhos usando as tecnologias.

A pergunta seguinte foi “O professor costuma expor a matéria?”. As respostas foram: 41% (17 alunos) algumas vezes; 29% (12 alunos) muitas vezes; 24% (10 alunos) e 5% (2 alunos) nunca.



Gráfico 64 – O professor costuma expor a matéria.

As respostas à pergunta “fazes portefólio?” foram as seguintes: Mais de metade dos inquiridos (66% - 27 alunos) disseram nunca terem feito o portefólio para a aula de Geografia; 20% (8 alunos) dizem ter feito poucas vezes; 10% (4 alunos) algumas vezes e por fim 5% (2 alunos) dizem algumas vezes.



Gráfico 65 – Fazes portefólio.

A pergunta seguinte questiona se o professor aponta as ideias dos alunos no quadro. As respostas foram as seguintes: 44% (18 alunos) poucas vezes; 24% (10 alunos) nunca; 22% (9 alunos) algumas vezes e apenas 10% (4 alunos) admitem que o professor faz isso muitas vezes.



Gráfico 66 – O teu professor anota as tuas ideias no quadro.

Na pergunta seguinte “Resolves situações-problema?” os resultados foram os seguintes: 34% (14 alunos) poucas vezes; 29% (12 alunos) dos inquiridos resolvem algumas vezes situações-problemas; 22% (9 alunos) nunca resolveram este tipo de problemas e por fim 15% (6 alunos) dizem resolver muitas vezes situações-problemas.

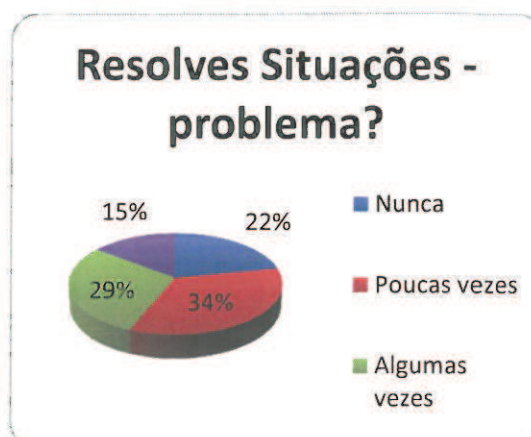


Gráfico 67 – O teu professor anota as tuas ideias no quadro.

À pergunta “Já fizeste saídas de Campo?” as respostas foram: 46% (19 alunos) nunca fizeram este tipo de saídas; 39% (16 alunos) já fizeram poucas vezes; 10% (4 alunos) algumas vezes e por fim apenas 5% (2 alunos) dizem fazer muitas vezes saídas de campo.



Gráfico 68 – Já fizeste trabalhos de campo.

À pergunta “constróis esquemas?” as respostas foram as seguintes: 13 alunos (32%) responderam poucas vezes; 11 alunos (27%) responderam muitas vezes; 9 alunos (22%) dizem nunca terem feito resumos e por fim 8 alunos (20%) responderam algumas vezes.

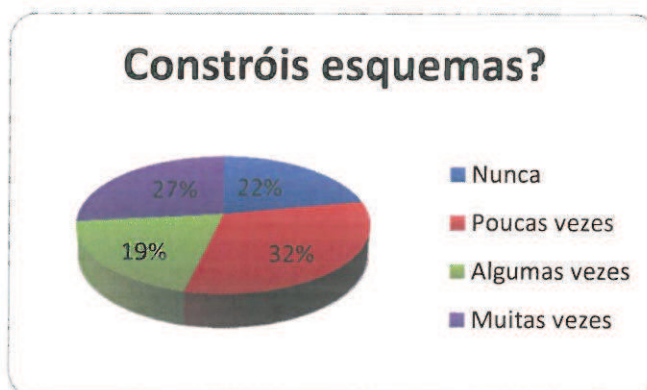


Gráfico 69 – Constróis esquemas.

Pergunta seguinte referente a se os alunos recebem ou não convidados nas aulas de Geografia, as respostas obtidas foram: 46% (19 alunos) receberam poucas vezes convidados nas suas aulas, 24% (10 alunos) dizem nunca terem recebido visitas; 20% (8 alunos) receberam algumas vezes e 10% (4 alunos) receberam muitas vezes.

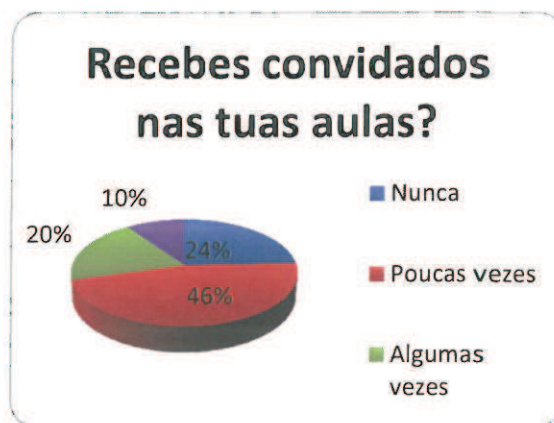


Gráfico 70 – Recebes convidados nas tuas aulas.

A pergunta seguinte que pretende saber se os alunos costumam participar em congressos sobre temas relacionados com Geografia, tendo os alunos respondido o seguinte: 37% (15 alunos) dizem terem participado poucas vezes em conferências ou colóquios; 41% (17 alunos) dizem nunca terem participado; 17% (7 alunos) dizem algumas vezes e por fim 5% (2 alunos) dizem muitas vezes.



Gráfico 71 – Participas em conferências sobre os temas lecionados nas aulas.

Quando questionados se o professor utiliza TIC nas aulas a esmagadora maioria (98%) dos alunos afirmaram que este usa, havendo só um aluno que disse que não usa. O recurso mais utilizado é o PowerPoint (48%), seguido da Internet (41%), Quiz (4%), Outros não especificados (5%), Prezi (2%). O Webquest não é utilizado de todo.

O professor usa tecnologias na sala de aula?

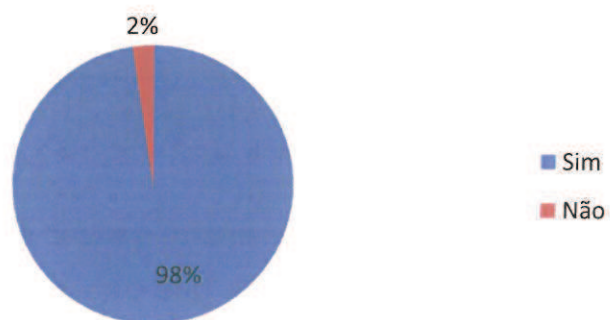


Gráfico 72 – O professor usa tecnologias na sala de aula.

4.2 Desenvolvimentos profissional docente

“Ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e que revelam a nossa maneira de ser.” (Nóvoa, 1992, p.9)

A escola tem um duplo papel: ensinar e educar. Para além de transmitir os conhecimentos científicos e técnicos que irão permitir ao aluno exercer futuramente um papel no aparelho produtivo, a escola tem também outra função essencial: veicular as normas sociais, as noções éticas básicas, os ideais da sociedade.

A Prática Pedagógica em contexto escola e as atividades enumeradas neste relatório assumiram-se como uma forma de desenvolvimento profissional docente contínuo.

Assim sendo a aplicação de metodologias e a utilização de estratégias que levem à melhoria das práticas educativas do docente, é o que nos encaminha para a questão do desenvolvimento profissional docente.

Para Fullan (1990, citado por Garcia, 1999, p.138) o desenvolvimento profissional “inclui qualquer atividade ou processo que procura melhorar competências, atitudes, compreensão ou atuação em papéis atuais ou futuros”.

Neste sentido, o desenvolvimento profissional não se pode limitar à formação adquirida no início de carreira do professor, mas deve ser um processo ativo, contínuo em de busca de aperfeiçoamento profissional. Já neste sentido Christopher Day vem apresentar uma visão mais abrangente:

O desenvolvimento profissional envolve todas as experiências espontâneas de aprendizagem e as atividades conscientemente planejadas, realizadas para benefício, direto ou indireto, do indivíduo, do grupo ou da escola e que contribuem, através destes, para a qualidade da educação na sala de aula. É o processo através do qual os professores, enquanto agentes de mudança, revêm, renovam e ampliam, individual ou coletivamente, o seu compromisso com os propósitos morais do ensino, adquirem e desenvolvem, de forma crítica, juntamente com as crianças, os jovens e os seus colegas, o conhecimento, as destrezas e a inteligência emocional, essenciais para uma reflexão, planificação e prática profissionais eficazes, em cada uma das fases das suas vidas profissionais (2001 pp.20-21).

O professor ao longo da sua carreira deve refletir sobre o seu progresso profissional e sobre a sua formação inicial, pensando assim nas suas práticas pedagógicas e avaliações, “a avaliação ligada directamente ao desenvolvimento profissional é um meio de ajudar os Professores a aumentarem a sua eficácia”, (Day, 1999, p. 103).

O saber ser/estar que espelha a personalidade, a maneira de ser, de lidar com os alunos de cada professor, tem uma influência determinante na sala de aula. Mas o saber científico: o conhecimento da matéria que está a lecionar, a sua cultura geral que funciona como ponte com o exterior, o saber fazer: a metodologia utilizada para cativar, motivar e captar a atenção, não serão menos importantes. O professor é como um capitão de um navio que, com o leme tenta encontrar as melhores rotas para alcançar o seu destino, neste caso os alunos.

A formação continua “não deve ser concebida como algo que se obtém por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal”. (Nóvoa, 1991, p.23).

Por vezes, o docente pode questionar-se relativamente ao aproveitamento dos alunos e pensar que o que lhe transmite é em vão e esquecido. Isso é desmotivante para o professor e para os alunos. Se conseguir um bom meio de transmitir a sua mensagem, o seu objetivo é concretizado. O modo como o conteúdo é interpretado é fruto da forma como é transmitido. *A priori*, os sentidos que os alunos têm mais apurados dentro da sala de aula são a visão e a audição, por isso o professor tem de tomar atenção quanto à sua postura, ao tom de voz, à expressão facial e contacto visual professor-aluno. “*Um gesto vale mais do que mil palavras.*”.

É preciso ser criativo, organizado, comunicativo, claro e conciso para que a mensagem seja entendida com uma maior clareza. O professor tem de ter o cuidado de se passar constantemente para o lugar de aluno, descer ao nível de conhecimento dos alunos tendo em conta o meio em que estão inseridos. Este tem de possuir um enorme “jogo de cintura”, ser flexível, ter um poder de ajustamento, de adequação à turma, de variar a estrutura de forma a ir de encontro às necessidades dos alunos. Uma das muitas funções do

professor é planejar o ambiente de aprendizagem em todas as áreas de forma a estimular o processo natural e gradual de desenvolvimento.

Aprender mais acerca dos alunos leva à descoberta do seu potencial de aprendizagem. O aluno deve ser encarado como uma pessoa, como ser humano e os seus comportamentos devem ser observados tendo como ponto de partida a sua situação familiar, o seu estrato social, o seu ritmo de aprendizagem, pois tanto é injusto tratar de modo desigual os iguais, como tratar os diferentes como iguais. Se os professores não encararem os alunos como pessoas, não os motivarem, não lhes mostrarem como é bom para eles andarem na escola são muitas vezes responsáveis pelo insucesso e abandono escolar. O aluno é um moinho de água que mói ao sabor da corrente a sua própria aprendizagem e comportamento, a corrente é todo o cenário educativo que contextualiza a sua realidade, instituição, professor, comunidade, família, isto é, gerir o movimento é uma relação que se impõe entre mó e corrente...

O que também pode afetar a capacidade de ser um educador eficaz é a relação que o professor estabelece com os alunos. Enquanto pessoas envergam um perfil que se demarca pelo poder de interagir, as relações interpessoais são a personificação real que identifica seres humanos entre outros, no mundo.

Quando o professor se sente bem e estável com os alunos num meio mais ou menos controlado, é possível concentrar-se no que acontece aos alunos, dar-lhes mais atenção. A capacidade de se relacionar de modo positivo e construtivo com os alunos, o que não é fácil de ser conseguido, é fundamental. O desenvolvimento profissional docente deve ser visto como um agregado de atitudes e de práticas de regeneração de saberes que caracterizam a profissão “a educação é um processo contextualizado de desenvolvimento interaccional e contínuo do indivíduo” (Gaspar e Roldão, 2007, p. 18).

Os professores para serem bons naquilo que fazem, ter-se-ão de pôr à prova constantemente em todos os domínios: ao nível da sua maneira de ser e estar perante os alunos, no domínio da sua metodologia, e aumentar o seu repertório de estratégias inovadoras, criativas e motivadoras. Só assim demonstrarão um processo de evolução e desenvolvimento e tudo isto aliado à capacidade de analisar o seu próprio ensino seria o *casamento perfeito*.

Conclusões

“ O bom professor possui metodologia, o professor fascinante possui sensibilidade”.
Augusto Cury

A Prática Pedagógica foi uma mais valia na formação como futura professora, quer pelo conjunto de tarefas desenvolvidas, quer pelas experiências vividas, e pelas competências adquiridas com as actividades proporcionadas.

Assim, e com uma perspectiva positiva, considero que as experiências proporcionadas durante a Prática Pedagógica contribuíram para a aquisição de competências inerentes ao processo de ensino.

Gostaria ainda de dizer que a Prática Pedagógica realizada na Escola do Viso foi muito enriquecedora no que diz respeito à aquisição/desenvolvimento das aprendizagens para a lecionação de aulas nas disciplinas de História e Geografia. Tenho, ainda, muitas dúvidas sobre o ensino de História e Geografia mas só com o tempo e com a experiência é que se vão dissolvendo.

Devo salientar que a Prática Pedagógica representou, para mim, uma experiência muito importante no seu todo, ajudando-me a contactar com a realidade das escolas, conhecer o seu funcionamento, interagir com todos os elementos da comunidade educativa, unindo assim a teoria à prática, dando-me as competências necessárias para iniciar a minha profissão há muito sonhada, a de ser Professora.

Conseguí colocar em prática tudo o que aprendi ao longo do curso e também todas as vivências que adquiri ao longo da vida, quer do ponto de vista científico, quer pedagógico. O trabalho que desenvolvi junto dos alunos foi muito proveitoso ao nível dos conhecimentos de história e geografia e sobretudo de experiências humanas com todos e cada um dos alunos, para a formação dos quais sinto que contribuí muito positivamente.

A nível pedagógico tentei exercer um duplo papel sendo professora e aluna ao mesmo tempo, visto considerar esta dialéctica imprescindível no processo de Ensino e Aprendizagem, tendo encontrado motivação dentro desta dualidade. Uma simples partilha de experiências de vida é quase sempre mais motivante do que qualquer outro recurso, como nos diz Lao Tsé “*Se deres um*

peixe a um homem faminto, vais alimentá-lo por um dia. Se o ensinares a pescar, vais alimentá-lo toda a vida”.

O meu fascínio pela História e pela Geografia cresceu. E se no início a ciência que me despertou foi a História que, mantém o seu *status*, importância e relevância, e que vi ampliada no campo filosófico e humanista. Hoje outra ciência se cinge de igual importância, a Geografia que apresenta uma contribuição essencial para a compreensão dos lugares, somando ao seu papel ontológico na constituição da subjetividade e da identidade, a sua importância como disciplina escolar que desperta a reflexão crítica e capacita o sujeito para o exercício da cidadania.

Hoje percebo, com mais clareza que, a materialidade trazida pelos lugares é um instrumento fundamental na construção da consciência. Entretanto, posso afirmar com mais convicção, que os seus conceitos são pouco utilizados nas escolas, devida às coerções do sistema educacional, aos interesses diversos que permeiam a educação ou pela dificuldade dos professores em assumirem o compromisso com a transformação da escola em geral e com o ensino da Geografia em particular. Toda uma situação decorrente do excesso de trabalho, carência de formação continuada, baixo reconhecimento público e financeiro.

Exatamente por essas constatações e contexto ressalto as palavras de Paulo Freire (1996, p.102) quando afirma que “ não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, a minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que eu escolha entre isso e aquilo”. “Apesar de todas as limitações impostas pela cultura escolar, pelo género da atividade do professor não é possível negar o nosso compromisso com a mudança, com a ética, com a liberdade de agir e pensar inerentes ao papel do professor-intelectual. Precisamos de repensar tudo de forma radical e intervir de forma consequente (Rajagopalan, 2006, p.164).

Para que os professores consigam romper com os dogmas da cultura escolar, é importante que exista um comprometimento pessoal com a sua formação, o seu aperfeiçoamento e constante conexão com o mundo nos âmbitos político, académico, educacional e cultural.

Cabe aos professores demonstrar que a mudança na prática pedagógica baseada no protagonismo do aluno, na interação mútua, na pesquisa, na autoria dos estudantes, não exclui o foco no conteúdo.

Aulas expositivas, conteúdos memorizados, informações repetidas, não combinam com a visão da totalidade, complexidade e tensão dialética. O protagonismo exclusivo do professor é incompatível com os conceitos e a prática do dialogismo, da alteridade, da interação e da exotopia, fundamentais para o desenvolvimento da tolerância, da diversidade e da criatividade, como possibilidade de construção de uma outra globalização, com base na solidariedade e na inclusão (Santos, 2000).

O balanço que faço da Prática Pedagógica é muito positivo, pois constituiu uma fase de grande crescimento para a minha formação quer pessoal, quer profissional, na medida em que foi um momento de interação com a realidade escolar, de aumento e aprofundamento dos conhecimentos teóricos e práticos, pelo que considero ter superado os desafios.

Apesar de ter aprendido muito ao longo de toda a minha formação, sei que este é apenas o início de um longo caminho que espero percorrer e ao longo do qual ainda terei muito para aprender.

Referências Bibliográficas

- Alves, L. (2001). O estado da História: O ensino. *Revista Faculdade de Letras- História*. 2 (II), p. 23-31.
- Alcoforado, M. (1999). Aplicação da climatologia ao planeamento urbano. *Revista Portuguesa de Geografia*, 83 – 94.
- Araújo, M. A. (2000) - “Depósitos de fácies continental e marinho na plataforma litoral da região do Porto: importância da tectónica na sua organização espacial”, *Ciências da Terra (UNL)*, nº 14, Lisboa, pp. 111-122.
- Araújo, M. A. (2002) - “A evolução do litoral em tempos históricos: a contribuição da Geografia Física”, *Actas do Seminário “O litoral em perspectiva histórica (séc. XVIII)”*, Instituto de História Moderna da FLUP, 2002, pp. 75-91.
- Araújo, M. A. (2004) - “O final do Cenozóico na plataforma litoral da região do Porto”, *In Geomorfologia do NW da Península Ibérica*, GEDES-Projecto TBA, FLUP; Porto, pp. 117-138.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Alfragide: McGraw-Hill de Portugal.
- Barca, I. (1995). Aprender História Reconstruir o Passado. *Novas Metodologias em Educação*, pp. 329-348.
- Barreira, C., Boavida, J., & Araújo, N. (2006). Avaliação formativa: Novas formas de ensinar e aprender. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, pp. 96-132.
- Brum Ferreira, A. (1978) - “Planaltos e Montanhas do Norte da Beira: Estudo de geomorfologia”, *Memórias do Centro de Estudos Geográficos*, Universidade de Lisboa, p. 374.
- Brum Ferreira, A. (1991) - “Neotectonics in Northern Portugal. A geomorphological approach”, *Z. Geomorph*, v. Suppl. Bd 82, pp. 73-85.
- Cassab, Clarice. (2009). Reflexões do Ensino da Geografia. *Geografia: Ensino & Pesquisa*, Santa Maria, v. 13 n. 1, p. 43 - 50.
- Castellar, S. M. V; Moraes, J. V. (2010). *Ensino de Geografia*. Porto Alegre: Thompson.
- Costa, J. A., Mendes, A. N., & Sousa, L. (2001). *Gestão Pedagógica e Lideranças Intermédias na Escola: Estudo de caso no TEIP do Esteiro*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Couvaneiro, C. S., & Reis, M. A. (2007). *Avaliar Reflectir Melhor*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Daveau, S. (1993) - “Terraços fluviais e litorais”, *O Quaternário em Portugal. Balanço e perspectivas*. APEQ, Lisboa, Ed. Colibri, pp. 17-28.
- Dourado, L. (1994). *Os estagiários da licenciatura em ensino de Biologia e Geologia e a leccionação da Teoria da Tectónica Global – Um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado em Educação. Braga: Instituto da Educação – Universidade do Minho.

- Dourado, L. (2005/2006). *Disciplina de Metodologia de Ensino de Biologia e Geologia*. Braga: Universidade do Minho.
- Dourado, L.; Freitas, M. (1995) *Mudança Conceptual: Esboço de um novo modelo de planificação de unidades didáticas de ciências numa perspectiva de mudança conceptual*. Boletim da Associação Portuguesa de Professores de Biologia e Geologia.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: Desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Freitas, M. (1995) *A Planificação do Ensino Das Ciências: Uma Perspectiva De Mudança Conceptual*. Boletim da Associação Portuguesa de Professores de Biologia e Geologia.
- Huberman, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores*. 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Ed., 2000. p. 31-61.
- Krapp, A., & Lemos, M. S. (2002). Os interesses dos alunos como condição e como objetivo da aprendizagem escolar. Em M. S. Lemos, & T. R. Carvalho, *O Aluno na Sala de Aula* (pp. 77- 102). Porto: Porto Editora.
- Lautensach, H. (1932) - "Estudo dos glaciares da Serra da Estrela", *Memórias e Notícias*, Coimbra, 6, pp. 1-60 (trad. Lautensach, 1929).
- Lourenço, L., (1989) - "O Rio Alva : hidrogeologia, geomorfologia, climatologia, hidrologia", *Inst.Est.Geográficos, Fac. de Letras*, 162p.
- Lourenço, L. (2004). *Risco Meteorológico de Incêndio Florestal*. Coimbra: Colectâneas Cindínicas.
- Monbeig, Pierre. (1956). *Papel e valor do ensino da Geografia e da sua pesquisa*. I.B.G.E. Conselho Nacional da Geografia. S.e.
- Moreira, R. (2007). *Conceitos, categorias e princípios lógicos para o método e o ensino de geografia*. In: *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 105-118 p.
- Nóvoa, A. (1995). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora.
- Nóvoa, A. (2007). *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo*. Sindicato dos professores de são paulo.(S.e)
- Nóvoa, A. (2011). *O regresso dos professores*. (S.e)
- Perrenoud, Philippe (2002). *A Prática Reflexiva no Ofício de Professor : Profissionalização e Razão Pedagógicas*. Porto Alegre (Brasil): Artmed Editora.
- Perrenoud, Philippe (1999). *Construir as Competências desde a Escola*. Porto Alegre (Brasil): Artmed Editora.
- Perrenoud, Philippe (2000). *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre (Brasil): Artmed Editora.

- Portucalense, U. (30 de 06 de 2013). Ficha de Unidade Curricular - Prática Pedagógica. Porto.
- Portucalense, U. (27 de fevereiro de 2013). Normas regulamentares do 2º ciclo de estudos em Ensino da História e Geografia no 3º ciclo do ensino básico e no secundário. Porto.
- Ramos, A. e Soares, A. F. (1998) - "Os depósitos mais recentes da margem direita do Mondego entre Coimbra e Montemor-o-Velho", *Cadernos de Geografia*, Coimbra, 17, pp. 73-79.
- Ramos, A. (2000) - *Organização e significado dos depósitos mais recentes da zona vestibular do Rio Mondego*, Tese Mestrado, Universidade de Coimbra.
- Ribeiro, L. C. (1993). *Educação hoje. Avaliação da aprendizagem*. Porto: Texto Editora.
- Ribeiro, O. e Patricio, A. (1943) - "Nótula sobre os terraços do Mondego nos arredores de Coimbra", *Ass. Port. Prog. Ciências, 4º Congresso, V, 4a, Secção - Ciências Naturais*, Porto, pp. 184-194.
- Rodrigues, D. M. S. (1972) *O Mundo Atual: curso fundamental*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S.A.
- Roldão, M. (1999). *Os professores e a gestão do currículo. Perspetivas e práticas em análise*. Porto: Porto Editora.
- Roldão, M. (2005). *Estudos de Práticas de Gestão do Currículo*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Roldão, Maria do Céu (2008). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências. As questões dos professores*. 5ª Edição. Lisboa: Editorial Presença.
- Roldão, Maria do Céu (1999). *Os Professores e a Gestão do Currículo. Perspetivas e práticas em análise*. Porto: Porto Editora.
- Savater, F. (1997). *O valor de educar*. Lisboa: Dom Quixote.
- Santos, M. (1996) *A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, M. (1991) *Mudança Conceptual na Sala de Aula – Um desafio pedagógico*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Soares, A. F. (1966) - "Estudo das formações pós-jurássicas da região de entre Sargento-Mor e Montemor-o-Velho (margem direita do rio Mondego)", *Mem. Not. Publ. Mus. Lab. Min. Geol. Univ. Coimbra*, vol 62, pp. 1-343.
- Zabalza, Miguel Ángel (2001). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. 6ª Edição. Porto: Edições Asa.
- Zbyszewski, G. (1958) - "Le Quaternaire du Portugal", *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, Porto, 13 (1-2), pp. 1-227.

Anexos

Ata de Reunião de Estágio

Aos seis de março de dois mil e treze, às onze horas e quarenta minutos, reuniu o grupo de estágio de História e Geografia, secretariada pela estagiária. -----

Cargo	Nome dos Professores	Rubrica
Orientadora de estágio de História	Marta Pinto	
Orientadora de estágio de Geografia	Elza Mesquita	
Estagiária	Ana Loureiro	
Estagiária	Lígia Eiras	
Estagiária	Márcia Carvalhido	
Estagiária	Patrícia Martins	

----- Ordem de trabalhos: -----
 ponto um – Apresentação do corpo de estágio; -----
 ponto dois – Apresentação da instituição; -----
 ponto três – Informações sobre o estágio; -----
 ponto quatro – Outros assuntos. -----

-----Os professores orientadores iniciaram a reunião transmitindo às professoras estagiárias a orgânica interna da Escola do Viso. Seguidamente as professoras cooperantes Elza Mesquita e Marta Pinto, fizeram uma caracterização dos alunos que frequentam a Escola bem como do meio socioeconómico em que a mesma se encontra inserida.-----

---De seguida o grupo apresentou os elementos que até à presente data tinham disponíveis sobre a orgânica do estágio. Foi referido por todos os elementos do grupo de estágio, que ainda não estavam na posse de alguns elementos e documentos importantes para o decorrer do mesmo, nomeadamente o regulamento de estágio atualizado, orgânica do plano de estágio e grelha de observação de aula. Documentos cujo envio e fornecimento são da exclusiva responsabilidade da Universidade Portucalense. -----

-----De seguida as orientadoras fizeram uma apresentação da instituição acolhedora e suas principais características e especificidades. Relativamente ao ponto três da ordem de trabalhos foi feito um levantamento prévio da disponibilidade de horário quer dos orientadores quer do estagiário no que respeita à marcação de uma reunião do grupo de estágio semanal.

---O grupo de estágio abordou ainda a questão das aulas a lecionar e a observar por parte das estagiárias, ficando a data das mesmas penderes da disponibilidade de horário de todos os elementos do grupo de estágio. Relativamente às turmas em que as aulas vão ocorrer, as estagiárias foram informadas pelas professoras cooperantes, que as turmas a lecionar e observar na disciplina de História seriam o oitavo ano turma A, para as estagiárias Márcia Carvalhido e Patrícia Martins e o oitavo ano turma B, para as estagiárias Ana Loureiro e Lígia Eiras. No que concerne à disciplina de Geografia, ficou estabelecido que as estagiárias Márcia Carvalhido e Patrícia Martins ficariam com o oitavo ano turma A, e as estagiárias Ana Loureiro e Lígia Eiras com o sétimo ano, turma A -----

-----E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata, dentro dos termos da lei, em vigor, que inclui duas páginas, e deu-se por terminada a reunião. ----

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

As Estagiárias,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze,

ATA DO NÚCLEO DE ESTÁGIO

Aos dezanove dias do mês de abril do ano dois mil e treze, pelas treze horas e trinta minutos, sob a presidência da professora cooperante de Geografia, Marta Pinto, reuniu-se o núcleo abaixo indicado, com a presença dos seguintes elementos:

Nome	Assinatura
Marta Pinto	
Márcia Carvalhido	
Patrícia Martins	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:

Ponto único – Análise do plano de aula e dos recursos para a aula assistida

Assuntos tratados/Deliberações:

Deu-se início à reunião com a apresentação à professora cooperante do plano de aula, respetivas estratégias de aprendizagem e recursos didáticos elaborados pela estagiária Patrícia Martins.-----

Seguidamente a professora cooperante de História, Marta Pinto, sugeriu algumas formas de encadeamento das estratégias de ensino e aprendizagem, bem como analisou o Power Point a ficha de trabalho e o vídeo a serem utilizados na aula, tendo feito algumas recomendações relativamente à estrutura dos recursos. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.

PLANO DE AULA

Disciplina – História

Unidade G. 2.2- Revolução Francesa

N.º de blocos (90') previstos: 1

Ano- 8 Turma_A

DATAS: 23 de Abril de 2013

Professora observada: Patrícia Martins

Professor cooperante: Marta Pinto

Conceito-chave e Situação-problema/ Desafio

Como se caracteriza a Revolução Francesa, dos Estados Gerais ao Diretório?

Metas de aprendizagem a desenvolver na aula

I. Tratamento de Informação/utilização de fontes

Analisar e compreender as fontes fornecidas.

II. Compreensão Histórica

Temporalidade

Identificar e situar no tempo os acontecimentos.

Espacialidade

Localizar no espaço os acontecimentos.

Contextualização

Explicar e integrar os acontecimentos no plano da estrutura e da conjuntura.

III. Comunicação em História

Utilizar o vocabulário específico da disciplina.

- Analisar as condições económicas, sociais e políticas que conduziram à Revolução Francesa de 1789;
- Descrever as principais etapas da Revolução Francesa.
- Mostrar a importância da Revolução Francesa de 1789.
- Reconhecer a influência da abolição dos direitos senhoriais, Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e Constituição de 1791.

Esquema conceptual para a aula



Informação nova / conteúdos

Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)	Utilização da ferramenta Brainstorming para aferir as ideias prévias dos alunos sobre: - Modelo social e económico do antigo regime.
Conceitos novos	- Estados gerais; - Assembleia Nacional Constituinte; - Declaração dos direitos do Homem e do cidadão; - Assembleia Legislativa; - Convenção; - Girondinos; - Jacobinos;

	- Diretório.
--	--------------

Objetivos de aprendizagem

- Explicar o contexto social e económico no qual surge a Revolução Francesa;
- Identificar as condições económicas, sociais e políticas que conduziram à Revolução Francesa de 1789;
- Explicar o fim da monarquia absoluta;
- Compreender a reunião dos Estados Gerais e a sua passagem a Assembleia Nacional Constituinte;
- Descrever a tomada da Bastilha;
- Compreender o surgimento da Declaração dos direitos do Homem e do cidadão e a Constituição;
- Identificar os momentos da passagem à Assembleia Legislativa, à Convenção e ao diretório;
- Identificar os girondinos e os jacobinos;
- Desenvolver e consolidar atitudes facilitadoras de trabalho cooperativo no seio do grupo.

Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos/ Métodos

Expositivo/Dedutivo:

Revisão de conhecimentos lecionados em aulas anteriores, recorrendo à técnica de *brainstorming* para aferir os conhecimentos dos alunos; (Identificação das ideias prévias, *Brainstorming*).

Apresentação e exploração com os alunos da nova matéria a lecionar recorrendo a um documento de trabalho elaborado através da ferramenta *Power Point* – consultar anexo 4.

Prática controlada através da realização de um esquema síntese sobre a matéria lecionada.

Prática independente – ao longo da aula serão colocadas aos alunos questões (abertas para aferir a compreensão dos conteúdos que vão sendo lecionados)

Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos: Estratégias /tarefas

Estratégias cognitivas:

Contextualização ();

Relação da informação nova com elementos visuais (Ppti: imagens, mapas e documentos escritos para análise);

Uso de glossário/conceitos;

Registo de notas (professor no quadro/aluno no caderno diário);

A relação da informação nova com os conceitos prévios (elaboração de esquemas no quadro/caderno);

Síntese (cada aluno elabora em cinco linhas um resumo ou com uma ficha).

Recursos / Fontes

- Computador/ Vídeoprojetor;
- Quadro;
- Manual/ Cadernos diário;
- Ficha de trabalho;

Avaliação intercalar

Durante a aula vou resolver um exercício do manual escolar e uma ficha.

Diferenciação pedagógica

Ficha de trabalho com exercícios de grau de dificuldade diferenciado. Isto é, aos alunos que apresentam mais dificuldades à disciplina de História, serão privilegiadas questões fechadas e de escolha múltipla (questões de conhecimento). Relativamente aos alunos que revelam melhor desempenho a História serão privilegiadas questões “abertas” (de pensamento).

A aferição do nível de desempenho dos alunos será feita com base nas notas de final do 2º período e com base no feedback fornecido pela orientadora cooperante.

Avaliação final

Vai ser contemplado no teste da disciplina uma questão sobre a matéria dada.

Sumários

A Revolução Francesa.

Anexo 4 – Power Point utilizado na primeira aula de História



◉ <http://www.youtube.com/watch?v=ZmOwtpJLcdM>

Situação da França antes da Revolução

A sociedade era extremamente injusta e desigual;

A burguesia não tinha acesso a cargos políticos;

O povo vivia na miséria, e estava sobrecarregado de impostos;



A esta classe camponesa tão útil (...) pelo seu trabalho, a propriedade de nada serve; os rendimentos da terra são devorados pelos impostos (...); o cavador coberto pelos farrapos da miséria só tem, para se deitar, um leito de palha e, por alimento, um pão grosseiro que, quantas vezes, apenas pode milhar nas suas lágrimas. Nem na infância conhece repouso: cavador aos sete anos, decrépito aos trinta, é esta a sua triste sorte.

Cadema de Gueixas do Terceiro Estado de Poitiers (1789)

Causas económicas e financeiras

◉ Crise agrícola devido ao aumento da população e aos maus anos agrícolas;

Ruína das manufaturas, provocada pela concorrência inglesa;

Grandes despesas do Estado;

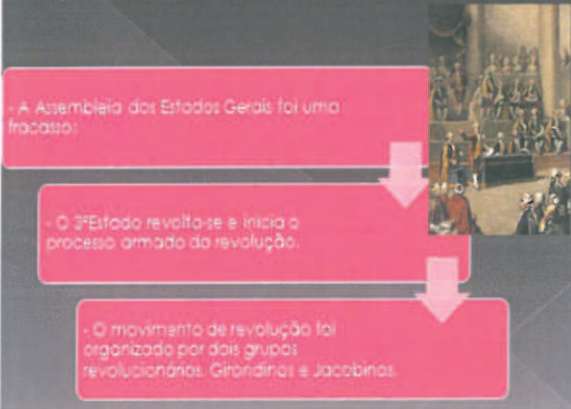
A sociedade francesa do século XVIII



Causas da Revolução Francesa

- | | | | |
|--|---|---|--------------------------------------|
| - Incapacidade administrativa de Luís XVI (rei absolutista de França); | - Crise económica (guerra dos 7 anos e guerra da independência); | - Miséria popular e desigualdades de classes; | - Influência das ideias iluministas; |
| - Gastos exagerados com a corte; | - Injusto sistema tributário, somente o 3º Estado (povo) pagava impostos. | - Ambição política da burguesia; | - País absolutista; |

Após a Assembleia dos Estados Gerais



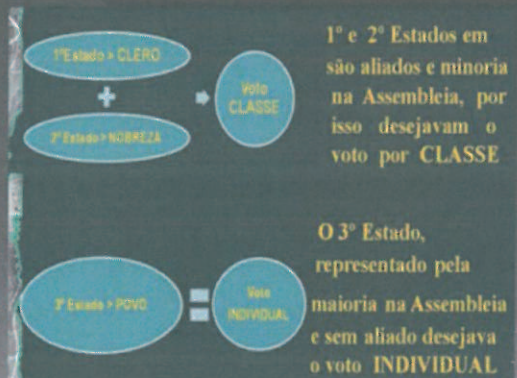
Medidas da Assembleia Constituinte

- Constituição 1791;
- Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão 26 de Agosto de 1789;
- Queda da Bastilha (Prisão);
- Confisco de bens da Igreja Católica;
- Igualdade perante o pagamento de impostos;

A convocação dos Estados Gerais (1789):

- Fac 1789
- Reunidos na Assembleia todos os representantes dos três estados da sociedade francesa.
- 1789
- Luís XVI deu por aberta as discussões e votações para os problemas que atingiam a França.
- 1789
- No que tocava ao pagamento de impostos, a votação na Assembleia enfrentou um grande obstáculo: 1º e 2º Estados (voto por classe) e do 3º Estado (Voto Individual)

Assembleia dos Estados Gerais



Medidas da Assembleia Constituinte

- Aprovação da Constituição de 1791 que instituiu a separação dos poderes (legislativo, executivo e judicial);
- Igualdade perante a lei e o sufrágio popular (voto censitário)



Medidas da Assembleia Constituinte

"Artigo 6 - A lei é a expressão da vontade geral; todos os cidadãos têm o direito de concorrer, pessoalmente ou pelos seus representantes, à sua formação; ela deve ser a mesma para todos, quer seja protegendo, seja punindo. Todos os cidadãos, sendo iguais a seus olhos, são igualmente admissíveis a todas as dignidades, lugares e empregos públicos, segundo sua capacidade e sem outras distinções que as de suas virtudes e de seus talentos".

[Declaração dos direitos do homem e do cidadão, 26 de agosto de 1789.]



Da Convenção ao Diretório

Convenção Nacional (1792-1795):

Governo Girondino:

- Execução de Luís XVI e sua família
- Guerras externas (Prússia e Áustria 1792)
- Miséria do povo
- Convenção que proclamou a República
- O primeiro governo dominado pelos girondinos termina, sendo substituído pela ala mais radical os montanheses ou jacobinos, liderados por Robespierre.



Grupos revolucionários



Queda da Bastilha

- Foi o primeiro alvo revolucionário;
- Era símbolo da monarquia absolutista;
- Lema dos revolucionário e do povo francês: Liberdade, Igualdade e Fraternidade;



Fase do Terror

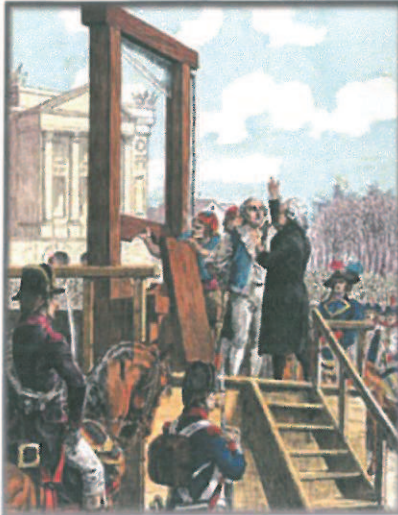
- Liderada por Robespierre, Danton e pelo jovem jornalista Marat e falte do terror: assim conhecido, foi um período marcado pela repressão e violência a todos os que se opunham aos ideais da revolução.

- O Terror foi um período compreendido entre Agosto de 1792 (queda dos girondinos) e 27 de julho de 1794 (prisão de Maximilien de Robespierre, ex-líder dos Jacobinos).

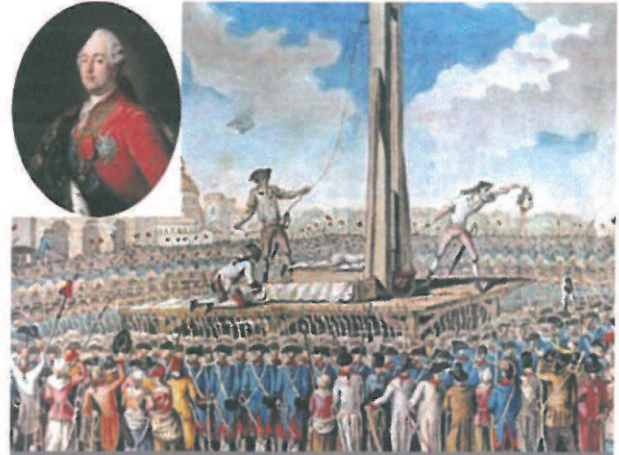
- Muitas pessoas foram julgadas e depois executadas na guilhotina, inclusive o Rei Luís XVI e a sua esposa Maria Antonieta, e os líderes revolucionários Danton e Robespierre.

- Calculam-se 40 mil vítimas da guilhotina entre 1792 e 1799. No período do terror entre 1793 e 1794, contabilizam-se 15 mil mortos na guilhotina.





O rei Luís XVI é executado na guilhotina em Janeiro de 1793.



Decapitação do rei Luís XVI (a 21 de Janeiro de 1793).

<http://www.youtube.com/watch?v=GeubThOFlco>

Diretório

- O governo do DIRETÓRIO, período marcado pelo retorno da Alta Burguesia ao poder e comando da revolução.
- Em 1795, a Constituição da França é concluída e estabelece a continuidade do regime republicano, que seria controlada pelo Diretório, formado por cinco membros eleitos pelo Poder Legislativo.
- Os membros do Diretório tentavam conter a insatisfação popular e garantir a autoridade política da burguesia.

A FRANÇA NAS VÉSPERAS DA REVOLUÇÃO

Contexto socioeconómico e político

- Concentração de privilégios na nobreza e no clero
- Ambições da burguesia
- Pauperização do campesinato
- Crise agrícola e industrial
- Déficit financeiro
- Falhas das tentativas régias de reforma fiscal
- Reacção nobiliárquica
- Agitação social

REVOLUÇÃO

- | | | |
|---|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Fim da sociedade de ordens e do Absolutismo • Igualdade civil • Liberdade de pensamento e de opinião • Soberania da Nação • Libertação económica • Promoção da burguesia (sufrágio censitário) | <ul style="list-style-type: none"> • Fim da Monarquia Constitucional • Igualdade política • Democracia social • Soberania do povo • Mitificação/monetização directa • Lei da Igualdade • Dirigismo económico • Terror • Promoção semi-cívica (sufrágio universal) | <ul style="list-style-type: none"> • Fim da República Popular e jacobina • Igualdade jurídica • Inalienabilidade da propriedade • Liberdade de consciência • Promoção da burguesia • Sufrágio censitário • Sufrágio universal com restrições |
|---|--|---|

Bandeira Francesa



A Bandeira Nacional da França (também conhecida como a tricolor ou bleu, blanc, rouge), tricolor em três faixas verticais (azul, branca e vermelha), simboliza a Revolução Francesa (1789), sendo que o azul representa o poder legislativo, branco o poder executivo e o vermelho o povo, os três "dividindo" igualmente o poder. Lembrando do lema francês, as cores representam também Liberdade (Liberté), Igualdade (Égalité) e Fraternidade (Fraternité), na ordem da bandeira, "método" também usado na moeda francesa.

Rei Luís XVI



Luís XVI de Bourbon, nascido em 23 de agosto de 1754 em Versalhes e executado em 21 de Janeiro de 1793 em Paris, foi rei da França (1774-1791).

Rainha Maria Antonieta



Maria Antonieta Josefa Joana de Habsburgo-Lorena. Nasceu em Viena, a 2 de novembro de 1755 - Paris, 16 de outubro de 1793) foi uma arquiduquesa da Áustria e rainha consorte de França e Navarra.

Maximilien Robespierre



Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (Arras, 6 de maio de 1758 — Paris, 28 de julho de 1794) foi um advogado e político francês, foi uma das personalidades mais importantes da Revolução Francesa. Os seus amigos chamavam-lhe "O Incorruptível". Principal membro dos Montanha durante a Convenção, ele encarnou a tendência mais radical da Revolução, transformando-se numa das personagens mais controversas deste período. Os seus inimigos chamavam-lhe o "Cardeira de Arras", "Tirano" e "Ditador sanguinário" durante a [Revolução](#).

Danton



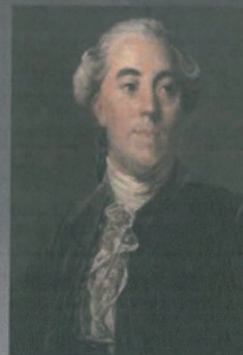
Georges Jacques Danton (26 de setembro de 1758, Arca-sur-Aube - 5 de abril de 1794, Paris) foi um advogado e político francês que se tornou uma figura destacada nos estágios iniciais da [Revolução Francesa](#).

Marat



Jean-Paul Marat (24 de Maio de 1743 - 13 de Julho de 1793) foi um médico, filósofo, teorista político e cientista mais conhecido como jornalista radical e político da Revolução Francesa.

Necker



Jacques Necker (Genebra, 30 de setembro de 1732 — Coppet, 9 de abril de 1804) foi um economista e político suíço do século XVIII. Necker foi em três ocasiões encarregado da economia da monarquia francesa pelos rei Luís XVI: em 1776, 1788 e 1789.

Anexo 5 - Ficha formativa utilizada na primeira aula de História

Nome: _____ Ano: _____

Turma: _____



Ficha de Trabalho

A revolução Francesa

1. Podemos apontar como uma das principais causas da Revolução Francesa:

A - As guerras de conquistas promovidas e comandadas por Napoleão Bonaparte.

B - A grande influência da burguesia e dos trabalhadores urbanos no sistema político da França.

C - As fraudes eleitorais que existiam na França durante as eleições para monarca e ministros.

D - A revolta de grande parte da população francesa (burguesia, camponeses e trabalhadores urbanos) gerada pelas injustiças sociais promovidas pela monarquia absolutista.

2. Sobre o contexto histórico da França pré-revolução, é verdadeiro afirmar que:

A - O clero e a nobreza possuíam muitos privilégios, entre eles a isenção tributária (não pagavam impostos).

B - A estrutura social da população francesa não era estratificada.

C - Havia igualdade de direitos, sendo que não havia camadas sociais privilegiadas.

D - Não havia pobreza, nem miséria, pois existia uma justa distribuição de renda.

3. Um dos fatos históricos mais importantes da Revolução Francesa foi:

A - A decretação de leis que garantiam igualdade de direitos na França em 1789.

B - A união do clero e da burguesia em prol da derrubada da monarquia e implantação da República.

C - A Queda da Bastilha (principal prisão política da monarquia francesa) em 14 de julho de 1789.

D - O apoio de Napoleão Bonaparte ao governo do monarca Luís XVI.

4. Durante o processo revolucionário quem eram os girondinos e o que defendiam?

A - Eram representantes da monarquia que queriam reestabelecer o regime monárquico na França.

B - Era um grupo político que representava a alta burguesia e queria evitar uma participação maior dos trabalhadores urbanos e rurais na política.

C - Eram representantes da baixa burguesia e defendiam uma maior participação popular no governo.

D - Eram integrantes do clero e defendiam maior participação da Igreja na política francesa.

5. Qual era o lema dos revolucionários franceses, que resumia muito bem os anseios do Terceiro Estado?

A - "Liberdade, Paz e Justiça".

B - "Paz, Pão e Terra".

C - "Liberdade, Igualdade e Fraternidade".

D - "Liberdade ainda que tardia".

6. Lê atentamente o texto que se segue.



“Artigo 6 - A lei é a expressão da vontade geral; todos os cidadãos têm o direito de concorrer, pessoalmente ou pelos seus representantes, à sua formação; ela deve ser a mesma para todos, quer seja protegendo, seja punindo. Todos os cidadãos, sendo iguais a seus olhos, são igualmente admissíveis a todas as dignidades, lugares e empregos públicos, segundo sua capacidade e sem outras distinções que as de suas virtudes e de seus talentos”.

("Declaração dos direitos do homem e do cidadão", 26 de agosto de 1789.)

6.1. Assinala a resposta correta.

O artigo acima estava diretamente relacionado aos ideais:

- a) Socialistas que fizeram parte da Revolução Mexicana.
- b) Capitalistas que fizeram parte da Independência dos EUA.
- c) Comunistas que fizeram parte da Revolução Russa.
- d) Iluministas que fizeram parte da Revolução Francesa.
- e) Anarquistas que fizeram parte da Inconfidência Mineira.

7. Descobre 6 palavras relacionadas com a Revolução Francesa.

L	I	B	E	R	D	A	D	E	C	V	I	B	R	N	D	R
B	K	A	G	F	B	N	M	U	I	G	G	R	T	Y	N	M
C	X	S	F	I	F	B	I	S	F	G	U	E	V	R	D	P
F	A	T	D	L	K	N	O	V	P	O	A	C	B	W	C	O
V	Z	I	E	J	F	U	Ã	X	Ç	I	L	V	A	Q	I	T
N	C	L	S	O	V	R	E	U	V	U	D	B	I	A	O	R
U	X	H	W	G	P	K	L	Q	S	Ç	A	M	O	Z	L	X
T	O	A	Z	F	Ç	S	O	L	M	M	D	N	L	X	J	Z
E	N	D	X	U	K	Q	P	G	Ç	L	E	T	N	C	R	Q
S	G	C	N	R	Q	W	A	D	K	P	V	Q	V	B	E	A
A	F	R	A	T	E	R	N	I	D	A	D	E	Q	T	S	E
V	D	U	I	W	T	L	Z	S	U	C	Z	S	C	V	S	S
C	W	I	L	Q	W	H	X	A	W	I	O	Y	Y	U	A	F
X	Q	O	M	A	E	O	R	E	V	Y	W	J	X	I	X	T
Z	N	U	N	A	T	P	Q	I	X	V	Q	S	L	R	C	U
M	H	O	M	Q	R	B	T	O	R	R	T	R	A	R	M	I
B	J	C	O	N	S	T	I	T	U	I	Ç	Ã	O	F	F	K
G	K	N	P	X	F	B	A	K	L	Ç	Q	A	U	I	B	X

Bom trabalho!

A professora: Patrícia Martins

ATA DO NÚCLEO DE ESTÁGIO

Ano Letivo
2012/2013

3ª Reunião

Aos vinte e quatro dias do mês de abril do ano dois mil e treze, pelas quinze horas, sob a presidência da professora cooperante de História, Marta Pinto, reuniu-se o núcleo abaixo indicado, com a presença dos seguintes elementos: ---

Nome	Assinatura
Marta Pinto	
Patrícia Martins	
Márcia Carvalhido	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:-----

Ponto único – Análise aula assistida-----

Assuntos tratados/Deliberações:-----

Deu-se início à reunião com a análise da aula assistida da estagiária Patrícia Martins.

A professora cooperante de História referiu que numa fase inicial da aula a professora estagiária se encontra nervosa, mas que com o decorrer da aula começou a sentir-se mais à vontade, o que contribuiu muito para que aula tivesse um bom desfecho.-----

Considerou ainda que a primeira aula do ponto de vista pedagógico correu dentro da normalidade tendo destacado que a planificação foi cumprida e a aula estava organizada por “momentos” que foram cumpridos.-----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.-----

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.

ATA DO NÚCLEO DE ESTÁGIO

Aos vinte e quatro dias do mês de maio do ano dois mil e treze, pelas catorze horas, sob a presidência da professora cooperante de História, Marta Pinto, reuniu-se o núcleo acima indicado, com a presença dos seguintes elementos:

Nome	Assinatura
Marta Pinto	
Patrícia Martins	
Márcia Carvalhido	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:

Ponto único – Análise do plano de aula e dos recursos para a aula assistida

Assuntos tratados/Deliberações:

Deu-se início à reunião com a apresentação à professora cooperante do plano de aula, respetivas estratégias de aprendizagem e recursos didáticos elaborados pela estagiária Patrícia Martins.-----

Seguidamente a professora cooperante de História, Marta Pinto, sugeriu algumas formas de encadeamento das estratégias de ensino e aprendizagem, bem como analisou o Power Point a ficha de trabalho e o vídeo a serem utilizados na aula, tendo feito algumas recomendações relativamente à estrutura dos recursos. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.

Anexo 8 - Plano de aula (2ª aula de História)

PLANO DE AULA

Disciplina: História

Unidade: G- O Arranque da Revolução Industrial e o Triunfo das Revoluções Liberais

Subunidade: As revoluções Liberais

N.º de blocos (45') previstos: 2 LIÇÕES N.º ____ Ano:8º

Turma: A DATAS: 28 de maio de 2013

Professor observado: Patrícia Martins

Professor Cooperante: Dr.ª Marta Pinto

Conceito-chave e situação-problema / desafio

Situação problema – Caracterizar a reação absolutista e a Guerra Civil em Portugal. Perceber o triunfo do liberalismo.

Questão Estruturante – Como se processou a reação absolutista e a guerra civil? De que forma triunfou o liberalismo?

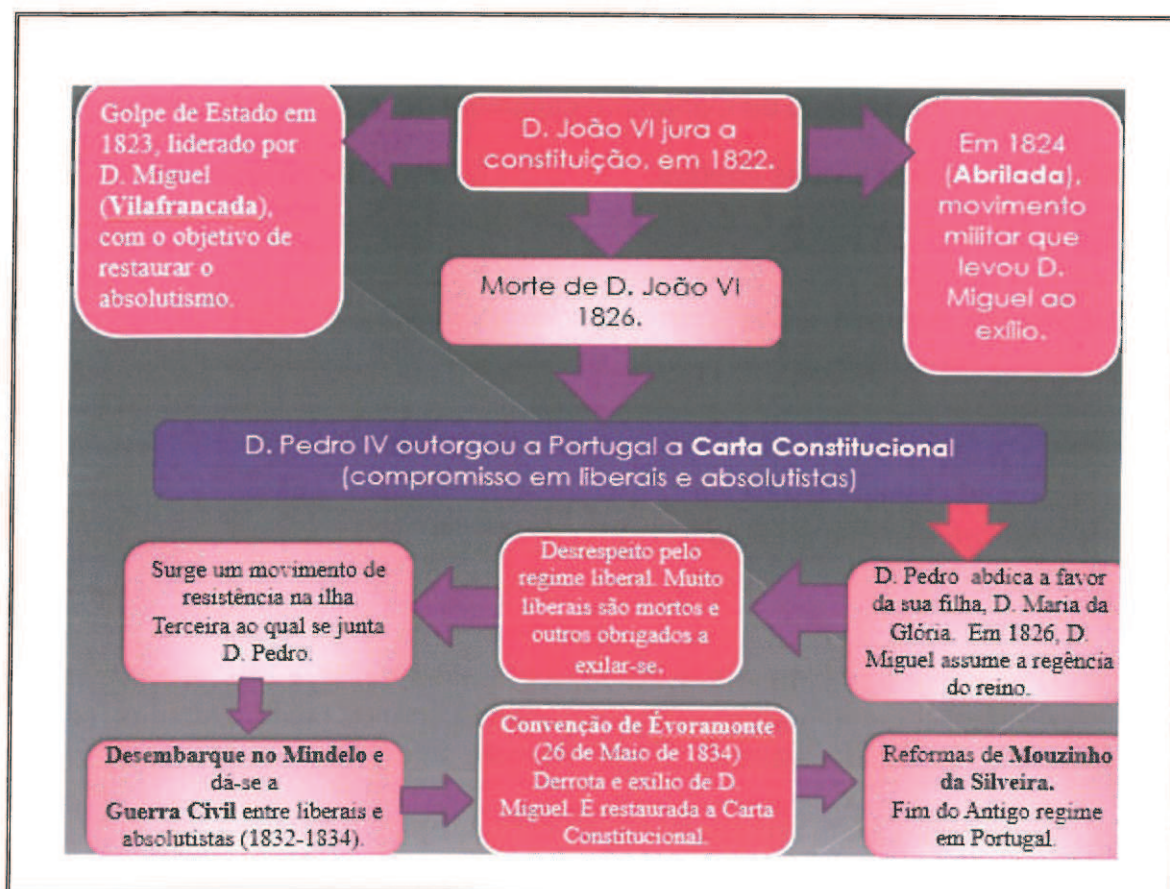
Conceitos-Chave: reação absolutista, guerra civil, monarquia constitucional, instituições liberais

Metas de aprendizagem a desenvolver na aula

- Descrever as principais alterações políticas ocorridas em Portugal entre a Revolução de 1820 e o fim da Guerra Civil em 1834.

- Explicar a conflitualidade político-militar, no seio do liberalismo português

Esquema conceptual para a aula



Informação nova / conteúdos

<p>Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)</p>	<p>Aferir os conhecimentos que os alunos têm sobre Revolução Liberal Portuguesa, recolhidas através das questões orientadoras colocadas, de forma verbal, no início da aula (motivação inicial)</p>
<p>Conceitos novos</p>	<p>Vila-Francada Abrilada Carta constitucional Cartistas Vintistas Poder moderador</p>

Objetivos de aprendizagem

- Indicar a reação absolutista ao movimento liberal em Portugal
- Conhecer como se processou a Guerra Civil
- Reconhecer a importância da Carta Constitucional de 1826
- Indicar quais as instituições liberais

Sequenciação a dar às aulas: Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos / métodos / estratégias

Método Interrogativo, Método Expositivo Dedutivo, Método Ativo

1º momento

- Transcrição do sumário da aula

2.º momento

– Questões orientadoras para aferir os conhecimentos prévios dos alunos sobre a revolução liberal portuguesa, relacionando com os locais visitados, na visita na visita de estudo realizada em 22 de maio de 2013, nomeadamente:

Quais os locais que visitaram relacionados com a reação absolutista de D. Miguel?

E quais os locais relacionados com D. Pedro?

3.º momento

- Apresentação de PowerPoint-síntese e de documentário sobre as causas da reação absolutista e a Guerra Civil portuguesa

4º momento

Análise de PowerPoint sobre a origem da Carta Constitucional de 1826

5º momento

Análise de artigos da Carta Constitucional, com o objetivo de retirar as ideias fundamentais e indicar as diferenças relativamente à Constituição de 1822, nomeadamente a importância do poder moderador.

6.º momento

- Visualização de PowerPoint e de documentário sobre o desembarque de D. Pedro em Portugal e sobre a guerra civil, relacionando com os locais visitados que representam a importância da cidade do Porto nesta época.

7º momento

Esquema síntese em PowerPoint sobre as instituições liberais e sobre a

legislação liberal mais significativa

8º

- Transcrição de resumo/síntese sobre a matéria dada

9º momento

- Elaboração de ficha de trabalho sobre a matéria dada

10º momento

Correção da ficha de trabalho sobre a matéria dada (pedirei a vários alunos para virem ao quadro fazer a correção das perguntas)

Recursos / Fontes

- Caderno diário/ Manual;
- Quadro;
- Computador/ Videoprojector;
- Documentário
- Ficha Formativa

Avaliação intercalar

Questões verbais colocadas aos alunos sobre os conteúdos lecionados

Diferenciação pedagógica

Questões diretas colocadas aos alunos que revelam mais dificuldades, questões que implicam relacionar conteúdos colocadas aos restantes alunos

Avaliação final

Ficha de trabalho/formativa

Sumário

Reação absolutista à Revolução Liberal de 1820 e Guerra Civil. A Carta Constitucional de 1826. O triunfo da Monarquia Constitucional.

Anexo 9 - Powerpoint utilizado na segunda aula de história.


Revolução Liberal Portuguesa

Reação Absolutista
Guerra Civil Portuguesa



Caricatura de Honoré Daumier: D. Miguel e D. Pedro

- Por trás de D. Pedro está John Bull, um Burguês com Cartola, Gordo e Alto, representando a Inglaterra, com o seu poder financeiro.
- Por trás de D. Miguel, está um Guarda Imperial da Áustria, Potência da Santa Aliança, da qual Portugal fazia parte e que pretendia assegurar o status quo absolutista na Europa, com a liderança do Chanceler Príncipe de Metternich



1820 – Triunfo dos Liberais

Absolutistas	Liberais
Nobreza, Clero, D. Carlota Joaquina e D. Miguel	Burgueses, comerciantes, juizes, advogados, médicos, proprietários.
Absolutismo Régio	Monarquia Liberal ou Constitucional

Reação Absolutista





Tanto D. Miguel como a sua mãe a rainha Carlota Joaquina, ao contrário do seu marido, D. João VI, não jurou a Constituição de 1822.

Reação Absolutista

Dirigiu 2 levantamentos militares para repor o absolutismo:

- Vila-Francada (1823)
- Abrilada (1824)



Vila- Francada

*Português:

É tempo de quebrar o feroz jugo em que viveamos (...) A força dos males nacionais, si não breves, não se deixa escolher (...)

Em lugar das primeiras direitas nacionais que nos promettemos recuperar em 24 de agosto de 1820, dizem-se a nos roubar e a nos reduzir a um mero fantasma (...) a nobreza (...) a qual dizem a nosso glória nos terras de África e nos muros de Aveu, reduzida ao abetimento e despojada do brilho que outrora ostentava de seculos em seculo e em seus muros, objeto de verga e de escárnio (...)

Acto-se no meio de côrtes e breves portuguezas, decidida como eu a morrer ou a restituir a Sua Magestade a sua liberdade e soberania (...)

Não tentem, aristocratas e caballos de todos os côrtes, vinda acausar a causa da religião, da justiça e de vosso padre e por isso não temer o vosso mal, sendo depois de Sua Magestade em restituido a sua soberania."

Proclamação de D. Miguel, Vila Franca, em 27 de maio de 1823 (Integração)

Vila-Francada

Ao analisarmos o discurso de D. Miguel podemos concluir que a contrarrevolução absolutista foi uma reação ao radicalismo da Constituição de 1822 e à perda de privilégios que esta estabelecia. Com o apoio do Clero, da Nobreza e de D. Carlota Joaquina, a 27 de Maio de 1823, D. Miguel revolta-se em Vila Franca de Xira com o objetivo de restabelecer o absolutismo.

As Cortes cedem à pressão dos revolucionários e o rei propôs-se a modificar a Constituição. Nomeou D. Miguel comandante-chefe do Exército e constituiu um novo Ministério. As Cortes liberais foram dissolvidas no dia 3 de Junho.

D João VI morre (1826) D. Pedro, o seu filho mais velho, foi aclamado rei de Portugal

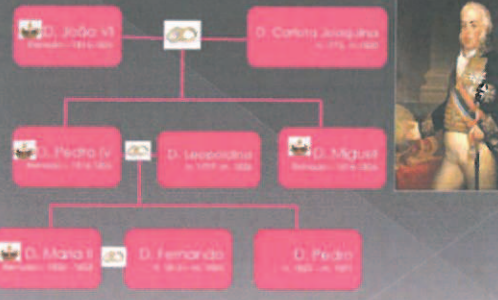
Como D. Pedro era imperador do Brasil... se subisse ao trono os dois reinos voltariam a ficar unidos....

... situação que não agradava nem a Portugal nem ao Brasil



D. Pedro decidiu, então, abdicar do trono de Portugal a favor de sua filha, D. Maria da Glória, que à data tinha sete anos de idade.

Descendência de D. João VI



D. Miguel estava, entretanto, exilado na Áustria ... por ter organizado revoltas contra a Monarquia liberal

D. Pedro decidiu, então, que D. Miguel poderia regressar a Portugal ..



EM QUE CONDIÇÕES?

- ▶ que aceitasse casar com a sobrinha, a infanta D. Maria
- ▶ e governasse, como regente, de acordo com as ideias liberais



Antes de abdicar do trono Português D. Pedro, outorga a Carta Constitucional e



D. Miguel tinha que jurar a Carta Constitucional e assim assumisse a Regência de Portugal.



A importância da Cidade do Porto durante a Guerra Civil (1832-1834)

O Título de Invicta Cidade do Porto foi atribuído à cidade por D. Maria II, pela coragem com que suportou o cerco das tropas miguelistas durante a Guerra Civil.



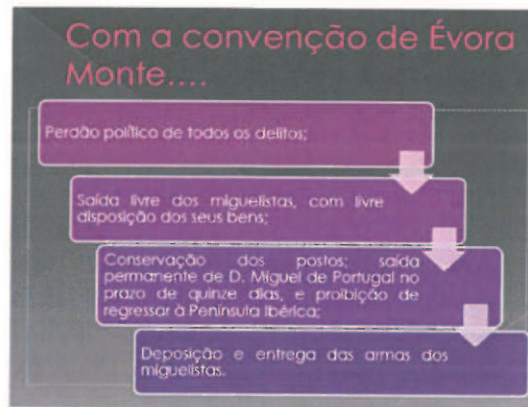
Na Igreja da Lapa está o coração de D. Pedro IV, que o ofereceu à população da cidade em homenagem ao contributo dado pelos seus habitantes à causa liberal.



O arcaz Murtosa Soares dos Reis durante a guerra civil liberal foi a residência e quartel de D. Pedro IV, sendo conhecido então como Palácio das Carrancas.



A Praça da Liberdade designou-se em 1834 Praça D. Pedro IV.

- ### Reformas de Mouzinho da Silveira:
- Abolição dos morgadios, da dizima e direitos senhoriais;
 - Proteção do comércio e da indústria, através da extinção de monopólios;
 - Reforma da administração pública dividindo o país em províncias, comarcas e concelhos.



Anexo 10 - Ficha formativa utilizada na primeira aula de História

Nome: _____ Ano: _____

Turma: _____



Ficha de Trabalho

1. Define o novo regime político de Portugal (monarquia constitucional), estabelecido pela Constituição de 1822.

___ Regime político que vigorou em quase toda a Europa, entre os séculos XVI e XVIII (Antigo Regime), em que o rei detinha os poderes legislativo, executivo e judicial.

___ Forma de governo em que o Presidente é eleito pelos cidadãos ou seus representantes, tendo a sua chefia uma duração limitada.

___ Regime político, que reconhece o monarca como chefe de Estado, mas com poderes limitados por uma Constituição (conjunto de leis fundamentais).



2. Ordena os acontecimentos desde 1820 até 1832.

___ Constituição Portuguesa de 1822.

___ Morte de D. João VI.

___ Revolução Liberal Portuguesa.

___ Restauração do absolutismo em Portugal.

___ Carta Constitucional de 1826.

3. Quais são as frases verdadeiras?

___ A guerra civil portuguesa foi travada entre liberais e absolutistas.

___ A guerra civil decorreu entre 1830 e 1832.

___ Durante a guerra civil, no Porto, os liberais foram cercados pelos absolutistas.

___ As batalhas de Asseiceira e Almoester foram ganhas pelos miguelistas.

___ Pela Convenção de Évora-Monte, D. Miguel foi expulso do reino.

4. Indica quais eram os grupos da população que defendiam a monarquia liberal.

5. Indica quais eram os grupos da população que defendiam a monarquia absoluta.

6. Em 1826, D. Miguel começou a governar Portugal. Indica o que fez ele para o conseguir.

7. Lê o texto e responde:

“... A única cidade portuguesa que se manteve sempre liberal foi Angra, capital da ilha Terceira. Certo dia chegou um navio com ideias assustadoras: uma armada ao serviço de D. Miguel já dominara a Madeira ...”

Ana Magalhães e Isabel Alçada, “Um trono para dois irmãos”

(adaptado)



7.1 Indica onde se situava a cidade de Angra.

7.2 Indica qual foi a importância desta cidade.

8. Descobre as 7 palavras relacionadas com o Liberalismo Português.

L	I	B	E	R	A	L	I	S	M	O	I	B	R	N	D	R
B	K	A	G	F	B	N	M	U	I	G	G	R	T	Y	N	M
C	X	N	F	I	F	B	I	S	F	G	U	E	V	R	D	G
F	A	G	D	L	K	N	O	V	P	O	A	C	B	W	C	U
V	Z	R	E	J	F	U	Ã	X	Ç	I	B	V	A	Q	I	E
N	C	A	S	O	V	R	E	U	V	U	S	B	I	A	O	R
U	X	D	W	G	P	K	L	Q	S	Ç	L	M	O	Z	L	R
T	O	O	Z	F	Ç	S	O	L	M	M	U	N	L	X	J	A
E	N	H	X	U	K	Q	P	G	Ç	L	T	T	N	C	R	C
S	G	I	N	R	Q	W	A	D	K	P	I	Q	V	B	E	I
D	P	R	D	R	O	M	N	I	S	A	S	E	Q	T	S	V
V	D	O	I	W	T	L	Z	S	U	C	M	S	C	V	S	I
C	W	I	L	Q	W	H	X	A	W	I	O	Y	Y	U	A	L
X	Q	S	M	A	E	O	R	E	V	Y	W	J	X	I	X	T
Z	N	M	N	A	T	P	Q	I	X	V	Q	S	L	R	C	U
M	H	O	M	Q	R	B	T	O	R	R	T	R	A	R	M	I
B	J	C	O	N	S	T	I	T	U	I	Ç	Ã	O	F	F	K
G	K	N	D	M	I	G	U	E	L	Ç	Q	A	U	I	B	X

- Liberalismo
- Absolutismo
- D. Miguel
- D. Pedro
- Constituição
- Angra do Heroísmo
- Guerra Civil



Bom trabalho!

A professora: Patrícia Martins

Anexo 11 - Atividade de avaliação formativa de História

Nome: _____ Ano: _____

Turma: _____



Ficha de Trabalho

1. Define o novo regime político de Portugal (monarquia constitucional), estabelecido pela Constituição de 1822.

___ Regime político que vigorou em quase toda a Europa, entre os séculos XVI e XVIII (Antigo Regime), em que o rei detinha os poderes legislativo, executivo e judicial.

___ Forma de governo em que o Presidente é eleito pelos cidadãos ou seus representantes, tendo a sua chefia uma duração limitada.

___ Regime político, que reconhece o monarca como chefe de Estado, mas com poderes limitados por uma Constituição (conjunto de leis fundamentais).



2. Ordena os acontecimentos desde 1820 até 1832.

___ Constituição Portuguesa de 1822.
___ Morte de D. João VI.
___ Revolução Liberal Portuguesa.
___ Restauração do absolutismo em Portugal.
___ Carta Constitucional de 1826.

3. Quais são as frases verdadeiras?

___ A guerra civil portuguesa foi travada entre liberais e absolutistas.
___ A guerra civil decorreu entre 1830 e 1832.
___ Durante a guerra civil, no Porto, os liberais foram cercados pelos absolutistas.
___ As batalhas de Asseiceira e Almoester foram ganhas pelos miguelistas.
___ Pela Convenção de Évora-Monte, D. Miguel foi expulso do reino.

4. Indica quais eram os grupos da população que defendiam a monarquia liberal.

5. Indica quais eram os grupos da população que defendiam a monarquia absoluta.

6. Em 1826, D. Miguel começou a governar Portugal. Indica o que fez ele para o conseguir.

7. Lê o texto e responde:

“... A única cidade portuguesa que se manteve sempre liberal foi Angra, capital da ilha Terceira. Certo dia chegou um navio com ideias assustadoras: uma armada ao serviço de D. Miguel já dominara a Madeira ...”

Ana Magalhães e Isabel Alçada, “Um trono para dois irmãos”

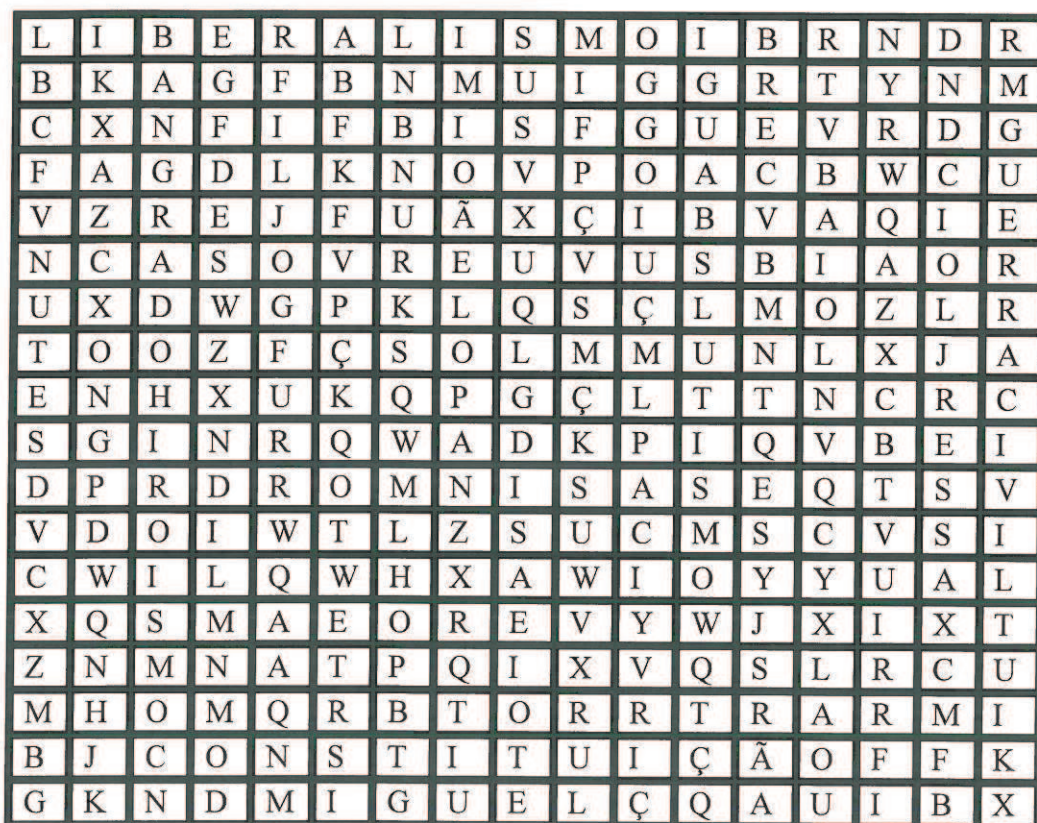
(adaptado)



7.1 Indica onde se situava a cidade de Angra.

7.2 Indica qual foi a importância desta cidade.

8. Descubra as 7 palavras relacionadas com o Liberalismo Português.



- Liberalismo
- Absolutismo
- D. Miguel
- D. Pedro
- Constituição
- Angra do Heroísmo
- Guerra Civil



Bom trabalho!

A professora: Patrícia Martins

ATA DO NÚCLEO DE ESTÁGIO

Ano Letivo
2012/2013

5ª Reunião

Ao dia seis dia do mês de maio do ano dois mil e treze, pelas dezoito horas, sob a orientação da professora cooperante de História, Marta Pinto, reuniu-se o núcleo abaixo indicado, com a presença dos seguintes elementos:

Nome	Assinatura
Marta Pinto	
Patrícia Martins	
Márcia Carvalhido	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:

Ponto único – Análise da aula assistida.

Assuntos tratados/Deliberações:

Deu-se início à reunião com a análise da aula assistida da estagiária Patrícia Martins.

A professora cooperante de História referiu que a professora estagiária já se encontrava mais à vontade nesta segunda aula, na gestão da aula, na análise dos documentos e imagens e isso refletiu-se na interação com os alunos e na participação destes. Referiu o facto da professora estagiária colocar sempre questões ao longo da aula sobre o que estava a ser lecionado. Ainda referiu que houve uma grande evolução por parte da professora estagiária de uma aula para a outra.-----

Considerou ainda que a primeira aula do ponto de vista pedagógico correu dentro da normalidade tendo destacado que a planificação foi cumprida e a aula estava organizada por “momentos” que foram cumpridos.-----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.-----

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.

ATA DO NÚCLEO DE ESTÁGIO

Ano Letivo 2012/2013

6ª Reunião

Aos doze dias do mês de abril do ano dois mil e treze, pelas doze horas, sob a presidência da professora cooperante de Geografia, Elza Mesquita, reuniu-se o núcleo acima indicado, com a presença dos seguintes elementos:

Nome	Assinatura
Elza Mesquita	
Patrícia Martins	
Márcia Carvalhido	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:

Ponto único – Análise do plano de aula e dos recursos para a aula assistida

Assuntos tratados/Deliberações:

Deu-se início à reunião com a apresentação à professora cooperante do plano de aula, respetivas estratégias de aprendizagem e recursos didáticos elaborados pela estagiária Patrícia Martins.-----

Seguidamente a professora cooperante de Geografia, Elza Mesquita, observou o plano de aula, o power point e a ficha de trabalho. Depois de analisar os materiais sugeriu pequenas sugestões como formas de encadeamento das estratégias de ensino e aprendizagem, bem como analisou o PowerPoint recomendando algumas alterações de forma a simplificar alguns conteúdos, e ainda aconselhou algumas modificações na ficha de trabalho a ser utilizada na aula. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ___ de _____ de dois mil e treze.

Anexo 14 - Plano da primeira e segunda aula de Geografia.

PLANO DE AULA

Disciplina – Geografia

Unidade 1.13\1.14- A população

N.º de blocos (45') previstos: 2

Ano- 8 Turma_A

DATAS: 16 e 19 de Abril de 2013

Professora observada: Patrícia Martins

Professor cooperante: Elza Mesquita

Conceito- chave e Situação-problema/ Desafio

Os principais contrastes na estrutura etária da população.

Metas aprendizagem a desenvolver na aula

I. Tratamento de Informação/utilização de fontes

Analisar e compreender as fontes fornecidas.

II. Compreensão Geográfica

Temporalidade

Identificar as áreas geográficas.

Espacialidade

Localizar os Países desenvolvidos e em desenvolvimento.

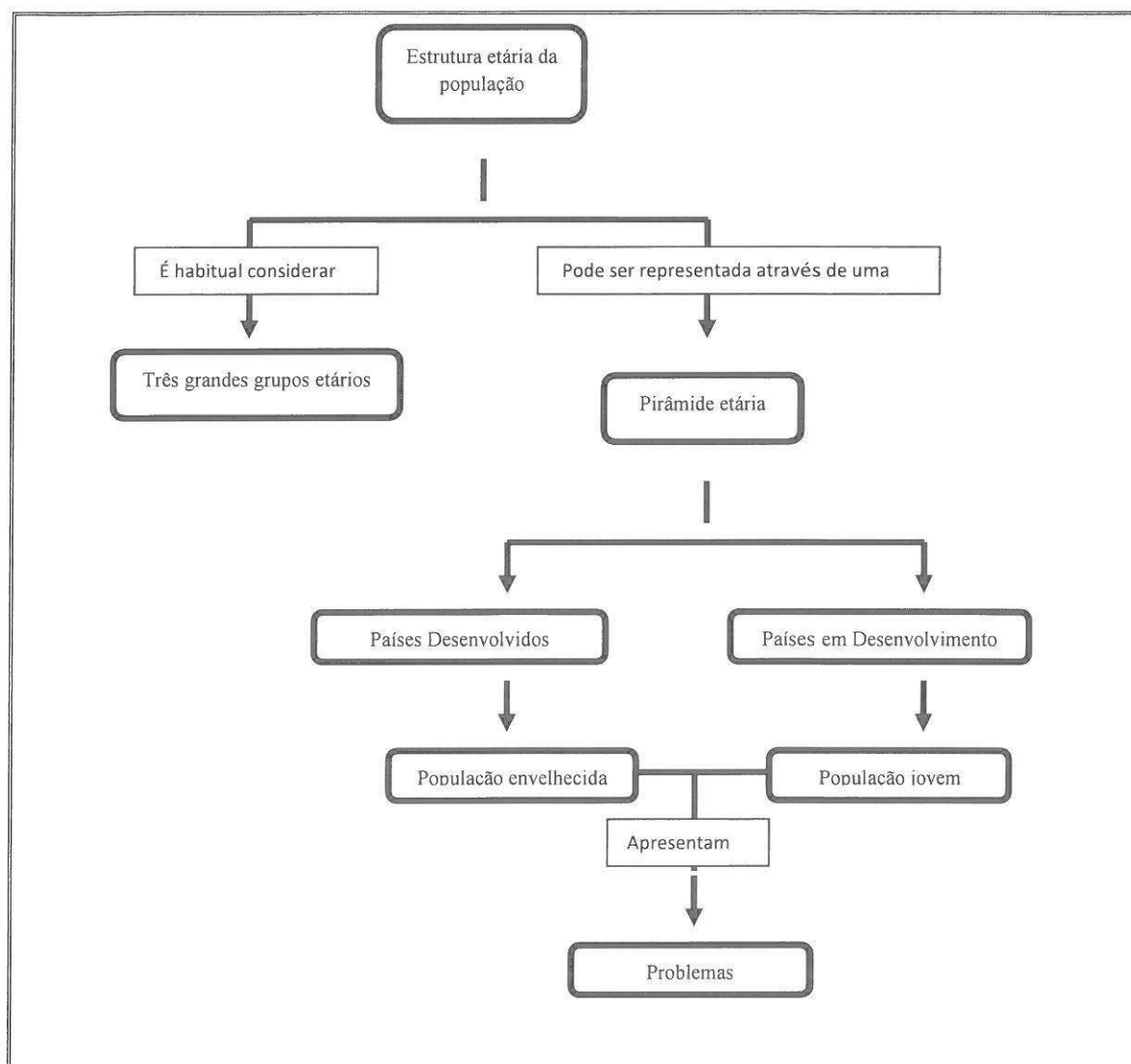
Contextualização

Explicar o que é estrutura etária da população.

III. Comunicação em Geografia

Utilizar o vocabulário específico da disciplina.

Esquema conceptual para a unidade letiva



Informação nova / conteúdos

<p>Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)</p>	<p>Utilização da ferramenta Brainstorming para aferir as ideias prévias dos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como a população se organiza.
<p>Conceitos novos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estrutura etária - Pirâmide de população - Fluxos migratórios - Classes ocas - Estrutura etária envelhecida

	<ul style="list-style-type: none"> - Estrutura etária adulta - Estrutura etária jovem
--	---

Objetivos de aprendizagem

- Definir o conceito estrutura etária;
- Identificar os três grupos da estrutura etária;
- Relacionar estrutura etária com pirâmides etária;
- Identificar os quatro tipos de pirâmides etárias;
- Distinguir estrutura etária envelhecida, adulta e jovem;
- Desenvolver o envelhecimento da população em Portugal;
- Desenvolver e consolidar atitudes facilitadoras de trabalho cooperativo no seio do grupo.

Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos: Métodos

Expositivo/Dedutivo:

Revisão da matéria anterior; (Identificação das ideias prévias, Brainstorming).

Apresentação de material novo; (Power point).

Prática controlada; (Realização de um pequeno resumo escrito (ou esquema) sobre a matéria lecionada).

Prática independente; (Colocação de questões abertas para aferir a compreensão dos conteúdos).

Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos: Estratégias /tarefas

Estratégias cognitivas:

Contextualização (Identificação dos países a serem lecionados);

Relação da informação nova com elementos visuais (power point: imagens, mapas e documentos escritos para análise);

Uso de glossário/conceitos;

Registo de notas (professor no quadro/aluno no caderno diário);

A relação da informação nova com os conceitos prévios (elaboração de esquemas no quadro/caderno);

Síntese (cada aluno elabora em cinco linhas um resumo ou com uma ficha).

Recursos / Fontes

- Computador;
- Quadro interativo;
- Quadro;
- Manual.

Avaliação intercalar

Durante a aula vou resolver um exercício e uma ficha.

Diferenciação pedagógica

Dar uma ficha diferenciada, isto é, as fichas dadas aos alunos não vão ser iguais na sua resolução. Uma serão de desenvolvimentos e outras não serão tanto de desenvolvimento e sim de escolha múltipla ou de verdadeiro e falso. (Faço a diferenciação através da notas no 2º período).

Avaliação final

Sumativa: realização de uma ficha sobre a matéria dada.

Vai ser contemplado no teste da disciplina uma questão sobre a matéria dada.

Sumários

O que é a estrutura etária da população.

Realização de uma ficha de trabalho.

Quais são os principais contrastes na estrutura etária da população.

Realização de uma ficha de trabalho.

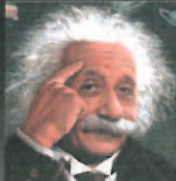
Estrutura etária da população



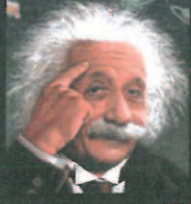
O que é estrutura etária?

↓

- É a distribuição da população por sexo e idade (Grupos etários).



Porquê que a estrutura etária é importante?



Porquê que a estrutura etária é importante?


- Dela dependem decisões estratégicas e políticas com grandes implicações sociais.

↓

- Planeamento de equipamentos coletivos, como escolas, creches e lares para idosos, entre outros.
- Medidas para criação de emprego
- Construção de habitações.
- Alteração da idade de reforma.


Para se caracterizar a estrutura etária consideram-se três grupos etários.

- Jovens – dos 0 aos 14 anos
- Adultos – dos 15 aos 64 anos
- Idosos – com mais de 65 anos



O que é uma Pirâmide Etária?


- É um gráfico de barras horizontais que representa a repartição da população por sexo e classes etárias.



Grupo de indivíduos cujas idades se inserem em intervalos, geralmente de 5 em 5 anos.

Adaptado de SARTO, Fernando - Trabalho em Geografia, Lisboa Public, Edição 1998

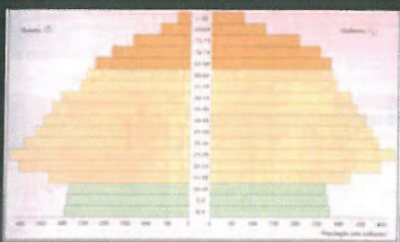
Para que servem?



- Permitem a comparação entre países em que as populações têm características diferentes;
- Permite prever o comportamento futuro da população (crescimento natural, taxa de natalidade, taxa de mortalidade, taxa de mortalidade infantil e esperança média de vida);
- Permite prever as necessidades futuras da população (lares de idosos, creches, etc.)

Como se representa?

- Pirâmide Etária da População Portuguesa, em 2001

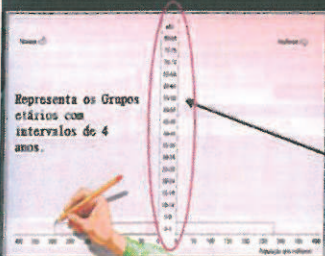


Adaptado de SANTOS, Fernando - Trabalhar em Geografia, Auxiliar Público, Edição Ape

Grupos etários	Homens (em milhares)	Mulheres (em milhares)
0-4	296	278
5-9	291	276
10-14	286	274
15-19	338	325
20-24	404	395
25-29	434	430
30-34	394	391
35-39	366	377
40-44	349	361
45-49	324	343
50-54	305	327
55-59	263	296
60-64	247	286
65-69	227	282
70-74	187	255
75-79	134	203
80-84	70	123
> 85	32	77
Total	4944	5299

- Organizam-se os dados demográficos numa tabela, separando a população por sexo e grupos de idades de 4 anos.

Como se constroem?

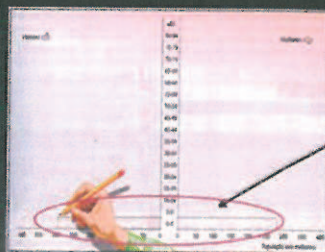


Representa os Grupos etários com intervalos de 4 anos.

2. Em papel milimétrico, traça duas linhas verticais separadas entre si por 1cm, e marca os grupos etários.

Adaptado de SANTOS, Fernando - Trabalhar em Geografia, Auxiliar Público, Edição Ape

Como se constroem?



3. Traça duas linhas horizontais, perpendiculares ao eixo que representa as idades

Adaptado de SANTOS, Fernando - Trabalhar em Geografia, Auxiliar Público, Edição Ape

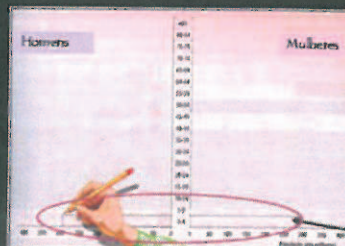
Como se constroem?



4. Coloca do lado Esquerdo os Homens e do lado direito as Mulheres

Adaptado de SANTOS, Fernando - Trabalhar em Geografia, Auxiliar Público, Edição Ape

Como se constroem?

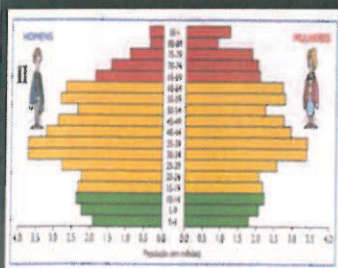


Representa a População em milhares.

- Constroem-se as barras que correspondem ao valor da população em milhares para cada grupo etário e sexo.

Adaptado de SANTOS, Fernando - Trabalhar em Geografia, Auxiliar Público, Edição Ape

O resultado final.... da construção!!



6. Pintamos de cor diferente, os grupos etários relativos à população jovem (<14 anos), adulta (15-64 anos) e idosa (>65 anos).

Como se analisa?

A pirâmide etária dá-nos um conjunto de informações sobre a população que representa.

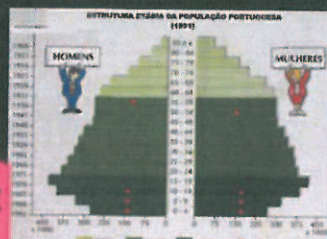
• Grupos Etários:

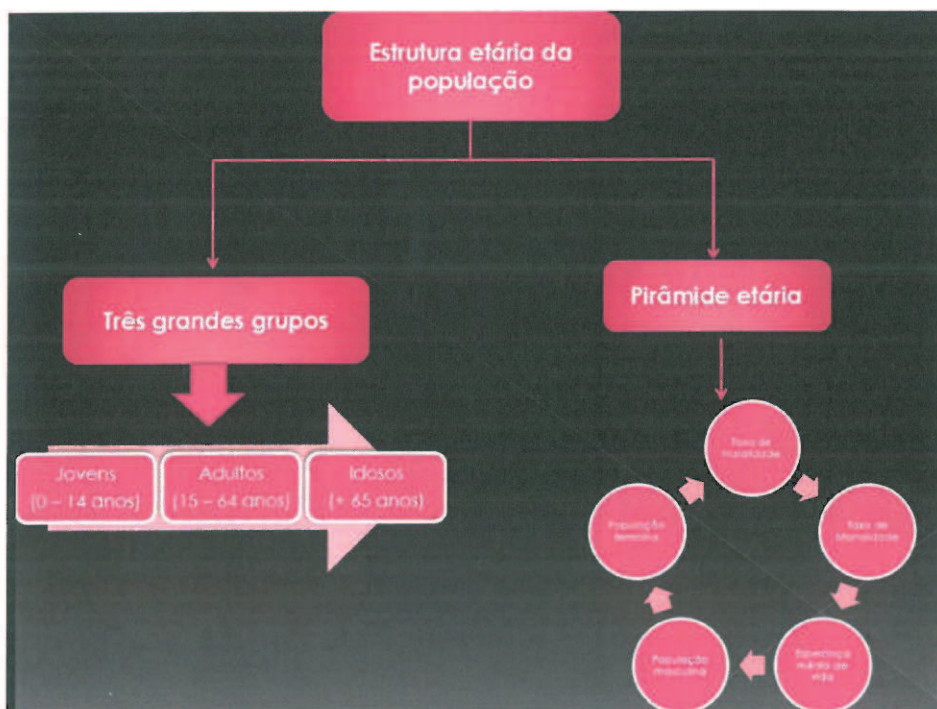
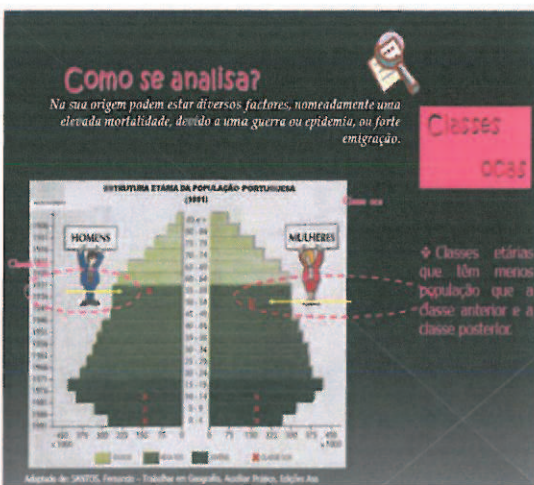
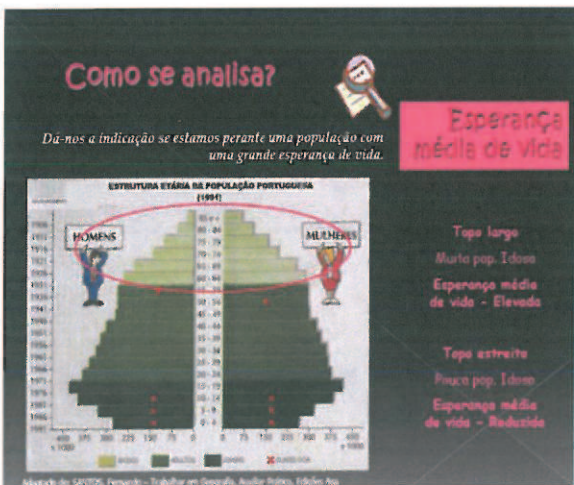
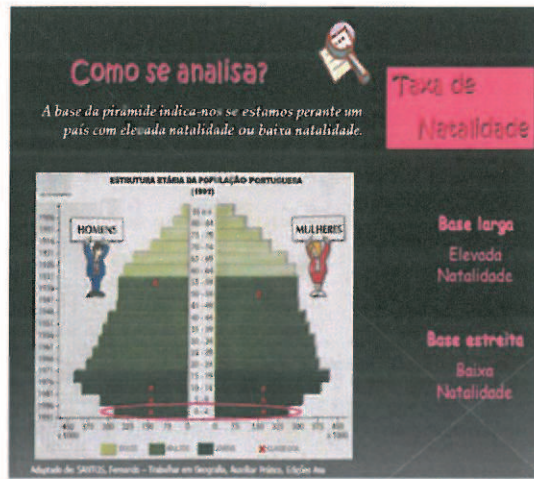
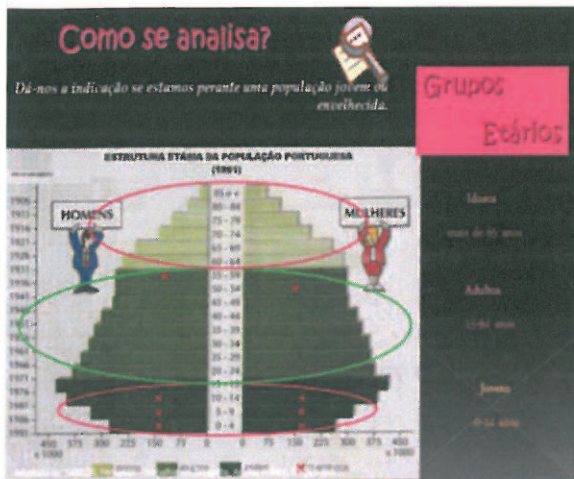
• Taxa de Natalidade:

• Esperança média de vida:

• Classes etárias:

Classe seca - classe etária com menor número de indivíduos do que as classes etárias seguintes.





ATA DO NÚCLEO DE ESTÁGIO

Aos dezasseis dias do mês de abril do ano dois mil e treze, pelas dezassete horas, sob a presidência da professora cooperante de Geografia, Elza Mesquita, reuniu-se o núcleo abaixo indicado, com a presença dos seguintes elementos: -----

Nome	Assinatura
Elza Mesquita	
Patrícia Martins	
Márcia Carvalhido	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:-----

Ponto único – Análise aula assistida-----

Assuntos tratados/Deliberações:-----

Deu-se início à reunião com a análise da aula assistida da estagiária Patrícia Martins.

A professora cooperante de Geografia, considerou esta aula do ponto de vista pedagógico foi bom, dado que o tipo de alunos a nível de comportamento eram bons e não houve problemas de controlo em contexto sala de aula. Ainda destacou que o plano de aula foi cumprido corretamente. A professora cooperante de Geografia referiu que a estagiário no início da aula encontrava-se um pouco nervosa e que poderia ter dado a aula mais calmamente, referiu ainda que aula estava bem estrutura e que seguiu uma linha condutora do início ao fim da aula. Em conclusão referiu que os recursos estavam bem construídos. Ainda referiu que o plano foi cumprido e houve um bom feedback por parte dos alunos. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.-----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.-----

-

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.

ATA DO NÚCLEO DE ESTÁGIO

Ano Letivo
2012/2013

8ª Reunião

Aos dezoito dias do mês de abril do ano dois mil e treze, pelas dezassete horas, sob a presidência da professora cooperante de Geografia, Elza Mesquita, reuniu-se o núcleo acima indicado, com a presença dos seguintes elementos:

Nome	Assinatura
Elza Mesquita	
Patrícia Martins	
Márcia Carvalhido	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:

Ponto único – Análise do plano de aula e dos recursos para a aula assistida

Assuntos tratados/Deliberações:

Deu-se início à reunião com a apresentação à professora cooperante do plano de aula, respetivas estratégias de aprendizagem e recursos didáticos elaborados pela estagiária Patrícia Martins.-----

Seguidamente a professora cooperante de Geografia, Elza Mesquita, observou o plano de aula e o power point. Depois de analisar os materiais sugeriu pequenas sugestões no PowerPoint recomendando algumas pistas na análise dos mapas e sugeriu a utilização de algumas imagens de forma a tornar a aula mais dinâmica, no sentido dos alunos participarem mais na aula e desconstruírem alguns conteúdos. -----

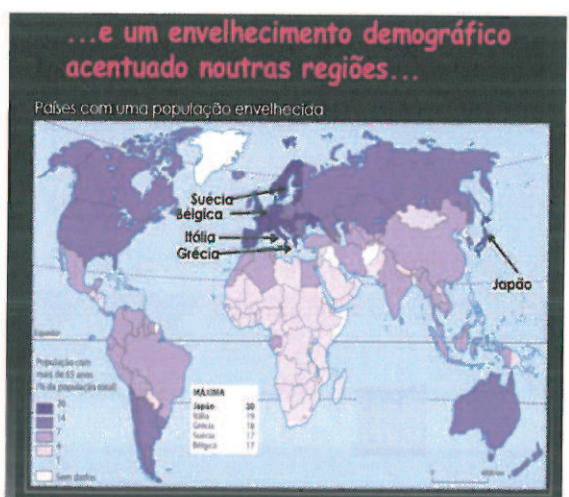
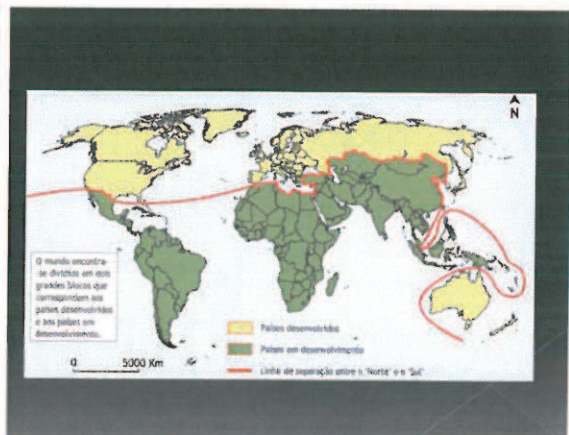
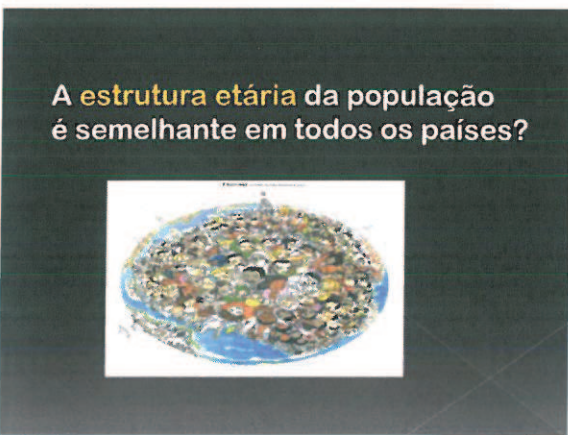
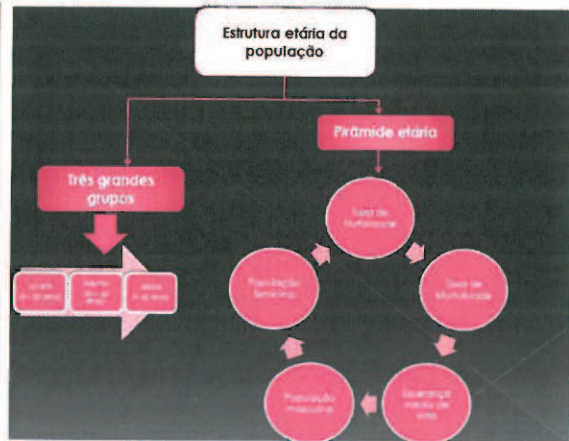
E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.-----

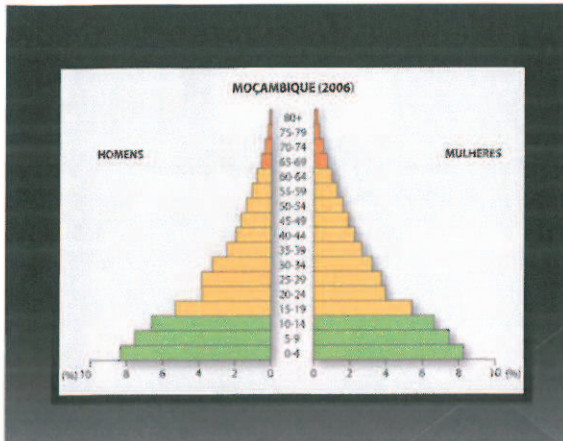
A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ____ de _____ de dois mil e treze.

Anexo 18 - Power Point utilizado na segunda aula de Geografia.





Pirâmide jovem ou crescente

MOÇAMBIQUE (2006)

HOMENS | MULHERES

Base é larga

TN é elevada

Muitos jovens

Topo é estreito

Poucos adultos e idosos

TM elevada

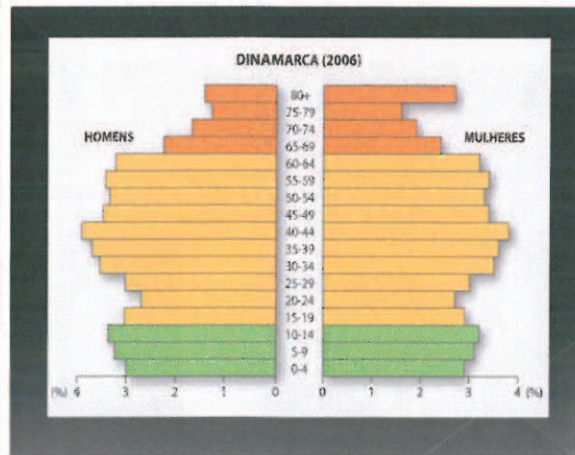
EMV reduzida

Aumento da população

Conclusão:

Predomínio de uma população jovem

É típica de um País em Desenvolvimento



Pirâmide idosa ou decrescente

DINAMARCA (2006)

HOMENS | MULHERES

Base é estreita

TN é reduzida

Poucos jovens

Topo é largo

Muitos adultos e idosos

TM reduzida

EMV elevada

Diminuição da população

Conclusão

Predomínio de uma população adulta e idosa.

É típica dos Países Desenvolvidos.

Pirâmide rejuvenescente

- Esta pirâmide reflete o facto do país estar envelhecido
- é necessário aumentar a população jovem;
- Criam-se medidas de incentivo à natalidade.
 - Aumento das regalias sociais (abono de família, redução de impostos, aumento da licença de maternidade)

Contrastes da estrutura etária

Pirâmide idosa ou decrescente

População envelhecida

Pirâmide jovem ou crescente

População jovem e em crescimento

A pirâmide apresenta:

- Base estreita (reduzida natalidade);
- Topo largo (reduzida mortalidade);
- Predomínio das classes etárias dos adultos e dos idosos;
- Reduzida percentagem de jovens;
- Elevada esperança média de vida;
- Diminuição da população;

A pirâmide apresenta:

- Base bastante larga (elevada natalidade);
- Topo muito estreito (elevada mortalidade);
- Predomínio de população jovem;
- Reduzida percentagem de população idosa;
- Baixa esperança média de vida;
- Aumento da população jovem;



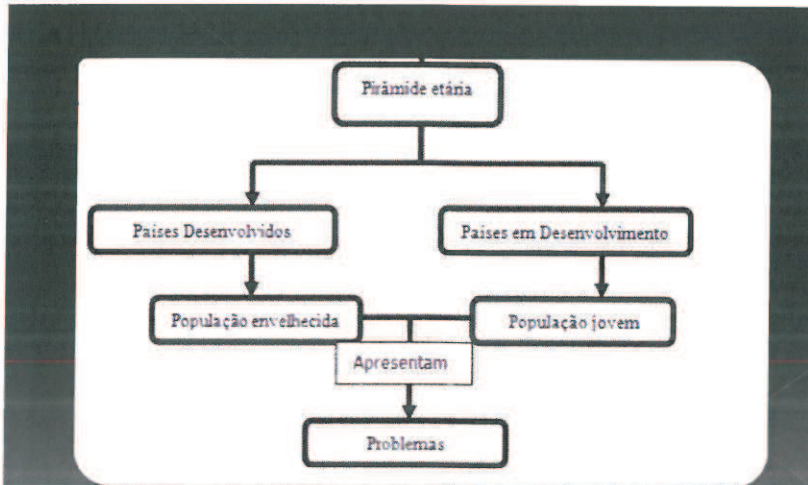
Consequências de uma estrutura etária envelhecida

- Diminuição da população ativa;
- Aumento dos encargos da segurança social (pagamento de pensões e reformas);
- Aumento dos gastos com a saúde e assistência de idosos (Lares de 3ª idade, centros de dia);
- Perda de dinamismo e espírito empreendedor (falta de jovens);
- Reduzido crescimento da população que pode não levar à renovação de gerações;



Consequências de uma estrutura etária jovem

- O nível de instrução:
 - Elevadas taxas de analfabetismo
 - existência de trabalho infantil
 - Os filhos são uma fonte de riqueza;
- Elevada taxa de desemprego:
 - atividades ilícitas, como a prostituição, o tráfico de droga, bem como o aumento da criminalidade;
- Subnutrição e falta de habitação que promove os bairros de lata;



ATA DO NÚCLEO DE ESTÁGIO

Aos dezasseis dias do mês de abril do ano dois mil e treze, pelas dezassete horas, sob a presidência da professora cooperante de Geografia, Elza Mesquita, reuniu-se o núcleo abaixo indicado, com a presença dos seguintes elementos: -----

Nome	Assinatura
Elza Mesquita	
Patrícia Martins	
Márcia Carvalhido	

A ordem de trabalhos da reunião foi a seguinte:-----

Ponto único – Análise aula assistida-----

Assuntos tratados/Deliberações:-----

Deu-se início à reunião com a análise da aula assistida da estagiária Patrícia Martins.

A professora cooperante de Geografia, considerou esta aula do ponto de vista pedagógico bom e que a professora observada se encontrava mais calma e segura, que o plano foi cumprido corretamente e a aula teve um fio condutor do início ao fim da aula. Ainda referiu que do ponto de vista disciplinar não havia nada a considerar, dado que os alunos não têm problemas de comportamento. Observou ainda que houve um bom feedback por parte dos alunos, sendo que se mantiveram motivados. Salientou que a exploração dos mapas foi boa mas que poderia ter mandado os alunos escrever no caderno as conclusões do mapa, referiu ainda que como aspeto positivo manda os alunos passar os esquemas da aula para o caderno. Ainda referiu que a escolha das

imagens foi bem conseguida pois a exploração realizada pelos alunos foi positiva, por fim salientou que a repetição dos conteúdos a medida que a aula ia decorrendo foi uma mais-valia.-----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.-----

-

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.-----

-

A Secretária,

A Presidente da Reunião,

Visto em ___ de _____ de dois mil e treze.

Nome: _____ Ano: ____ Turma: ____

FICHA DE TRABALHO

1. Observa as pirâmides etárias representadas pelas letras A e B.

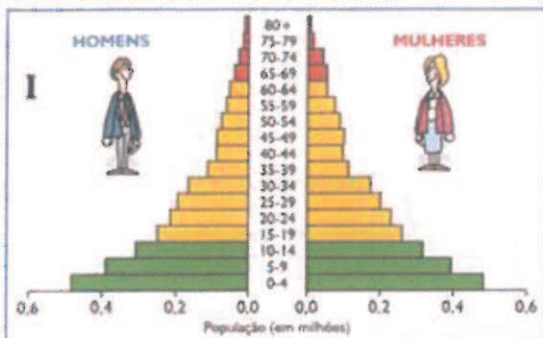


Figura A.

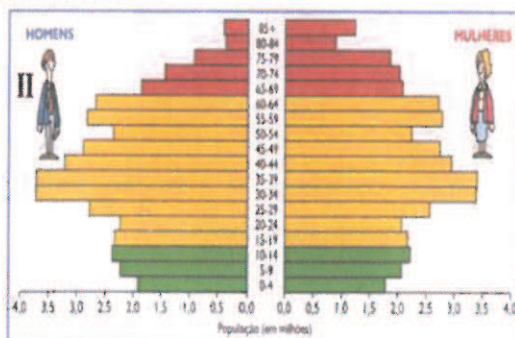


Figura B.

1.1 Completa as frases que se seguem colocando as letras A ou B nos espaços em branco, de modo a torná-las verdadeiras.

- A pirâmide ____ apresenta uma grande percentagem de jovens.
- A pirâmide ____ possui uma taxa de natalidade elevada.
- A pirâmide ____ tem um elevado número de idosos.
- A população da pirâmide ____ vive até mais tarde.
- A população da pirâmide ____ tem maior taxa de mortalidade.
- A população da pirâmide ____ é envelhecida.
- A população da pirâmide ____ é jovem.

2. As figuras representam duas pirâmides etárias de países com grau de desenvolvimento económico diferente. Analisa as pirâmides e responde.

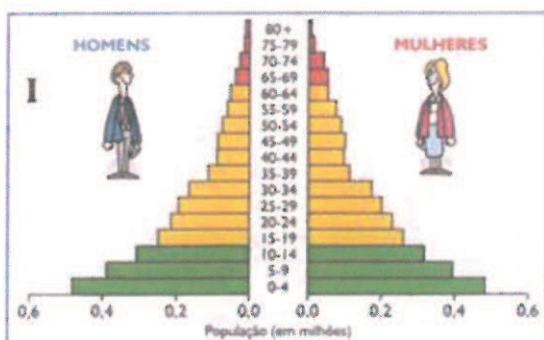


Figura A

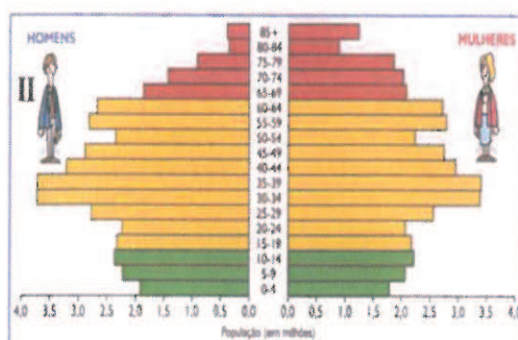


Figura B

2.1 Caracteriza a pirâmide A quanto à forma.

2.2 Compara a classe dos jovens nas figuras A e B.

2.3 Indica qual delas corresponde a uma estrutura mais envelhecida.

3. Considerando as pirâmides A e B, indica as afirmações verdadeiras (V) e as falsas (F).

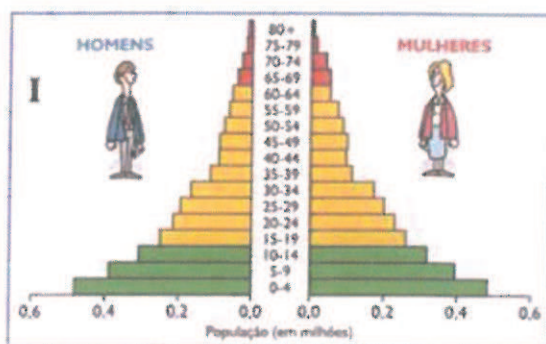


Figura A

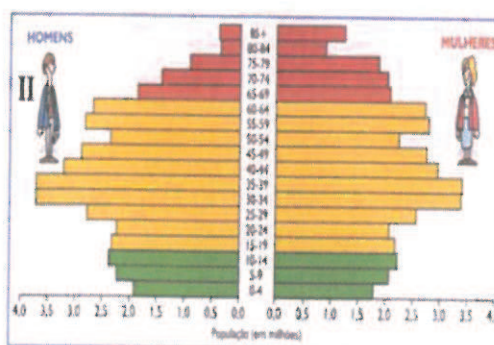


Figura B

3.1 A pirâmide A é característica de um país:

- Com uma taxa de natalidade baixa.
- Com uma elevada esperança média de vida.
- Com uma taxa de natalidade elevada.
- Que não aplica medidas de controlo de natalidade.
- Trabalho infantil é proibido.
- Elevada taxa de desemprego.

3.2 A pirâmide B é característica de um país:

- Com uma taxa de natalidade baixa.
- Com uma esperança média de vida reduzida.
- Com uma taxa de natalidade elevada.
- Que não aplica medidas de controlo de natalidade.
- Diminuição da população ativa.
- Elevadas taxas de analfabetismo.



Bom trabalho!

A professora: Patrícia Martins

Anexo 21 - Pedido da "Visita de estudo ao centro histórico do Porto - Os Caminhos do Liberalismo"



AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS DO VISO - 150400

ESCOLA SEDE: EB 2.3 DO VISO - 343432



PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO DE VISITA DE ESTUDO

(DE ACORDO COM OFÍCIO-CIRCULAR N.º21/04, DE 11/03/2004 DA DREN)

ESTABELECIMENTO DE ENSINO

Escola EB 2/3 do Viso

ROTEIRO DA VISITA

1- Concentração na EB 23 do Viso –13.45h (6.ª feira, 26 de abril)

2- Percurso até à Praça da República, depois visita aos Paços do Concelho, passagem pela rua dos Almadás e pela praça da Liberdade (14h30-17h30)

4 – Regresso à EB 23 do Viso – 18.20h

RAZÕES JUSTIFICATIVAS DA VISITA

Proporcionar aos alunos o contato direto dos alunos com os espaços que foram essenciais para a implantação do liberalismo em Portugal. Disponibilizar recursos que permitam aos alunos treinar a orientação espacial e temporal.

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS DA VISITA

- Motivar os alunos para os conteúdos lecionados nas disciplinas de História e Geografia;
- Conhecer os locais, na cidade do porto, que serviram de palco para a implantação do liberalismo;
- Orientar os alunos no espaço

GUIÃO DE EXPLORAÇÃO DO (S) LOCAL(AIS) A VISITAR

Os alunos serão motivados para a visita através de um panfleto que servirá de guia da visita

PORTFÓLIO DA VISITA

Será produzida uma notícia para o jornal escolar, acompanhada por registos fotográficos.

REGIME DE AVALIAÇÃO DAS/DOS CRIANÇAS/ALUNOS

Resposta a questões ao longo da visita

NOTA: A AVALIAÇÃO DO PROJECTO É FEITA EM DOCUMENTO PRÓPRIO (RELATÓRIO DA VISITA DE ESTUDO)

PROPOSTA DE ACTIVIDADES PARA OS ALUNOS NÃO ENVOLVIDOS E CUJOS PROFESSORES FALTARÃO EM VIRTUDE DA SUA PARTICIPAÇÃO NA VISITA

Todos os alunos da turma estão envolvidos na visita.

CALENDARIZAÇÃO DA VISITA

17 de Maio (6.ª feira da parte da tarde).

CRIANÇAS/ALUNOS (Pré-Escolar/Ano de escolaridade – Turma/Número)

Todos os alunos das turmas do 8ºA e do 8º B

DOCENTES E NÃO DOCENTES ACOMPANHANTES (Nomes)

Marta Pinto, Elza Mesquita, Lígia Eiras, Patrícia Martins, Márcia Carvalhido e Ana professoras dinamizadoras da visita.

MEIO DE TRANSPORTE (Referir o tipo e número de lugares do veículo)

Autocarro.

CUSTOS DA VISITA

Bilhetes para o autocarro

FINANCIADA POR

HORÁRIOS

PARTIDA	CHEGADA
---------	---------

6.^a feira – 13h45

6.^a feira – 18h20

**REFEIÇÃO (Implica refeição fora? – Levada por crianças/alunos?
Noutra Escola?)**

Não é necessário.

**IMPLICA SUSPENSÃO DE AULAS? QUAIS? – IMPLICA ALTERAÇÃO
DE HORÁRIO?**

A turma não tem aulas na 6.^a feira da parte da tarde.

*NOTA: A ALTERAÇÃO DE HORÁRIO TEM DE SER ACEITE POR ESCRITO PELO ENCARREGADO DE
EDUCAÇÃO*

Aprovada no Conselho de Turma

A Diretora de Turma _____

A Presidente do Conselho Pedagógico

Anexo 22 - Guião “Visita de estudo ao centro histórico do Porto - Os Caminhos do Liberalismo”



Escola EB 2/3 do Viso

Disciplinas de Geografia e História

Guião do aluno

Nome: _____

N.º _____

Turma: _____

Visita de Estudo

Centro Histórico do Porto

“Os caminhos do Liberalismo”



8º Ano

17 de Maio de 2013

Introdução

A visita de Estudo ao Centro Histórico do Porto implica uma interdisciplinaridade entre as disciplinas de História e Geografia, e incide sobre o subtema de Geografia – Áreas de Fixação Humana – cidade e do tema de História o Liberalismo. Tem como finalidade verificar os fenómenos espaciais que se desenvolveram e desenvolvem na cidade do Porto e a singularidade da sua paisagem, através da observação e contacto diretos com a realidade da cidade, ao mesmo tempo que consolida conteúdos históricos que caracterizam essa mesma cidade.

Objetivos:

- Observar, descrever e interpretar o meio urbano da cidade do Porto, no espaço, tempo, concretamente;
- Ler e interpretar mapa e fotografias das zonas da cidade a visitar;
- Identificar fases do Liberalismo;
- Observar, in loco, os locais relacionados com o liberalismo;
- Identificar património histórico e cultural local;
- Desenvolver competências de socialização fora do espaço escola e sala de aula, com os professores e com os colegas.

Material necessário:

- Caneta ou lápis e borracha.
- Bloco de notas ou caderno.
- Guião e mapas.
- Máquina fotográfica.

Itinerário

Partida: 14:15h- Escola EB 2/3 do Viso

Meio de Transporte: metro/ autocarro

Percurso a pé:

- **R. D. Manuel II:** observação do atual Museu Soares dos Reis, que durante a guerra civil liberal foi a residência e quartel de D. Pedro IV, sendo conhecido então como Palácio das Carrancas.
- **Campo dos Mártires da Pátria:** referência aos liberais enforcados aquando do terror miguelista, os *mártires da Pátria*.
- **R. Barbosa de Castro – Passeio das Virtudes:** observação da casa onde nasceu Almeida Garrett, poeta romântico português e soldado das tropas liberais.
- **Ribeira:** o acontecimento da Ponte das Barcas e *alminhas* que perpetuam a memória do desastre ocorrido durante a 2ª invasão francesa.
- **Praça da Liberdade:** explicação que esta praça foi o antigo Campo das Hortas, depois Praça Nova e ainda Praça de D. Pedro IV. Observação da Estátua de D. Pedro IV.
- **Praça da República:** Na Praça da República tiveram lugar diversos acontecimentos político-militares, especialmente em 1820, onde decorreu a concentração das tropas liberais.

Chegada: 18:20H Escola EB 2/3 do Viso



Regras:

- Respeitar os colegas e professores;
- Comportar-se ordeiramente e com civismo;
- Permanecer sempre junto dos colegas de turma e professores;
- Seguir estritamente as indicações dadas pelo professor;
- Realizar as tarefas propostas no guião da visita de estudo.

Vamos percorrer o Porto do Liberalismo!!



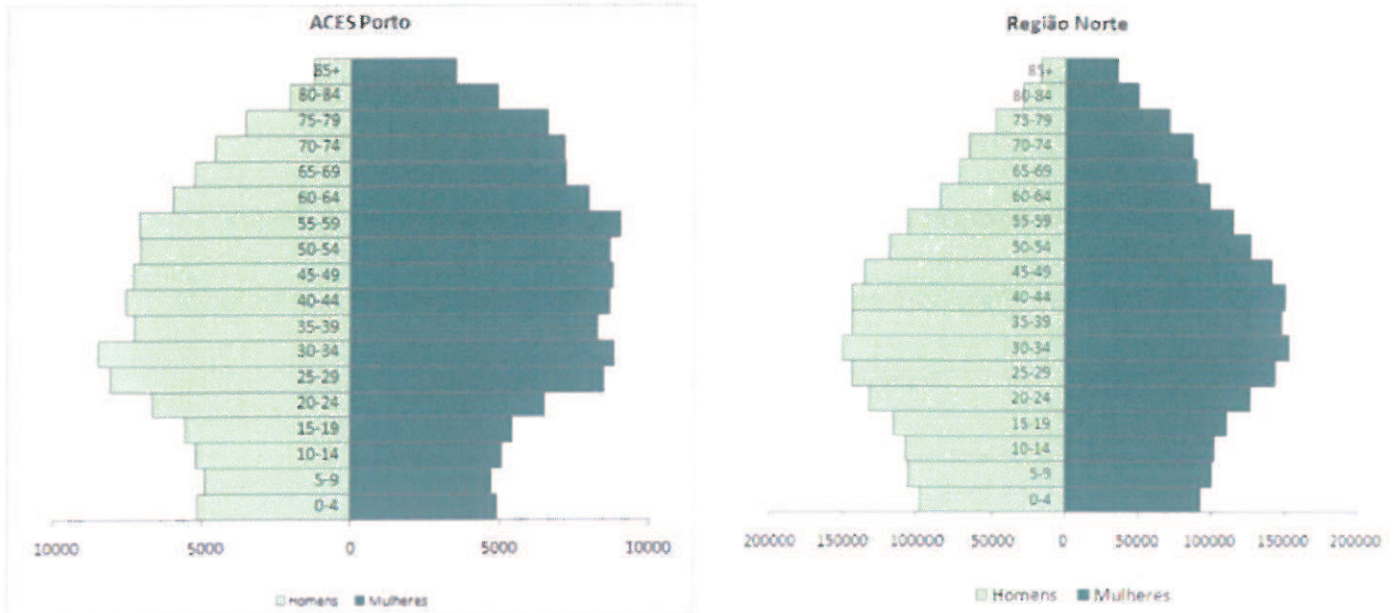
Centro Histórico do Porto

Um pouco de Geografia

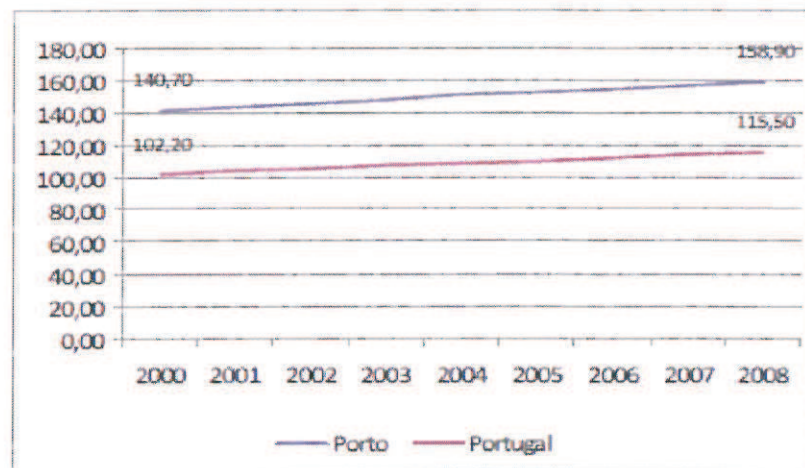
O **Porto** é uma cidade portuguesa situada no noroeste da Península Ibérica, sede do município homónimo com 41,66 km² de área, tendo uma população de 237.584 habitantes (2011). A cidade é a capital do Distrito de Porto, da Área Metropolitana do Porto e da região estatística do Norte, sub-região do Grande Porto. A cidade metrópole, constituída pelos municípios adjacentes que formam entre si um único aglomerado urbano, conta com cerca de 1.286.276 habitantes, o que a torna a maior do noroeste peninsular e a segunda maior de Portugal, após a Grande Lisboa.

Os principais indicadores demográficos

Pirâmides etárias do Concelho do Porto e Região Norte 2001



Evolução do índice de dependência de idosos em Portugal e no concelho do Porto



Centro Histórico do Porto

Tem origem num povoado pré-romano. Na época romana designava-se Cale ou Portus Cale, sendo a origem do nome de Portugal. No ano de 868, Vímara Peres, fundador da terra portuguesa, teve uma importante contribuição na conquista do território aos Mouros, restaurando assim a cidade de Portucale.

Em 1111, D.Teresa, mãe do futuro primeiro rei de Portugal, concedeu ao bispo D.Hugo o couto do Porto. Das armas da cidade faz parte a imagem de Nossa Senhora. Daí o facto de o Porto ser também conhecido por "cidade da Virgem", epítetos a que se devem juntar os de "Antiga, Mui Nobre, Sempre Leal e Invicta", que lhe foram sendo atribuídos ao longo dos séculos e na sequência de feitos valorosos dos seus habitantes, e que foram ratificados por decreto de D. Maria II de Portugal.

Foi dentro dos seus muros que se efectuou o casamento do rei D. Joao I de Portugal com a princesa inglesa D. Filipa de Lencastre. A cidade orgulha-se de ter sido o berço do infante D.Henrique, o navegador. Desempenhou um papel fundamental na defesa dos ideais do liberalismo nas batalhas do século XIX. Aliás, a coragem com que suportou o cerco das tropas miguelistas durante a guerra civil de 1832-34 e os feitos valerosos cometidos pelos seus habitantes -- o famoso Cerco do Porto valeram-lhe mesmo a atribuição, pela rainha D.Maria II, do título -- único entre as demais cidades de Portugal -- de Invicta Cidade do Porto (ainda hoje presente no listel das suas armas), donde o epíteto com que é frequentemente mencionada por antonomásia - a «Invicta»).

Alberga numa das suas muitas igrejas - a da Lapa - o coração de D. Pedro IV de Portugal, que o ofereceu à população da cidade em homenagem ao contributo dado pelos seus habitantes à causa liberal. Devido aos sacrifícios que fizeram para apoiar a preparação da armada que partiu, em 1415, para a conquista de Ceuta, tendo a população do Porto oferecido aos expedicionários toda a carne disponível, ficando apenas com as tripas para a alimentação, tendo com elas confeccionado um prato saboroso que hoje é menu obrigatório em qualquer restaurante.

Os naturais do Porto ganharam a alcunha de "tripeiros", uma expressão mais carinhosa que pejorativa.

Rua D. Manuel II

Poucos anos após o levantamento do cerco miguelista, mais precisamente em 1838, a Câmara do Porto, evocando a vitória liberal, determinou que a Rua dos Quartéis, hoje de D. Manuel II, passasse a ostentar a designação de Rua do Triunfo. O topónimo então despromovido - Rua dos Quartéis - tivera origem num conjunto de edifícios destinados a aquartelamento militar que ali haviam sido erguidos pelos finais do século XVII.

À exceção de um portal de granito - cujo estilo tem fundamentado a presunção de que a obra remonta ao século XVII -, pouco resta destes primitivos quartéis, substituídos pelo actual edifício da Reitoria da Universidade do Porto, onde esteve sediado, desde o início de Oitocentos, o Regimento de Infantaria 6.

Nos anos que antecederam o Cerco do Porto, de 1829 a meados de 1832, o governo miguelista instalou aqui o Regimento de Infantaria 19, depois novamente substituído pelo anterior, que só veio a ceder o edifício, já neste século, ao Batalhão de Metralhadoras 3.



Campo dos Mártires da Pátria

O Campo dos Mártires da Pátria, antigo Largo do Olival, no Porto, mudou de nome em homenagem aos doze "Mártires da Liberdade" que foram enforcados por ordem dos tribunais miguelistas em 1829, e entre os quais se destaca António Bernardo de Brito e Cunha (1781-1829).



Rua Barbosa de Castro

Passeio das Virtudes: observação da casa onde nasceu Almeida Garrett, poeta romântico português e soldado das tropas liberais.



Ribeira

A chamada **Ponte das Barcas** foi uma ponte sobre o Rio Douro que existiu na cidade do Porto no início do século XIX, construída sobre barcaças.

A necessidade de haver uma travessia para a margem Sul do Douro para circulação de pessoas e mercadorias do Porto, constituiu uma preocupação permanente ao longo dos séculos. Ao longo dos tempos houve várias "pontes das barcas" construídas para determinados propósitos, como a rápida deslocação de contingentes militares. No entanto, por regra a travessia do Douro fazia-se com recursos a barcos, jangadas, barcaças ou batelões.

A **Ponte das Barcas**, construída com objetivos mais duradouros, foi projetada por Carlos Amarante e inaugurada a 15 de Agosto de 1806. Era constituída por vinte barcas ligadas por cabos de aço e que podia abrir em duas partes para dar passagem ao tráfego fluvial.

Foi nessa ponte que se deu a tristemente célebre catástrofe da **Ponte das Barcas**, em que milhares de vítimas pereceram quando fugiam, através da ponte, às cargas de baioneta das tropas da segunda invasão francesa, comandada pelo marechal Soult, em 29 de Março de 1809. Mais de quatro mil pessoas morreram.

Reconstruída depois da tragédia, a **Ponte das Barcas** acabaria por ser substituída definitivamente pela Ponte Pênsil em 1843.



Praça da Liberdade

Anteriormente, a atual Praça da Liberdade designou-se por *Casal* ou *Lugar de Paio de Novais* e *Sítio* ou *Fonte da Arca* (durante o século XV); *Lugar* ou *Praça da Natividade* (depois de 1682, devido à fonte lá construída nesse ano); *Quinta*, *Campo* ou *Sítio das Hortas* (até 1711); *Praça Nova das Hortas* (depois de 1711); *Praça da Constituição* (1820); *Praça de D. Pedro IV* (1833) e, ainda que por poucos dias, *Praça da República* (13 de outubro de 1910). A designação presente — Praça da Liberdade — foi adotada em 27 de outubro de 1910. O nome é uma alusão ao sistema republicano de governo.



Infantaria 18 – Quartel (Praça de Santo Ovídeo)

Foi no Porto, que surgiu o Sinédrio (associação secreta de cariz liberal), que



prepara a revolução de 24 de agosto de 1820, liderada por Fernandes Tomás. Juntam-se a ele José da Silva Carvalho, José Ferreira Borges e os militares Comandante do Regimento de Infantaria 18, Castro e Sepúlveda, o Brigadeiro António Silveira e o

Coronel Cabreira. O Regimento de Infantaria 18 estava situado no Quartel da Praça de Santo Ovídeo (agora denominada Praça da República). E é assim que na manhã do dia 24 de agosto de 1820 aqui, nesta Praça e neste Quartel, toda a guarnição do Porto jura fidelidade ao liberalismo e se forma uma Junta Provisional do Governo Supremo do Reino.

Verificando
Conhecimentos



Verifica se sabes ...

Assinala com um X resposta certa

A planta da Ribeira do Porto é do tipo

- a) Ortogonal
- b) Irregular
- c) Radioconcêntrica



Rua D. Manuel II

Poucos anos após o levantamento do cerco miguelista, mais precisamente em 1838, a Câmara do Porto, evocando a vitória liberal, determinou que a Rua dos Quartéis, hoje de D. Manuel II, passasse a ostentar a designação de...

- a) Rua do Triunfo
- b) Rua do Absolutismo

Campo dos Mártires da Pátria

O Campo dos Mártires da Pátria, antigo Largo do Olival, no Porto, mudou de nome em homenagem aos doze "Mártires da Liberdade"

- a) Que foram enforcados por ordem dos tribunais liberais
- b) Que foram enforcados por ordem dos tribunais miguelistas

Rua Barbosa de Castro

No Passeio das Virtudes podemos observar a casa

- a) Onde nasceu Eça de Queirós
- b) Onde nasceu Almeida Garrett

Ribeira

A catástrofe da Ponte das Barcas aconteceu quando

- a) As pessoas fugiam dos ataques das tropas francesas
- b) As pessoas fugiam dos ataques das tropas inglesas

Praça da Liberdade

Em 1833 a Praça da Liberdade teve a designação de


- a) Praça de D. Pedro IV
- b) Praça de D. Miguel

Infantaria 18 – Quartel (Praça de Santo Ovídeo)

Foi no Quartel localizado na Praça de Santo Ovídeo (atual Praça da República) que em 1820...

- a) Os militares juraram fidelidade ao absolutismo
- b) Os militares juraram fidelidade ao liberalismo e formaram uma Junta Provisional do Governo Supremo do Reino

Agora ireis fazer a autoavaliação desta visista de estudo. Assinalai com um X o que for mais correto!



AVALIAÇÃO	 Quase Nunca	 Às vezes	 Sempre
Prestei atenção às informações fornecidas.			

Realizei as atividades propostas.			
Revelei autonomia e responsabilidade nas várias fases do percurso.			
Relacionei-me bem com os colegas.			
Relacionei-me com os professores.			

Apreciação global da visita de estudo:


	Muito	Pouco	Nada
Gostei da Visita de Estudo			

O que mais gostei foi:

O que menos gostei foi:


Anexo 23 - Fotos da "Visita de estudo ao centro histórico do Porto - Os Caminhos do Liberalismo"





As Alterações Climáticas no Alasca

Convidado: Professor Doutor João Santos




O Alasca é o local do mundo onde são mais visíveis as alterações climáticas.

Local:
Biblioteca
Escola do Viso

Data: 24 de
Maio de 2013
Hora: 15:00h

Contámos contigo!!




❖ Promotores-Núcleo de Estágio Universidade Portucalense : Ana Loureiro, Lígia Eiras, Márcia Carvalho e Patrícia Martins
❖ Docentes titulares: Dr. Elza Mesquita e Dr. Marta Pinto

Anexo 25 - Fotografias do Colóquio em Geografia “As alterações Climáticas”.



Anexo 26 - Teste de Avaliação Sumativa de História

	ESCOLA BÁSICA 2.º e 3.º Ciclos do Viso	Classificação:
	Ano Letivo 2012/2013	Assinatura da Professora:
Ficha de Avaliação de História – 8º Ano		Assinatura do EE:
Nome: _____	Número: _____	
_____ Turma: 8º __	Data: ___/___/2013	

Lê o teste com atenção e procura responder de forma correta.

G.2. As Revoluções Liberais

1. Lê o documento e observa a imagem:



contemnte possa ser perpetuamente governado por uma ilha.

O nascimento de um novo mundo está ao alcance das nossas mãos [...]. A distância com que o Criador separou a Inglaterra da América é uma prova natural de que a autoridade de uma sobre a outra nunca esteve nos desígnios da Providência [...]. Há algo de absurdo em supor que um

Thomas Paine, *O Senso Comum*

1.1. Indica os motivos que levaram os colonos ingleses da América do Norte a proclamar a Declaração da Independência, em 1776.

1.2. Explica o significado do acontecimento representado na imagem.



2. Lê o documento:

Nós, o povo dos Estados Unidos [...], ordenamos e estabelecemos a seguinte Constituição:

Artigo 1º: Todos os poderes legislativos [...] serão confiados a um Congresso [...].

Artigo 2º: O poder executivo será confiado a um Presidente [...].

Artigo 3º: O poder judicial dos EUA será confiado a um Supremo Tribunal.

Extraído da Constituição dos EUA (1787)

2.1. Descreve os princípios políticos presentes na Constituição de 1787.

2.2. Avalia a importância da independência dos Estados Unidos da América.



1. Observa as figuras:

1.1. Descreve a situação económica e social da França nas vésperas da revolução de 1789.

1.2. Indica o regime político que vigorava na França nas vésperas da revolução francesa.

2. Lê o documento:

A nobreza goza de tudo, possui tudo e quereria libertar-se de tudo; no entanto, se a nobreza comanda os exércitos, é o Terceiro estado que os compõe; se a nobreza deita uma gota de sangue, o Terceiro Estado verte torrentes; enfim, o Terceiro Estado paga tudo e não goza nada.

O governo deveria estabelecer um imposto único, em géneros ou em dinheiro (...) fazendo contribuir os eclesiásticos e os nobres, que a ele devem estar sujeitos, tal como o Terceiro estado. Que seja redigida uma lei que assegure a liberdade aos cidadãos.

Caderno de Queixas

2.1. Refere a solução proposta a Luís XVI pelos sucessivos ministros das finanças para resolver a crise.

2.2. Enumera os grupos sociais que faziam parte dos Estados Gerais.

2.3. Descreve o que aconteceu nos Estados Gerais.

3. Lê o documento:

Declaração dos Direitos do Homem do Cidadão

A Assembleia Nacional reconhece e declara os seguintes direitos do homem e do cidadão:

Artigo 1º - Todos os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos; as diferenças sociais assentam exclusivamente no bem comum.

Artigo 2º - A finalidade de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão.

Artigo 3º - O princípio de toda a soberania reside essencialmente na Nação.

Assembleia Nacional Constituinte (26 de Agosto de 1789)

Manifesto político de Napoleão como primeiro cônsul

Franceses! Tornar a República querida dos cidadãos, respeitada pelos estrangeiros e temida pelos inimigos, tais são as obrigações que nos propusemos ao aceitar a primeira magistratura. Ela será querida dos cidadãos se as leis e os actos de autoridade forem sempre inspirados no espírito da ordem, da justiça e da moderação. (...)

A República será temida pelos inimigos se os seus exércitos de terra e mar forem fortes. (...) Destes princípios advirão a estabilidade do governo, o progresso do comércio e da agricultura, a grandeza e a prosperidade da Nação.

Napoleão Bonaparte (Dezembro de 1799)

3.1. Resume as circunstâncias em que foi aprovada a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*.

3.2. Diz o que entendes por governo do Terror.

3.3. Descreve sucintamente a ação política de **Napoleão Bonaparte**.



4. Observa a imagem:

4.1. Resolve o enigma e encontrarás os ideais da Revolução Francesa.

4.2. Escreve um pequeno texto sobre a importância da revolução francesa.

Bom Trabalho!

Anexo 27 - Teste de Avaliação Sumativa de Geografia

QUESTIONÁRIO

Caro (a) aluno (a),

somos uma Equipa do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense e pretendemos obter indicadores sobre metodologias de ensino que os alunos de História (3.º ciclo e secundário) mais valorizam no contexto das suas aprendizagens. Pedimos a tua colaboração através do preenchimento do questionário que se segue. Não há respostas corretas ou incorretas, todas são válidas, desde que traduzam a tua forma de pensar e de agir. Toda a informação fornecida é estritamente confidencial, não sendo possível fazer a tua identificação individual. Todavia, caso estejas interessado, serás informado sobre os resultados alcançados.

Desde já agradecemos a tua disponibilidade e colaboração.

PARTE I – CARATERIZAÇÃO PESSOAL

1 – Idade anos

2 – Sexo:

▪ Feminino

▪ Masculino

3- Frequentas que ano de escolaridade?

7º ano de escolaridade

10º ano de escolaridade

8º ano de escolaridade

11º ano de escolaridade

9º ano de escolaridade

12º ano de escolaridade

4 – Agregado Familiar

Parentesco	Idade	Habilitação académica	Profissão	Empregado ou Desempregado
Pai				
Mãe				
Outros (Quem?)				

Com quem vives? _____

5 – Percurso Escolar (Assinala com um x e, depois, responde brevemente)

	Sim	Não	
Ficaste retido algum ano?			Qual(is)?
Estudas História todos os dias?			Quanto tempo?
Estudas habitualmente em casa?			Em que local?
Alguém te ajuda a estudar?			Quem?
Tiveste negativas no ano anterior?			Em que disciplina(s)?
Tiveste notas muito boas no ano anterior?			Indica quais e que notas tiraste.

PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS NO ENSINO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA

6. Gostas de História?

Sim (responde às questões 6.1 e 6.2) Não (responde às questões 6.3 e 6.4)

6.1. Gosto de História porque: (selecciona três opções)

- Descubro temas de interesse atual
- Valorizo o que aconteceu no passado
- Compreendo melhor a presença de alguns monumentos na nossa região
- Conheço homens e mulheres importantes
- Gosto de conhecer o quotidiano dos Homens da História
- Consigo encontrar semelhanças com o que se passa no presente
- Gosto de batalhas e das suas descrições
- A história faz-me pensar
- Gosto de ler documentos antigos

Outras quais?

6.2. Que temas de História te despertam mais interesse: (selecciona três opções)

- Pré-história e arqueologia
- Sociedades recolectoras
- Civilização greco-romana
- Idade Média
- Renascimento
- Temas de arte
- Descobrimientos
- Liberalismo
- Revolução Industrial

Outros, quais?

6.3. Não gosto de História porque: **(seleciona três opções)**

- Os temas abordados não são interessantes
 - Não valorizo o passado
 - Não me interessa conhecer o quotidiano dos Homens da História
 - Os temas são muito teóricos e pouco úteis
 - Não consigo encontrar semelhanças com o que se passa no presente
 - Não gosto de batalhas e das suas descrições
 - A história obriga a muita memorização
 - Não gosto de ler documentos antigos
- Outras quais?
-

6.4. Que temas de História gostas menos: **(seleciona três opções)**

- Pré-história e arqueologia
 - Sociedades recolectoras
 - Civilização greco-romana
 - Idade Média
 - Renascimento
 - Temas de arte
 - Descobrimientos
 - Liberalismo
 - Revolução Industrial
- Outros, quais?
-

7. Com base nas aulas do teu professor de História , preenche a seguinte tabela.

	Nunca	Poucas vezes	Algumas	Muitas vezes
▪ Já desenhaste e analisaste mapas?				
▪ Já tocaste em objetos arqueológicos?				
▪ Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?				
▪ Realizas trabalhos individuais de pesquisa?				
▪ Costumas fazer a análise de documentos?				
▪ Elaboras e analisas tabelas cronológicas/ cronologias?				
▪ Já trabalhaste em grupo?				
▪ Costumas interpretar imagens, fotografias, etc.?				
▪ Fazes representações teatrais na sala de aula?				
▪ É habitual veres imagens/ objetos antigos?				
▪ Discutes assuntos nas aulas?				
▪ Realizas debates à volta de uma mesa?				

▪ Já descreveste a vida de personalidades?				
▪ Já fizestes um trabalho com professores de várias disciplinas?				
▪ Já elaboraste e analisaste gráficos?				
▪ Já construístes <i>dossiers</i> temáticos?				
▪ Já construístes um dicionário de conceitos/ glossário?				
▪ É habitual fazeres resumos?				
▪ Já fizeste visitas de estudo através da internet?				
▪ Já elaborastes trabalhos usando as tecnologias?				
▪ O professor costuma expor a matéria?				
▪ Fazes <i>Portfolio</i> ?				
▪ <i>O teu professor anota as tuas ideias no quadro?</i>				
▪ Fazes trabalhos com um objetivo específico?				
▪ Resolves situações-problema?				
▪ Já simulaste situações históricas?				
▪ Constróis esquemas?				
▪ <i>Recebes convidados nas tuas aulas?</i>				
▪ Participas em conferências sobre temas?				

8. O professor usa tecnologias na sala de aula?

Sim

Não

8.1. Se sim, quais?

PowerPoint

Internet

Quiz

Webquest

Prezi

Outras? Quais? _____

Obrigada pela tua colaboração e disponibilidade.

Ao proporcionar diferentes possibilidades de aproximação ao contexto educativo, o estágio cria condições para a autonomia. No decurso desse ano de experiência, o futuro docente desenvolve as competências indispensáveis ao exercício da profissão, por meio da participação em múltiplas atividades que têm lugar na Escola, pela experiência que adquire no campo da didática refletindo e avaliando criticamente as diferentes estratégias educativas que vai ensinando.”

Documento da responsabilidade de uma comissão Ad hoc do Conselho de Reitores da Universidade Portuguesa (CRUP (2001. 4 – 5) pág 23.

Anexo 29 - Questionário de Geografia aplicado a três turmas.

QUESTIONÁRIO

Caro (a) aluno (a),
somos uma Equipa do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense e pretendemos obter indicadores sobre metodologias de ensino que os alunos de Geografia (3.º ciclo e secundário) mais valorizam no contexto das suas aprendizagens. Pedimos a tua colaboração através do preenchimento do questionário que se segue. Não há respostas corretas ou incorretas, todas são válidas, desde que traduzam a tua forma de pensar e de agir. Toda a informação fornecida é estritamente confidencial, não sendo possível fazer a tua identificação individual. Todavia, caso estejas interessado, serás informado sobre os resultados alcançados.

Desde já agradecemos a tua disponibilidade e colaboração.

PARTE I – CARATERIZAÇÃO PESSOAL

1 – Idade anos

2 – Sexo:

▪ Feminino

▪ Masculino

3- Frequentas que ano de escolaridade?

7º ano de escolaridade

10º ano de escolaridade

8º ano de escolaridade

11º ano de escolaridade

9º ano de escolaridade

12º ano de escolaridade

4 – Agregado Familiar

Parentesco	Idade	Habilitação académica	Profissão	Empregado ou Desempregado
Pai				
Mãe				
Outros (Quem?)				

Com quem vives? _____

5 – Percurso Escolar (Assinala com um x e, depois, responde brevemente)

	Sim	Não	
Ficaste retido algum ano?			Qual(is)?
Estudas Geografia todos os dias?			Quanto tempo?
Estudas habitualmente em casa?			Em que local?
Alguém te ajuda a estudar?			Quem?
Tiveste negativas no ano anterior?			Em que disciplina(s)?
Tiveste notas muito boas no ano anterior?			Indica quais e que notas tiraste.

PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS NO ENSINO DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

6. Gostas de Geografia?

Sim (responde às questões 6.1 e 6.3) Não (responde às questões 6.2 e 6.3)

6.1. Gosto de Geografia porque: (ordena por ordem de concordância sendo o algarismo 1 o de maior concordância e o algarismo 4 o de menor concordância)

- Descubro temas de interesse atual
 - Valorizo o que acontece a nível local, regional e no mundo
 - Conheço melhor o espaço físico e natural
 - Compreendo melhor a relação entre o Homem e o Meio
- Outras quais?
-

6.2. Não gosto de Geografia porque: (ordena por ordem de concordância sendo o algarismo 1 o de maior concordância e o algarismo 4 o de menor concordância)

- Os temas abordados não são interessantes
 - Os temas são muito abstratos e pouco úteis
 - Não gosto de analisar e construir gráficos e mapas
 - Tem alguma Matemática
- Outras quais?
-

6.3. Que temas de Geografia te despertam mais interesse: (ordena por ordem de concordância sendo o algarismo 1 o de maior concordância e o algarismo 8 o de menor concordância)

- Relevo
 - Clima e estado do tempo
 - Rios
 - Vegetação
 - Cidades
 - População
 - Agricultura e pescas
 - Ambiente e Recursos Naturais
- Outros, quais?
-

7. Com base nas aulas do teu professor de Geografia , preenche a seguinte tabela.

	Nunca	Poucas vezes	Algumas	Muitas vezes
▪ Já desenhaste e analisaste mapas?				
▪ Já desenhaste e analisaste gráficos?				
▪ Com que frequência vês e comentas filmes/documentários?				
▪ Realizas trabalhos individuais de pesquisa?				
▪ Já trabalhaste em grupo?				
▪ Costumas interpretar mapas, imagens, fotografias, etc.?				
▪ Discutes assuntos nas aulas?				
▪ Realizas debates à volta de uma mesa?				
▪ Já fizestes um trabalho com professores de várias disciplinas?				
▪ Já construístes <i>dossiers</i> temáticos?				
▪ É habitual fazeres resumos?				
▪ Já fizeste visitas de estudo através da internet?				
▪ Já elaborastes trabalhos usando as tecnologias?				
▪ O professor costuma expor a matéria?				
▪ Fazes <i>Portfolio</i> ?				
▪ O teu professor anota as tuas ideias no quadro?				
▪ Fazes trabalhos com um objetivo específico?				
▪ Resolves situações-problema?				
▪ Já saídas de campo?				
▪ Constróis esquemas?				
▪ Recebes convidados nas tuas aulas?				
▪ Participas em conferências sobre temas?				

8. O professor usa tecnologias na sala de aula?

Sim

Não

8.1. Se sim, quais?

PowerPoint

Internet

Quiz

Webquest

Prezi

Outras? Quais? _____

Obrigada pela tua colaboração e disponibilidade.

Anexo 30 – Autorização da divulgação do nome da instituição.

De: "direccao.viso.porto" <direccao.viso.porto@gmail.com>

Data: 7 de Ago de 2013 12:54

Assunto: Re: Autorização de divulgação do nome do agrupamento no relatório final de estágio

Para: "Lígia Eiras" <ligiaeiras@gmail.com>

Cc:

Boa Tarde

Em resposta ao seu email, venho informar que não há inconveniente no uso do nome do agrupamento no relatório final de Prática Pedagógica.

Atenciosamente

Paulo Oliveira